

revista

Beija-Flor

de Nilópolis

uma escola de vida



Uma escola
fazendo cidadãos

As atividades da
Beija-Flor de Nilópolis



CARROS BLINDADOS E SERVIÇO DE BLINDAGEM.
 BARRA | AV. DAS AMÉRICAS 6455 | (21) 2432 1111



100%PROGRAMADA

TUDO POSSO NAQUELE QUE ME FORTALECE.



SÉRIE E BLINDADA
 PRONTA-ENTREGA

BLINDADOS
AGO

AMÉRICAS, 645 • 2493 1500 | AYRTON SENNA, 9001 • 2421 1500

A Beija-Flor de Nilópolis é uma escola exigente. Se assim não fosse, não estaria há 26 anos se mantendo entre as primeiras colocadas no desfile do Grupo Especial, nem teria tantos títulos de campeã. Por isso, a escola não abre mão de fazer um desfile diferente, inovador e criativo a cada ano, dando o melhor de si na avenida.

E foi com esse espírito de inovação e de dedicação pessoal, que iniciamos a edição 2003 da revista "Beija-Flor - uma escola e vida". Procuramos dar às páginas da revista uma apresentação mais colorida, mantendo o rigor do conteúdo jornalístico, mas buscando assuntos que pudessem interessar o leitor.

Resolvemos inovar, detalhando o desfile de 2003 da escola. Convidamos personalidades para escrever. E conversamos com gente que faz a Beija-Flor. Nos detivemos, com mais atenção a falar das atividades sociais da Beija-Flor. É uma obra que merece a nossa divulgação e simpatia.

Podemos nos considerar satisfeitos com os resultados. Poderia ser melhor? Claro que sim. E é exatamente isso que continuaremos buscando. Fazer cada edição ser melhor do que a anterior. Fazemos isso por respeito e carinho ao Anizio e à família Beija-Flor. Essa mesma família que na Sapucaí, ano a ano, deixa para o mundo uma mensagem de alegria e esperança, capaz de contagiar o mais infeliz dos homens.

Produzimos essa revista porque acreditamos que ambos merecem uma revista de qualidade, à altura da nossa escola de samba. Uma revista que informe, divirta, esclareça... E que faça história.

E disso, temos a certeza de que juntos, na avenida e nos bastidores, estamos fazendo história. Uma história que servirá para as futuras gerações, pois nossa revista é, sem dúvida alguma, um documento vivo e indestrutível da cultura do povo brasileiro.

Por fim, queremos agradecer ao Anizio o privilégio de sua convivência e por ele ter demonstrado, mais uma vez, a grande capacidade que tem de criar o futuro. "Se produzimos essa revista, é porque tivemos a irrestrita e incondicional confiança do Anizio.

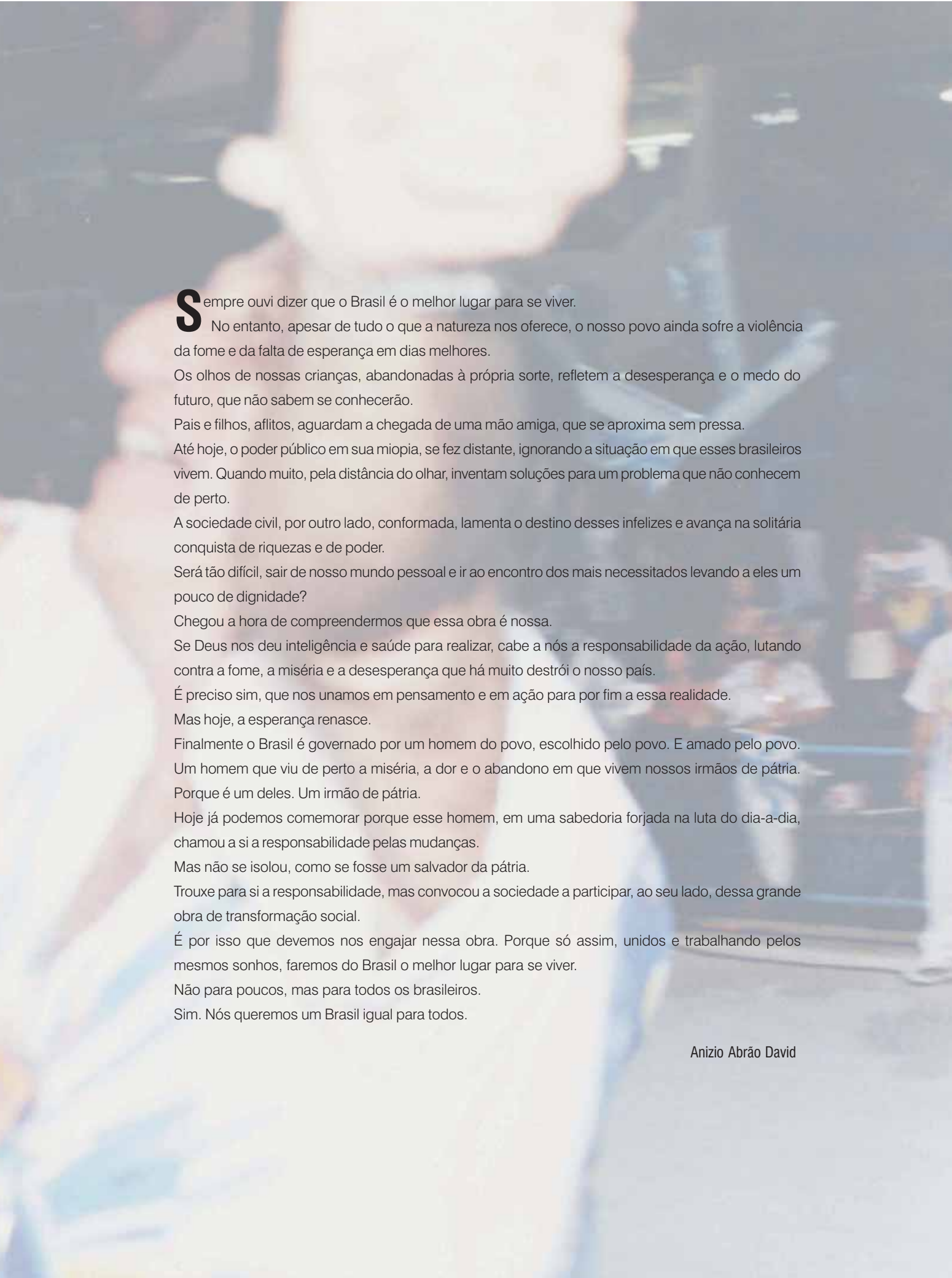
Sem ele, essa revista não seria possível".

Queremos agradecer, também, a confiança e o carinho que o nosso presidente Lula demonstrou à família Beija-Flor, que, apesar de uma agenda lotada e compromissos em nível mundial, sensibilizado, acolheu nosso pedido e escreveu uma mensagem para todos os nossos leitores. Há um significado muito profundo nessa sua atitude. E por isso, nosso sincero agradecimento.

A todos, desejamos um excelente desfile e um ano de 2003 repleto de alegrias e vitórias.

Hilton Abi Rihan e Ricardo Fonseca
Editores





Sempre ouvi dizer que o Brasil é o melhor lugar para se viver.
No entanto, apesar de tudo o que a natureza nos oferece, o nosso povo ainda sofre a violência da fome e da falta de esperança em dias melhores.

Os olhos de nossas crianças, abandonadas à própria sorte, refletem a desesperança e o medo do futuro, que não sabem se conhecerão.

Pais e filhos, aflitos, aguardam a chegada de uma mão amiga, que se aproxima sem pressa.

Até hoje, o poder público em sua miopia, se fez distante, ignorando a situação em que esses brasileiros vivem. Quando muito, pela distância do olhar, inventam soluções para um problema que não conhecem de perto.

A sociedade civil, por outro lado, conformada, lamenta o destino desses infelizes e avança na solitária conquista de riquezas e de poder.

Será tão difícil, sair de nosso mundo pessoal e ir ao encontro dos mais necessitados levando a eles um pouco de dignidade?

Chegou a hora de compreendermos que essa obra é nossa.

Se Deus nos deu inteligência e saúde para realizar, cabe a nós a responsabilidade da ação, lutando contra a fome, a miséria e a desesperança que há muito destrói o nosso país.

É preciso sim, que nos unamos em pensamento e em ação para por fim a essa realidade.

Mas hoje, a esperança renasce.

Finalmente o Brasil é governado por um homem do povo, escolhido pelo povo. E amado pelo povo.

Um homem que viu de perto a miséria, a dor e o abandono em que vivem nossos irmãos de pátria.

Porque é um deles. Um irmão de pátria.

Hoje já podemos comemorar porque esse homem, em uma sabedoria forjada na luta do dia-a-dia, chamou a si a responsabilidade pelas mudanças.

Mas não se isolou, como se fosse um salvador da pátria.

Trouxe para si a responsabilidade, mas convocou a sociedade a participar, ao seu lado, dessa grande obra de transformação social.

É por isso que devemos nos engajar nessa obra. Porque só assim, unidos e trabalhando pelos mesmos sonhos, faremos do Brasil o melhor lugar para se viver.

Não para poucos, mas para todos os brasileiros.

Sim. Nós queremos um Brasil igual para todos.

Anizio Abrão David

EXPEDIENTE

Editores

Hilton Abi-Rihan
Ricardo Fonseca

Projeto Editorial

Hilton Abi-Rihan
Ricardo Fonseca

Projeto Gráfico e Arte

Renata Pinheiro

Produção e Marketing

Designum Comunicação

Jornalista responsável

Ricardo Fonseca, MTb RJ23267JR

Redação

Denise Carla
Maurício Louro
Eduardo Varela
Isabela Eckstein
Claudia Pinheiro
Karla Legey

Colaboradores

Hiram Araújo
Haroldo Costa
Vicente Dattoli

Revisão de Texto

Heloisa Borghi

Fotografia

Danilo Tavares
Robson Barreto
Henrique Matos
Antonio Carlos

CAPA

Beija-Flor de Nilópolis:
Uma escola fazendo cidadãos



fotos: Henrique Matos e Robson Barreto

SUMÁRIO

Carnaval 2003 - saco vazio não pára em pé	10
O Desfile	19
Liga Independente das Escolas de Samba	50
Beija-Flor de Nilópolis. Uma escola fazendo cidadãos	71
Entrevista com Zico	94



DESIGNUM

COMUNICAÇÃO

www.designum.com.br

e-mail: designum@designum.com.br

Rua Alvaro Alvim, 27 gr. 33

Rio de Janeiro

Telefones:

(21) 3026-7252

(21) 9776-2554

A revista **Beija-Flor - uma escola de vida**, ISSN 1678-3611, é uma publicação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis e da Designum Comunicação Ltda. As opiniões emitidas nas entrevistas concedidas e os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a posição dos editores. É permitida a reprodução parcial ou total das matérias, desde que citada a fonte. Fevereiro de 2003 - Tiragem: 60 mil exemplares

PALAVRAS DO PRESIDENTE LULA

As escolas de samba exibem, tradicionalmente, enredos que falam do real e do imaginário, da vida e da história do Brasil.

Os brasileiros podem ver desfilar, em um só dia, a exaltação das belezas de um país extraordinário, as lendas e mitos das populações indígenas, e, mais recentemente, os desafios do nosso tempo.

O combate à fome é o compromisso que firmei com os brasileiros em meu primeiro pronunciamento depois das eleições.

Hoje, há menos de dois meses no governo, vejo o país inteiro vestir a camisa do programa Fome Zero, o que prova, de maneira clara, a sintonia do povo brasileiro, sua capacidade de mobilização para promover a verdadeira mudança do país.

A Beija-Flor, com o lema 'saco vazio não pára em pé', leva para o palco do maior espetáculo da terra um problema - A Fome - que aflige centenas de milhões de seres humanos, nos quatro cantos do Planeta, juntando-se aos que já estão trabalhando no Mutirão Nacional Contra a Fome.

Por isso, é o povo brasileiro que merece a homenagem, os que lutam e os que sofrem, os que têm coragem e são generosos, todos os que atenderam o chamado para acabar com a fome em nosso país. As expressões de carinho que recebo, certamente são a expressão natural da alma brasileira, especialmente dos que, como eu, acreditam que para servir bem ao país, é preciso um coração do tamanho do Brasil.⁽¹⁾

Luiz Inácio Lula da Silva

PRESIDENTE DO BRASIL



⁽¹⁾ Texto escrito pelo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, em resposta à entrevista solicitada em janeiro de 2003 pela revista Beija-Flor - uma escola de vida.

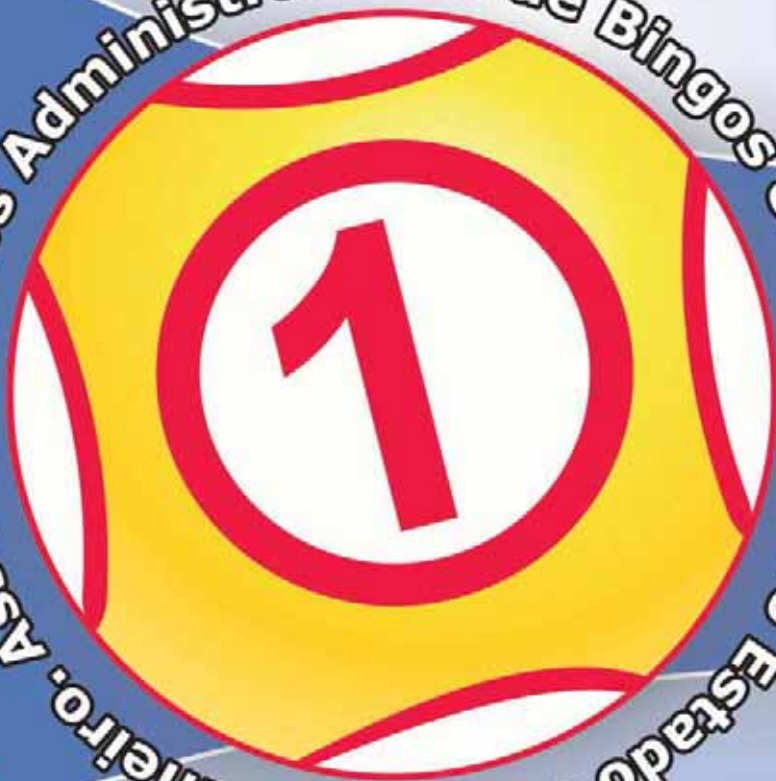
Foto: Ricardo Stuckert. Palácio do Planalto

ABERJ



DESIGNUM
BRASILIA

Associação dos Administradores de Bingos e Similares do Estado do Rio de Janeiro.



Loterj

**UMA EMPRESA COM
RESPONSABILIDADE SOCIAL**

Av. Rio Branco, 100 - 20º andar - Centro

Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2507-9234 - Tel./Fax: (21) 2221-5921

Email: abingos@ig.com.br

Uma Escola de Esperança

No ano em que o povo brasileiro vence o medo e renova sua esperança, a Beija-Flor tem a alegria de festejar a dignidade e fazer sua participação na luta contra a fome. O enredo "O Povo conta a sua história: saco vazio não pára em pé - A mão que faz a guerra faz a paz" vai levar para a avenida um trabalho que há trinta anos já faz parte da família Beija-Flor e da família Abrão David.

A preocupação com os menos favorecidos foi ensinada a mim e meus irmãos e primos por nossos pais. Nossos queridos Abrão David e Júlia Abrão chegaram a Nilópolis sem nenhuma posse e ali, trabalhando como mascates construíram uma grande família. Do amor que aprenderam a ter pela cidade nasceu o trabalho social. Dona Júlia Abrão fazia do apoio à comunidade mais carente um verdadeiro objetivo de vida e fez questão de ensinar essa grande lição a todos os filhos e sobrinhos.

Mais tarde, meus irmãos mais velhos Anizio e Nelsinho oficializaram o trabalho, criando serviços de apoio comunitário, com cursos gratuitos e distribuição de cestas básicas. Foi acompanhando de perto esse trabalho que iniciei meus primeiros passos no trabalho comunitário. Nosso objetivo sempre foi o de agradecer ao povo do município que recebeu de braços abertos nossos pais e onde criamos nossas vidas.

Certamente as maiores conquistas desse trabalho foram a Creche Júlia Abrão e o Educandário Abrão David, que cuidam da educação de jovens carentes desde os seis meses de idade até os 16 anos e transforma a vida daqueles que sem tal ajuda poderiam estar vagando sem cuidados e sem destino pelas ruas.

Mais uma vez por iniciativa de Anizio, a Escola de Samba Beija-Flor tornou-se o palco maior desse trabalho. A arte popular e a tradição do samba se fundiram de forma tão homogênea com o trabalho social que jamais poderiam novamente ser separados.

Através da Beija-Flor foi criado o CAC NAD (Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David), em homenagem a meu falecido irmão, que oferece diversos cursos profissionalizantes e atendimentos clínicos gratuitos a toda a população. Até hoje, em pouco mais de uma década, mais de 7 mil pessoas já foram profissionalizadas.

Os serviços comunitários já ultrapassaram a fronteira dos centros comunitários, com trabalhos como o Expresso da Saúde, um ônibus totalmente adaptado para oferecer atendimento médico gratuito e que já circulou por diversas partes do estado levando qualidade de vida a populações carentes.

Mas a Escola de Samba Beija-Flor tornou-se também uma das maiores tradições do carnaval nacional e a preocupação com as desigualdades sociais não poderia estar afastada desta conquista. Assim, a escola mantém com grande orgulho as alas da comunidade, com fantasias gratuitas, além de ser uma das poucas agremiações a só premiar como rainha da bateria representantes de sua comunidade - e esse ano é grande atração a menina Raissa de Oliveira (de 12 anos de idade), que substitui com graça e maestria nossa querida Soninha Capeta, que encerrou em 2002 seu longo reinado.

Os enredos de nossos sambas também já discutiram por diversas vezes essa questão, como no inesquecível Carnaval de 1998, com "Ratos e Urubus Rasguem Minha Fantasia", quando a Passarela do Samba estremeceu com a passagem do samba arrepiante na voz do Neguinho e com as chocantes fantasias que mostravam o contraste tão comum em nosso país, do luxo da "nobreza" com o lixo da pobreza de nosso povo. Esse ano, mais uma vez buscamos chamar a atenção do Brasil, dessa vez para outra violência social: a fome. Sabemos que só a Beija-Flor não pode resolver a triste situação de nossa gente, mas ao menos queremos fazer nosso país pensar.

Quando é para destacar a coragem de se acreditar mais na esperança, vencer o medo e dignificar a pessoa humana, é hora de se fazer ecoar esta realidade: "Olha a Beija-Flor aí, gente brasileira!"

Farid Abrão

Presidente Administrativo do GRES Beija-Flor de Nilópolis



Carnaval 2003

saco vazio não pára em pé

Denise Carla

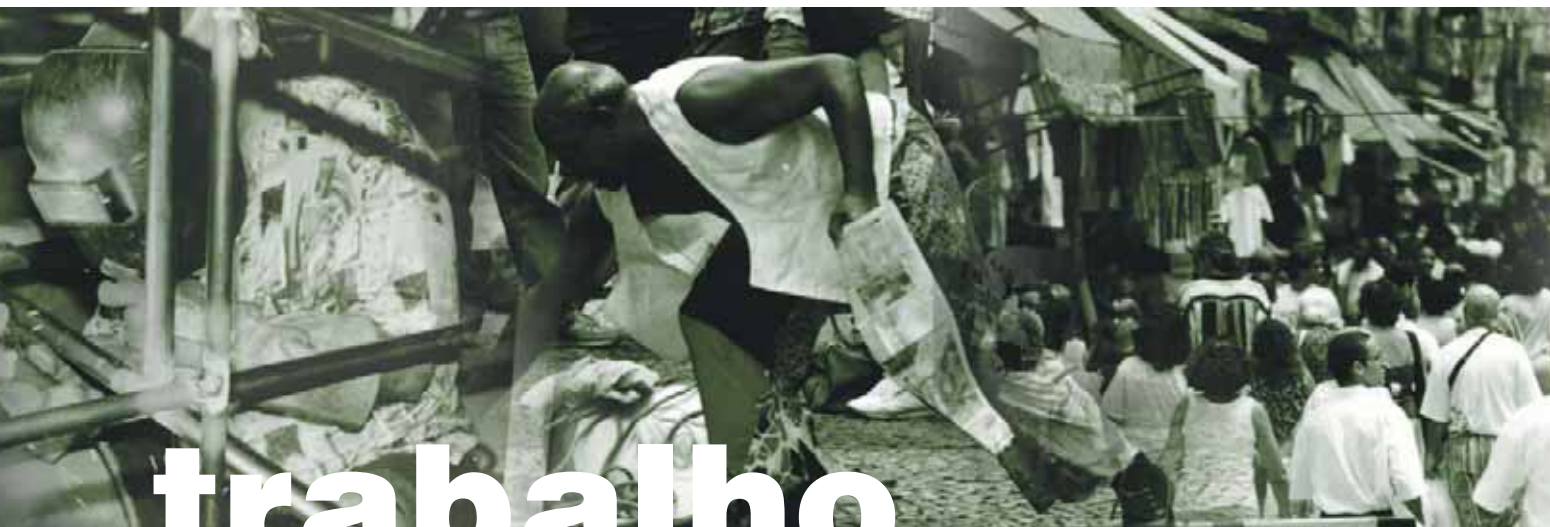
O enredo da Beija-Flor para 2003 "O povo conta sua história: saco vazio não pára em pé. A mão que faz a guerra faz a paz", de autoria da comissão de carnaval, será uma crítica social, sem deixar de lado o espírito alegre que a folia exige. Os oito setores da escola trarão mensagens de esperança de que dias melhores virão. E otimismo, será a palavra de ordem no dia do desfile para todos os integrantes da agremiação. Aliás, esperança e otimismo já fazem parte do dia-a-dia dos componentes da azul-e-branco de Nilópolis, seja na quadra de ensaios, no barracão da escola, no atelier ou nas ruas da comunidade.

De acordo com Laíla, Cid Carvalho e Shangai, o desfile será "um manifesto humano que contará a história de erros e acertos que formaram a humanidade no decorrer dos milhões de anos em que deixamos o paraíso". O objetivo da comissão de carnaval é que o enredo seja entendido não como um manifesto político, mas como "um grito de alerta para que o descaso, o desamor e a desunião não continuem mantendo a humanidade como um saco vazio, sem luz, sem paz, faminto e

sedento do concreto alimento que ameniza a fome do corpo e do abstrato alimento religioso, político e social que alimenta o ego, a alma e que faz agonizar o Deus em cada homem que assim rasteja em busca dos seus menores direitos".

A idéia do enredo surgiu de uma frase de Shangai num texto que ele desenvolvia sobre gastronomia (na ocasião, um dos cinco prováveis temas da escola): "saco vazio não pára em pé" foi a deixa que Laíla precisou ouvir para entender que ali estava o desfile de 2003 da Beija-Flor de Nilópolis, que até então procurava desenvolver um carnaval patrocinado. Com a definição do enredo, o patrocínio teve que ficar em segundo plano: "Ninguém quis patrocinar esse enredo. Todos os empresários que procuramos acharam uma loucura o fato de nós querermos falar sobre a fome, a miséria e as injustiças do país. A grande realidade é que ainda existem pessoas que não querem que o povo tome consciência da realidade que está vivendo. Mas, mesmo sem patrocínio eu tenho certeza de que esse será mais um grande carnaval da Beija-Flor e com um forte apelo social.", afirma Laíla.

Shangai entendeu a dica: "por que falar de comida e fartura num país onde pessoas morrem por falta dela?", pensou na ocasião. Daquela conversa, partiu para a pesquisa e desenvolveu o tema em busca dos elementos que Laíla bus-



trabalho

cava. Cid Carvalho captou a proposta e de posse da pesquisa de Shangai escreveu a sinopse poética do enredo.

A Beija-Flor será a terceira agremiação a se apresentar no segundo dia de desfile pelo Grupo Especial. Vice-campeã há quatro carnavais, a escola virá forte e imponente como sempre; e a diretoria e a comunidade de Nilópolis com a garra e a determinação que nunca deixaram de exibir em seus desfiles.*

O Enredo

"... Entregues ao livre arbítrio, de desobediência em desobediência aos sábios ensinamentos do criador, nós criaturas descemos os degraus da bonança à mais total miséria, da felicidade e fartura à maior tristeza e fome. Fome em todos os sentidos: de justiça, dignidade e liberdade; fome física que destrói o corpo; fome espiritual que desespera a alma; fome social que escraviza, humilha e degrada o corpo e o espírito; fome de afeto, fraternidade e união."

Comissão de Carnaval

Apesar de não ser político, nem partidário, o enredo da Beija-Flor encaixa-se perfeitamente no atual momento político contra a exclusão social. E é justamente esta a proposta da comissão de carnaval: mostrar a situação em que vive o Brasil; apontar a origem das diferenças sociais; protestar contra as desigualdades; sensibilizar as pessoas, principalmente os governantes do país, de que o futuro da nação pode (e deve) ser de igualdade de condições para todos; além de exaltar mártires da nossa história que lutaram pela liberdade como Zumbi dos Palmares, Tiradentes e Lampião. Essa "viagem" será desde a época do paraíso celestial até a celebração da "brava gente da Baixada"

O tema escolhido pela Beija-Flor é velho conhecido da

diretoria da escola de samba. Isso porque a preocupação com as questões sociais faz parte do cotidiano dos dirigentes da agremiação nos 365 dias do ano. "Ajudar o próximo" é o lema da família Abrão David, passado de geração a geração. São vários projetos que saíram do papel e que beneficiaram mais de 20 mil pessoas, entre crianças e adolescentes. ("veja matéria 'Beija-Flor de Nilópolis - uma escola fazendo cidadãos' na página XX").

Além dos projetos sociais, a diretoria da Beija-Flor também se preocupa em oferecer à sua comunidade a oportunidade de participar do maior espetáculo da terra: o carnaval. Tanto, que já faz parte do cotidiano da escola doar mais de duas mil fantasias para os seus componentes: "A grande estrela do carnaval da Beija-Flor é a comunidade da Baixada. Disso, o Seu Anizio não abre mão. Doamos um número grande de fantasias porque entendemos que estas pessoas fazem parte da história do nosso carnaval e são as verdadeiras responsáveis pela magia do evento. Mas da mesma forma que doamos, cobramos a participação efetiva.", informa Laíla.

Cid Carvalho complementa: "Na verdade eu acho que esse é o caminho para o carnaval voltar a ser do povo. Uma escola de samba que tiver em seu contingente um número expressivo da sua comunidade estará, sem dúvida nenhuma, retomando a verdadeira essência dessa grande festa que é o carnaval. A Beija-Flor não somente dá essa oportunidade à sua gente, como também valoriza essas pessoas. A nomenclatura 'família' na Beija-Flor é uma realidade".

Em 2003, com a passagem dos foliões, espera-se que o apelo da escola da Baixada não tenha sido em vão. Ao contrário, a torcida é de que ele toque a consciência de todos e que dela surjam as ações que possam reverter a situação caótica em que encontra-se a maioria da população. A Beija-Flor já está fazendo a sua parte.

Os idealizadores

Ousadia e inovação: essas são as palavras-chave que regem os desfiles da Beija-Flor, principalmente depois que Laíla, assumiu o cargo de diretor de carnaval da escola em 1977. E foi pensando principalmente em inovar que Laíla decidiu abrir mão da figura central do carnavalesco e criar uma comissão de carnaval para tocar os desfiles da azul-e-branco de Nilópolis. A idéia surgiu da adaptação de um modelo de organização de equipe de carnaval vivenciado por ele nos anos 60, na Acadêmicos do Salgueiro. A proposta de tirar dos bastidores do carnaval os profissionais dos barracões cariocas, e que sempre ficavam à sombra do carnavalesco, muitos deles os grandes criadores do desfile, mas abafados pelo estrelismo do carnavalesco deu certo e até hoje permanece na Beija-Flor.

"Dentro desse processo de comissão de carnaval as pessoas têm que ter uma cabeça muito boa, senão a coisa não funciona. Não adianta deixar a vaidade e o orgulho falarem mais alto. A idéia de um, passa a ser a idéia de todos. A partir da idéia inicial do projeto, criado por mim, cada integrante da comissão desenvolve a sua sinopse e eu escolho a que melhor se encaixa no contexto. A partir dessa escolha, a sinopse passa a ser de todos da equipe", garante Laíla.

A equipe, que foi criada em 1997 logo após a saída do carnavalesco Milton Cunha, já chegou a ter oito integrantes e diferentes composições. A estréia foi no ano seguinte e provou que a fórmula de ousadia e inovação idealizada por Laíla, e aprovada pela diretoria da escola, estava mais do que correta: naquele ano com o enredo "O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu Anu", a Beija-Flor conquistou o primeiro lugar, depois de 14 anos de espera. O tema foi escolhido através de um concurso que reuniu 62 sugestões. O enredo aprovado nasceu de um dos segmentos da sinopse apresentada por Amarildo Melo, o que lhe rendeu um convite para fazer parte da comissão de carnaval que já contava com Cid

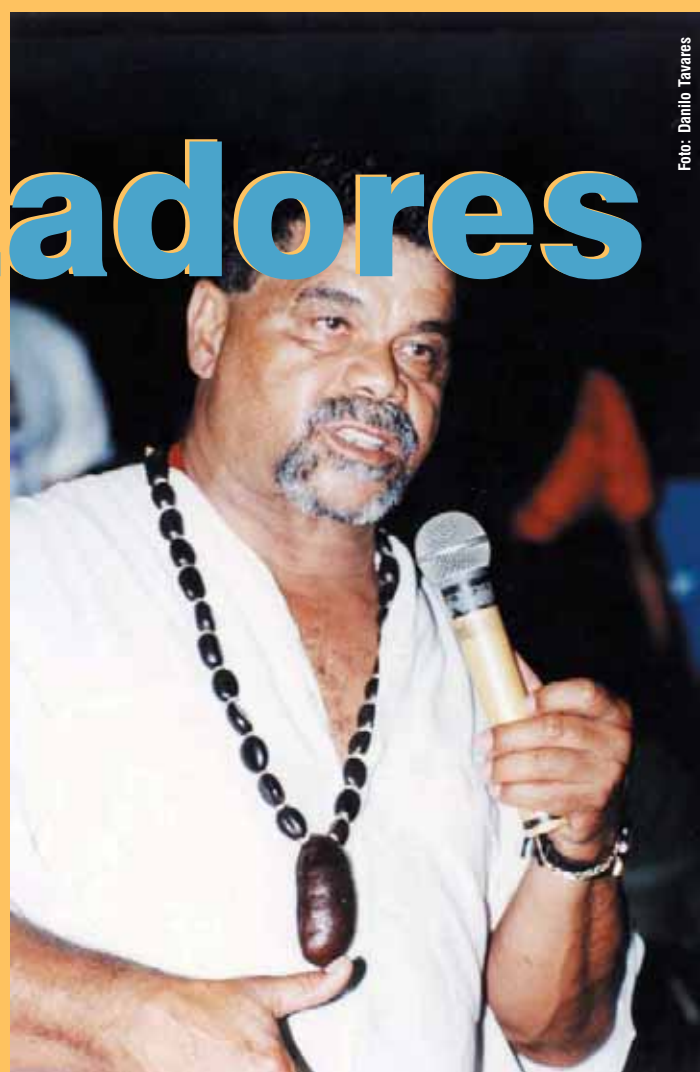


Foto: Denillo Tavares

Carvalho, Ubiratan Silva, o Bira, Fran-Sérgio e Nelson Ricardo. No decorrer dos trabalhos uniram-se ao grupo o desenhista Victor Santos e o historiador Paulo Fuhro. Nos três anos posteriores: 1999, 2000 e 2001 apenas 0,5 ponto separou a azul-e-branco de Nilópolis da campeã do Grupo Especial. E no ano passado um ínfimo 0,1 ponto, mais uma vez impediu a Beija-Flor de conquistar a primeira colocação.

Da primeira formação apenas Cid Carvalho permanece na equipe. Aliás, ele foi o primeiro a ser "convocado" por Laíla para fazer parte da então recém-criada comissão de carnaval. Artista plástico, é dele a responsabilidade das fantasias e decoração dos carros alegóricos. Shangai, passou a fazer parte do grupo em 99 e assumiu o trabalho de confecção das esculturas de metal que compõem as alegorias. Três integrantes da comissão de carnaval continuam na Beija-Flor: Fran-Sérgio e Vítor Santos são responsáveis pela criação e execução das alegorias e fantasias e Bira responde pela parte de informática do barracão.



Foto: Danilo Tavares



Foto: Danilo Tavares

A Comissão de Carnaval da Beija-Flor, composta por Laíla, Cid Carvalho e Shangai

"Sou muito firme nas minhas posições. Achei que a comissão de carnaval precisava passar por um processo de mudança. Algumas pessoas me chamam de ditador, mas isso é um conceito errado que elas têm ao meu respeito. Tanto não sou ditador, que crio equipes em todos os setores da escola e delego poderes", esclarece Laíla.

Aquilo que assustou no início, hoje é tirado de letra por estes profissionais do barracão. A coordenação de Laíla acabou tornando-se necessária para administrar tantos talentos reunidos num mesmo espaço físico. E administrar a vaidade humana não é lá uma tarefa muito simples. Mas, acima de tudo era (e ainda é) preciso delegar funções, dividir tarefas, estimulando o talento de todos e respeitando a criatividade e individualidade de cada um, sem distinção. E isso, o "comandante" do barracão da Beija-Flor sabe fazer muito bem.

Cid Carvalho

O alagoano Cid Carvalho, de 33 anos, veio para o Rio de Janeiro com apenas um ano de idade. De Arapiraca, sua cidade natal, lembra muito pouco. Carioca de coração e fã ardoroso da Beija-Flor (daqueles que colecionavam tudo o que saía nos jornais e revistas sobre a escola) decidiu ir até o barracão da azul-e-branco por pura curiosidade. Lá encontrou um grupo de pessoas que tentavam uma vaga. Resolveu participar da entrevista que Laíla iria fazer com o pessoal. Sem nenhuma experiência de carnaval, foi logo descartado

pelo diretor, que alegou não ter tempo para parar os profissionais do barracão, a fim de ensinarem o ofício para ninguém. Apenas por curiosidade, Carvalho indagou se o que tinha para ser aprendido demoraria mais que uma semana. A pergunta, ainda que desconcertante, não foi o suficiente para fazer com que Laíla contratasse o rapaz, mas encantou Joãozinho Trinta, naquela época carnavalesco da Beija-Flor, e que intercedeu a favor de Cid Carvalho. O período de aprendizado foi curto, mas em pouco tempo ele já dominava as técnicas necessárias nos trabalhos de barracão, demonstrando seu talento. O enredo de sua estréia foi "Todo mundo nasceu nu", de 1990. A saída de Joãozinho Trinta em 1992 fez com que Cid Carvalho buscasse novos caminhos. No entanto, em 97, estava de volta ao convívio da família Beija-Flor.

Para 2003, Cid Carvalho assumiu várias atribuições artísticas e plásticas do desenvolvimento do enredo. Tanto que está "morando" no barracão desde janeiro: "Este ano além de ficar responsável pela confecção da sinopse poética do enredo (àquela que foi entregue aos compositores, à comunidade, imprensa etc.), fiz todos os rascunhos das fantasias para que o Vítor Santos e o Fran-Sérgio desenvolvessem a arte-final das roupas. Além disso, fiz também os rascunhos dos carros alegóricos, os protótipos das fantasias e estou decorando quase todos os carros. Hoje posso afirmar sem medo algum que o coração estético do carnaval da Beija-Flor está aqui no atelier", afirma orgulhoso.

Carlos Fernandes (Shangai)

O artista plástico Carlos Fernandes, o Shangai, 52 anos, é auto-didata. Escultor, gravador e entalhador em couro e metal, ele criou uma técnica própria de transformar estes dois materiais em verdadeiras obras de arte. No carnaval, Shangai introduziu sua arte adaptando em fantasias e alegorias os materiais alternativos com que estava acostumado a trabalhar. Esteve no Salgueiro, Portela e, em 1986, foi apresentado a Joãozinho Trinta pelo então figurinista da Beija-Flor, Viriato Ferreira. Naquele ano ele desenvolveu as fantasias da comissão de frente. Em 1997, depois de passar por diversas escolas, Shangai retornou para a Beija-Flor a convite de Laíla para desenvolver sua técnica de metais nas alegorias da escola. Em 1998, passou a fazer parte da comissão de carnaval da azul-e-branco de Nilópolis e ainda junto com Laíla, desenvolveu o enredo da escola de samba Estado Maior da Restinga de Porto Alegre, onde sagrou-se campeão.

Até chegar à sinopse definitiva do carnaval de 2003, Shangai teve que fazer muita pesquisa: "Este ano foi uma loucura. Chegamos a escrever umas cinco sinopses diferentes até chegar ao enredo definitivo. Quando começamos a cogitar a hipótese de falarmos sobre a gastronomia, Laíla pediu que eu desenvolvesse o tema de uma forma alegre, brincalhona, bem jocosa. Num determinado momento da minha pesquisa, usei a citação de que saco vazio não parava em pé. O Laíla nem quis mais ouvir o resto. Disse que ali estava o enredo da escola e pediu para que o Carvalho e eu desenvolvêssemos o tema a partir daquela frase. Era exatamente o oposto do que estávamos fazendo: da comida passamos a desenvolver uma sinopse sobre a falta dela. O resto foi surgindo naturalmente".

Luiz Fernando Ribeiro do Carmo (Laíla)

O produtor musical Laíla é um profundo conhecedor de desfiles de escolas de samba. Considerado um dos melhores diretores de harmonia da atualidade, ele reúne os quesitos necessários para uma perfeita evolução da agremiação que comanda: autenticidade, competência, dinamismo, dedicação, seriedade e amor ao trabalho. Tudo isso lhe rendeu autoridade no assunto e respeito no meio carnavalesco, tornando-o um referencial na história do carnaval. Porém, Laíla não se deixa levar pelos elogios e nem pelas críticas. Afinal de contas, meio século de samba faz a pessoa encarar o que faz com profissionalismo, de maneira simples e natural. O apelido surgiu em casa: "Existe uma série de histórias com relação a isso. Segundo me consta, a minha falecida mãe colocou esse apelido em mim porque quando eu tinha três anos de idade e

queria pedir laranja, só conseguia pronunciar laíla. Mas existem outras versões também que eu não me lembro mais. De qualquer maneira foi um apelido que veio da família e da minha infância", entrega Laíla.

Da infância para o mundo do samba. Afinal de contas, foi ainda menino que Laíla iniciou a sua ligação com o carnaval e fez do apelido seu nome de guerra. Começou aos sete anos de idade, no morro do Salgueiro (onde nasceu e foi criado). Aos nove anos já havia fundado uma escola mirim junto com os amigos, a Independentes da Ladeira: "Se forem buscar nos anais da história do carnaval, vão ver que em 1955 eu montei uma escola mirim no morro do Salgueiro, formada e comandada só com crianças (eram aproximadamente umas 70). Usávamos fantasias de papel crepom, a bateria era toda de lata e as alegorias eram carrinhos de rolimãs decorados. Era a maior festa! O desfile começava na Rua Francisco Graça, lá no morro, e ia até a Praça Saens Pena, passando pela Rua General Roca. Depois voltávamos pra casa. Foi um sucesso absoluto por quatro anos. Só terminou quando os adultos se meteram. A repercussão foi muito grande e muita gente cresceu o olho e acabou estragando tudo".

Aos 13 anos de idade, Laíla já fazia parte da ala de compositores do Salgueiro. Esta foi a sua primeira participação na escola: "Fui oito vezes vice-campeão de sambas no Salgueiro", orgulha-se.

Daquele ano em diante, não parou mais. Em 1967 já atuava como diretor geral de harmonia do Salgueiro, onde fez de tudo um pouco. Foi para a Beija-Flor em 1977 e marcou sua presença por dois períodos distintos: de 77 a 80; e de 88 a 92. No intervalo dessas etapas passou pela Unidos da Tijuca, Vila Isabel e Grande Rio. Em 1995 voltou para a escola de Nilópolis, onde permanece até hoje.

Laíla só aceita trabalhar se tiver autonomia. E desse quesito ele não abre mão. Em compensação dá o melhor de si: pensa, respira e vive o carnaval nos 365 dias do ano. Passa metade do dia dentro do barracão e na reta final dos trabalhos que antecedem o dia do desfile, tirá-lo de lá só por uma justa causa. E das boas. Como por exemplo, os ensaios técnicos na quadra, nas ruas de Nilópolis ou na Passarela do Samba.

Laíla também acumula em seu currículo o cargo de produtor musical e, entre outros trabalhos, produz o CD dos sambas de enredo das agremiações do Grupo Especial. Tantas atribuições nos fazem reportar ao início da matéria. Laíla, que por reunir os quesitos necessários para uma perfeita evolução da escola de samba que comanda, merece nota máxima em todos os setores.

Comece o seu Carnaval aqui, no Babado da Folia !!!

Maior distribuidor de artigos de Carnaval, o Babado da Folia oferece a você a linha mais completa de fantasias, tecidos, plumas e aviamentos do Rio de Janeiro.



2.000 m² de artigos a sua disposição



Especializada em penas



Os mais variados tecidos para atender o seu gosto



A Família Babado da Folia



Chiquinho inaugura, ao lado de amigos, a nova loja do Babado da Folia



Chiquinho inaugura a nova loja.

Rua Buenos Aires, 287/300
Centro - Rio de Janeiro
Tel./Fax: (21) 2507-0598

www.babadodafolia.com.br

Os preparativos

A idéia do projeto foi passada por Laíla para Shangai e Cid Carvalho em junho de 2002, quando começaram também os trabalhos nos barracões e no atelier da Beija-Flor; a sinopse do enredo foi entregue um mês depois; a escolha do samba e a apresentação dos protótipos aconteceram em outubro passado, sendo que o desfile das fantasias (apesar de ter sido realizado na quadra) foi aberto somente para a diretoria e comunidade da escola.

No barracão de Nilópolis (rua Marechal Deodoro, 162 - Nova Cidade) são confeccionadas as roupas das alas das baianas, baianinhas, damas e ala da comunidade Energia do amor. Cerca de 50 profissionais entre costureiras, bordadeiras, aderecistas, chapeleiros, sapateiros etc. reproduzem as fantasias que serão doadas para estes segmentos da comunidade. Mesmo assim, a diretoria terceirizou alguns serviços.

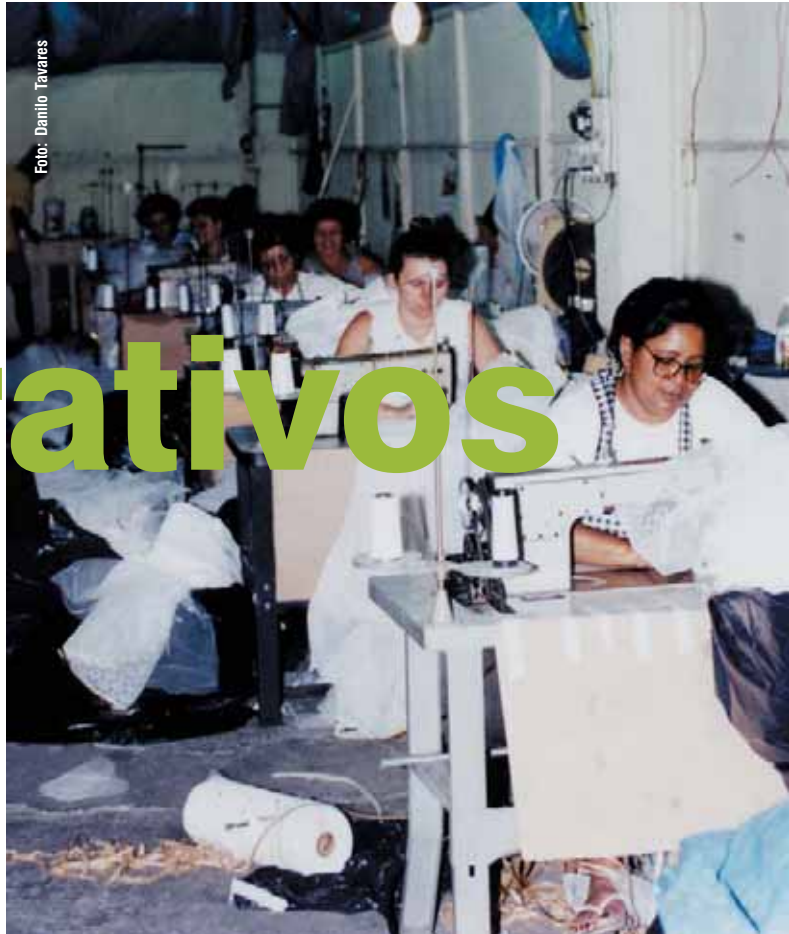
No barracão do Centro do Rio (Av. Rodrigues Alves s/nº - Praça Mauá) são confeccionados os carros alegóricos. Ao todo, 240 profissionais (escultores, carpinteiros, iluminadores, pintores, mecânicos, eletricitas, ferreiros, entre outros), supervisionados por Laíla, dão vida às formas criadas pelos carnavalescos. No andar superior, sob a responsabilidade de Cid Carvalho, funciona o atelier em que são confeccionadas as fantasias e toda a parte decorativa destas alegorias.

O ritmo, sem dúvida nenhuma, está mais acelerado do que nunca. A ansiedade e a expectativa que antecedem o desfile fazem parte do acordar-trabalhar-comer-trabalhar-dormir-trabalhar de todos os envolvidos. E como o tempo não pára, a ordem é colocar o pé no acelerador e engatar a quinta. A contagem regressiva para o desfile da Beija-Flor já começou.

O samba-enredo

Certa vez, Laíla chegou a afirmar que um sambista experiente sabe se o samba escolhido pela escola vai "colar" na avenida ou não. Conhecimento de causa para esse depoimento, ele tem. Não é à toa que ele é responsável por conduzir

Foto: Danilo Tavares



da melhor maneira possível as finais de samba enredo da escola, além de ouvir todos os sambas inscritos na disputa: "Podem colocar 80 sambas pra eu ouvir, que dificilmente os sambas que eu seleciono não vão para a final", orgulha-se Laíla.

E haja disposição: concorreram ao enredo de 2003, 77 composições. E Laíla ouviu cada um deles: "Na Beija-Flor o critério de seleção de samba é o mais honesto possível. Eu ouço todos os sambas na fita e não corto ninguém. Após essa minha audição dou início à fase da seleção, onde a responsabilidade do corte é somente minha e da comissão de carnaval. Mesmo assim eu crio diversos núcleos na escola onde todos podem emitir opiniões. Quando chegamos a marca de uns 20 sambas na disputa, a escola inteira participa da votação. Aliás, quem não é da Beija-Flor pode votar também. Aí, eu faço uma análise final e passo pra quem é de direito: a presidência da escola. Esse método tem dado excelentes frutos: além de não se cortar nenhum samba indevidamente, temos escolhidos excelentes composições para a escola e com a participação de todos os segmentos. E o que é melhor: com um resultado que tem agradado à maioria", afirma Laíla.

Da distribuição da sinopse à entrega das composições, os compositores tiveram exatos dois meses. No início de agosto de 2002, Laíla já iniciava a sua primeira audição. E no dia 24 de outubro a Beija-Flor realizou a grande final. Este ano, Laíla optou novamente pela fusão de duas composições. O samba vence-

dor de Betinho, J.C.Coelho, Ribeirinho e Glyvaldo recebeu os versos dos também finalistas Luis Otávio, Manoel do Cavaco, Serginho Sumaré e Vinícius: "O samba do Betinho e Cia era o que a escola queria. Só que existiam alguns erros cronológicos, de melodia e de letra. Já o samba do Luiz Otávio e parceiros era o único que falava da nossa origem indígena como o enredo pedia. Desde o início eu percebi isso. Tanto que tive que brigar para manter o samba do Luiz Otávio no páreo. No dia da final, o samba do Betinho foi anunciado como campeão, mas na minha cabeça a fusão tinha que acontecer. Já havia até conversado isso com os compositores finalistas e todos aceitaram essa possibilidade. Logo após a divulgação do resultado eu me reuni com a diretoria da escola e a comissão de carnaval e apresentei a minha proposta da fusão. Todo mundo achou que seria uma loucura, mas ninguém se opôs. Fui para o estúdio, gravei o samba e depois apresentei a nova versão para a comunidade. Hoje o samba é apontado como o melhor da safra. Na verdade, a fusão é uma constante na minha vida profissional. Isso aconteceu outras vezes, aqui mesmo na Beija-Flor, e também em outras escolas por onde passei como a Grande Rio, a Unidos da Tijuca e Salgueiro", revela Laíla.

Pegando carona na coincidência entre o enredo da Beija-Flor, que vai falar também sobre a fome, e as propostas do novo governo no combate à miséria e as diferenças sociais, foi inserido no final do samba durante a gravação do CD das escolas de samba do Grupo Especial, a frase "A esperança venceu o medo", que é seguida por um coro "Lula! Lula!". E a homenagem, pelo visto, se repetirá também na avenida: "Vai rolar sim. O presidente Lula além de meu amigo é Beija-Flor", garante Neguinho.

Ficha Técnica da Beija-Flor

Presidente de honra: Anísio Abrão David
Presidente: Farid Abrão David
Comissão de Carnaval: Laíla, Cid Carvalho e Shangai
Diretor Geral de Carnaval e Harmonia: Laíla
Intérprete Oficial: Neguinho da Beija-Flor
Mestres de Bateria: Plínio e Paulinho
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Claudinho e Selminha Sorriso
Rainha da bateria: Raíssa

Como a Beija-Flor vai para a avenida:

Nº de componentes: 3.700
Nº de alas: 50
Nº de alegorias: 08
Nº de baianas: 100
Nº de ritmistas: 250
Nº de compositores: 48
Nº de crianças: 120
Casais de mestre-sala e porta-bandeira: 05
Nº de integrantes da comissão de frente: 15

"Saco Vazio Não Pára em Pé"

- A Mão que faz a Guerra faz a Paz -

Autores do samba: Betinho - J.C.Coelho, Ribeirinho, Glyvaldo, Luis Otávio, Manoel do Cavaco, Serginho Sumaré e Vinícius

Luz, divina luz que me conduz
Clareia meu caminhar, clareia
Nas veredas da verdade: cadê a felicidade?
Aportei num santuário de ambição

E o índio muito forte resistiu
A tortura implacável assistiu
Enquanto o negro cantava a saudade
Da terra mãe de liberdade

Bis

Na França é tomada a Bastilha
O povo mostra a indignação
Revoltado com o diabo
Que amassou o nosso pão

Grito forte de Palmares..... Zumbi
Herói da Inconfidência ... Tiradentes
Nas caatingas do nordeste.. Lampião
Todos lutaram contra a força da opressão

Bis

Nasce então, poderosa guerreira
E desenvolve seu trabalho social
Cultura aos pobres, abrigou maltrapilhos
Fraternidade, de modo em geral
Brava gente sofrida da baixada
Soltando a voz no planeta carnaval
(Eu quero!!!)

Eu quero: liberdade, dignidade e união
Fui lata, hoje sou prata
Lixo, ouro da região
Chega de ganhar tão pouco
Tô no sufoco, vou desabafar
Pare com essa ganância, pois a tolerância
Pode se acabar!

Oh, meu Brasil!
Overdose de amor nos traz
Se espelha na família Beija-Flor
Lutando eternamente pela paz!!

Bis

Belle

TOURS

Você sonha, a Belle Tours realiza

Agência Cassino Atlântico — Matriz

Av. Atlântica, nº 4.240 Lojas 323 e 324

Copacabana — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22070-002

Tel.: 2523-1242 Fax: 2287-6693

e-mail: belletours@belletours.com.br

Agência Barra Shopping

Av. das Américas, nº 4.666

Loja 208 Nivel Américas

Barra da Tijuca — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22640-102

Tel.: 2431-9629 Fax: 2431-9995

e-mail: belletours@belletours.com.br

Agência Shopping Rio Sul

R. Lauro Muller, nº 116 p/ 101 Parte A 10

Botafogo — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22290-160

Tel.: 2541-6747 Fax: 2275-5046

e-mail: belletours@belletours.com.br



Av. Atlântica, 4240 — Loja 221
Shopping Cassino Atlântico
Cep: 22070-002 — Rio de Janeiro

Tel.: (55 21) 2522-0141
Fax: (55 21) 2521-4997
e-mail: lainoturismo@aol.com



Foto: Henrique Mias

0

Desfile de 2003

Todos os anos, a Beija-Flor de Nilópolis se preocupa em levar para a Avenida um enredo que transmita alguma mensagem útil à sociedade, e um Desfile que sensibilize pela beleza e pela criatividade.

Com o objetivo de ampliar a compreensão do enredo e dar maior repercussão ao Desfile da escola, estaremos apresentando à você, nas próximas páginas, a seqüência do Desfile da Beija-Flor de Nilópolis, com a apresentação de cada Ala e Carro Alegórico, com seus Destaques, e o que eles representarão na Avenida.

As fotos que ilustram o início de cada Seção, são meramente ilustrativas, e pertencem a Desfiles da azul-e-branco de Nilópolis de outros anos.

Esperamos que esta iniciativa sirva de roteiro para você, leitor, e sirva também, no futuro, de um registro histórico dos desfiles da escola.

Desfile conosco.

E divirta-se.



setor 1

Paraíso Celestial

A Dádiva do Criador

Ala - Comissão de Frente

"Trevas e luz - o duelo das forças do universo"

Ala - 1º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

"Genesis - O milagre da criação"

Comissão de Frente

Trevas e luz - o duelo das forças do universo

"**H**á muito tempo atrás apenas o amedrontador domínio das trevas existia. A Legião do Mal se encarregava de tornar tudo ainda mais aterrorizante. Mas, uma força ainda maior anunciou a criação de um novo domínio, o Império da Luz. Seu brilho podia ser visto no infinito graças ao cintilar da Legião do Bem. Era o início dos tempos, o nascimento do mundo e o começo de um conflito que se

estenderia por toda a eternidade, transformando-o em um ardente campo de batalha onde seria travado o duelo entre duas poderosas forças. De um lado o Unicórnio, de natureza digna e pura, abençoado com o dom da purificação; de outro, os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, portadores da guerra, da fome, da peste e da morte. Explode o confronto entre o bem e o mal, uma disputa de forças que só será extinta pelo



frente

comissão de

poder que está dentro de cada um de nós: a perseverança".

E assim virão as 15 bailarinas da comissão de frente da Beija-Flor: enfocando o poder, a ganância e a cobiça. Elas estarão retratando a disputa entre o bem e o mal, mostrando a dualidade entre as forças do universo, mas com uma mensagem repleta de otimismo. Com isso, a Beija-Flor promete mais uma vez surpreender o público com a evolução das suas integrantes, sob o comando da bailarina Ghislaine Cavalcanti, há sete anos na azul-e-branco de Nilópolis. Técnica, balé clássico, interpretação cênica prometem ser o ponto alto da apresentação das meninas. Além da fantasia, é claro!


O setor em que estará localizada a comissão de frente da Beija-Flor, denominado "Paraíso Celestial - A Dádiva do Criador", nos reportará ao início de tudo, quando Adão e Eva expulsos do paraíso por terem caído em tentação, sofrem a consequência da sua desobediência. É o princípio do caos humano. E o início do desfile da Beija-Flor.

"Desde os tempos remotos que a gente conhece essa ânsia pela busca da luz. A coreografia será centrada nesse conflito entre o bem e o mal e a necessidade do ser humano em encontrar essa luz. Quanto a fantasia, tenho muito orgulho de ter conquistado a compreensão da comissão de carnaval

em desenvolver figurinos sem peso, sem volume, mas com muito glamour, o que vai nos permitir realizar todos os gestuais que estão sendo ensaiados, porém com toda a pompa que a comissão de frente precisa apresentar. O estilista Henrique está trabalhando muito na feminilidade e nos detalhes das fantasias. Serão seis roupas diferentes e as meninas virão dançando com sapatos específicos para o balé de aproximadamente 5 cm de altura, sendo que o pivô virá de sapatilha de ponta", informa Ghislane.

E haja disposição! Para chegar à perfeição desde outubro de 2002 as bailarinas estão ensaiando cada gestual, quatro vezes por semana, com 4 horas de duração. Elas também costumam ensaiar junto com a comunidade. Além das 15 bailarinas que integram a comissão, a escola adota o sistema de ensaiar com mais três bailarinas suplentes, que podem ocupar o lugar de uma das titulares em qualquer eventualidade. Roupas, maquiagem, gestual... Tudo está sendo minuciosamente preparado: "Além do cuidado com a roupa, os detalhes da coreografia, também estamos explorando esse lado da maquiagem. Ainda não sei o que o César Max vai fazer esse ano, mas acho que o rosto das meninas não ficará totalmente escondido", revela a coreógrafa.



A person in a blue and white feathered costume is shown in profile, holding a banner with the letters 'OR'. The background is a blurred crowd of people in white uniforms. The text is overlaid on the right side of the image.

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira

"Gênesis - o milagre da Criação"

"Segundo o primeiro livro na seqüência bíblica, formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. Gênesis 2:7 (VT4). Assim foi o sexto dia de criação, o qual inspirou a fantasia que o 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira, formado por Claudinho e Selminha Sorriso, apresentará na Avenida".

E mais uma vez a dupla participou junto com a comissão de carnaval e Zezito Ávilla do processo de criação e confecção da roupa, o que, segundo Selminha garante parte do sucesso da evolução: "Pra mim e para o Claudinho isso é muito bom, pois evita surpresas na hora do desfile. A fantasia no desenho é uma coisa, na execução é outra; e na hora de dançar é completamente diferente de tudo. Por isso participamos desta etapa da escolha da roupa. Além disso, fazemos vários ensaios com a fantasia antes do carnaval. O que não funciona na hora da dança a gente muda na fantasia".

O casal também tem livre arbítrio para definir a evolução que irão apresentar na avenida: "A gente só começa a pensar na coreografia depois que é escolhido o hino oficial. Durante as eliminatórias procuramos não nos apaixonar por esse ou àquele samba, que é pra não criar nenhuma expectativa com uma composição que poderá não ser a vencedora. Não costumamos ter preferência por nenhum samba concorrente. Achamos que deve ganhar àquele que for o melhor para a escola; que esteja dentro do enredo. As primeiras evoluções surgem na quadra, durante os ensaios técnicos, quando a gente vai colocando em prática o que imaginou ao ouvir o samba vencedor. Outra preocupação é acompanhar as bossas da bateria. É tudo muito intenso. À medida que o carnaval vai se aproximando a agenda começa a ficar apertada. Aí, eu e o Claudinho ensaiamos em casa, na rua, e até no atelier, onde costumamos evoluir já com a fantasia do desfile que iremos usar para fazer uma espécie de teste quanto ao volume e peso da roupa", informa Selminha.

E a busca pela perfeição é mesmo uma constante. Tanto que Claudinho e Selminha se dedicam integralmente à arte da dança: dentro e fora da quadra; durante e depois dos ensaios técnicos: "São duas vezes por semana na quadra, fora os ensaios de rua que acontecem aos sábados. Além disso, também somos responsáveis pela evolução dos casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira da agremiação", relata Claudinho.

A novidade do ano passado vai se repetir neste carnaval: Claudinho e Selminha Sorriso virão no primeiro setor da escola, logo após a comissão de frente. Segundo Laíla esta foi uma tática para eliminar alguns problemas na harmonia: "Tirando o Claudinho e a Selminha lá do meio da escola e os colocando no início do desfile, eu resolvi um problema que se repetia com frequência na Beija-Flor em frente da bateria: o

buraco que se formava devido à exibição do casal para o público das arquibancadas, dos camarotes, das frisas etc., e que acabavam prejudicando a evolução e a harmonia da escola daquele setor pra trás. E este ano eu vou inovar novamente com a evolução do casal de mestre-sala e porta-bandeira. Mas é um segredo que só será revelado na hora do desfile da Beija-Flor".

O enredo deste ano é motivo de orgulho para o casal: "Tudo a ver com o momento atual", afirma Claudinho. "Acho muito importante que um enredo leve uma mensagem social e de esperança para as pessoas", informa Selminha.

Selminha começou no Império Serrano, em 1989. Ficou na verde-e-branco de Madureira por três carnavais e migrou para a Estácio de Sá em 1991. Lá encontrou Claudinho, que já fazia parte da escola desde 1979. A parceria começou naquele ano e desde então, nunca mais a dupla se largou. Foram juntos para a Beija-Flor em 1995, e até hoje defendem o pavilhão da escola de Nilópolis. É uma espécie de casamento... E que deu certo!

Mas nem só de dança vive o casal. Além de empresária, modelo, dançarina e assistente de palco de um programa de televisão, Selminha passou a integrar também a turma de soldados-bombeiros, onde passou a exercer desde outubro do ano passado a função de motorista. Com isso, passou a ter também como colega de farda, o parceiro de avenida Claudinho, que é bombeiro militar há três anos. "Até nisso a gente combina. Além de grandes amigos, parceiros na avenida, somos também colegas de farda. Aliás, o único casal de mestre-sala e porta-bandeira militar na história do carnaval", diverte-se Claudinho.

Alegoria 1 - Carro abre-alas: "Paraíso Celestial - A dádiva do Criador"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Fabíola Oliveira ("Sedução do Paraíso") e Fran-Sérgio ("O Divino Criador"). "Adão e Eva", a "Água" e os "Frutos e Flores" também estarão presentes nesta alegoria.



setor 2

Apocalipse

A Ira do Criador

Ala - Comunidade I

"A magia da terra do encantamento"

Ala - Apoteose e Borboletas

"As purificadas fontes de águas cristalinas"

Ala - Signos

"A exuberância das plantas divinas"

Ala - Baianas

"As cintilantes aves do paraíso"

Ala - Velha guarda das baianas

"Reluzentes Flores de Luz"

Ala - 08 ou 80

"A poderosa luz da criação"

Ala - Comunidade II

"A serpente - mensageira da desobediência"

Ala - 2º casal de mestre-sala e porta-bandeira

"1º cavaleiro do Apocalipse - A Guerra"

Ala - 3º casal de mestre-sala e porta-bandeira

"2º cavaleiro do Apocalipse - A Peste"

Ala - 4º casal de mestre-sala e porta-bandeira

"3º cavaleiro do Apocalipse - A Morte"

Ala - Casal mirim de mestre-sala e porta-bandeira

"4º cavaleiro do Apocalipse - A Fome"

Ala - é Luxo Só

"1º cavaleiro do Apocalipse - A Guerra"

Ala - 1001 Noites

"2º cavaleiro do Apocalipse - A Peste"

Ala - Tom & Jerry

"3º cavaleiro do Apocalipse - A Morte"

Ala - Alto Astral

"4º cavaleiro do Apocalipse - A Fome"

setor 2

Ala da Comunidade I: "A magia da terra do encantamento"

"O paraíso terrestre era uma extensão do céu na terra, um lugar muito aprazível onde, segundo a Bíblia, Deus pôs o primeiro homem e a primeira mulher depois de criados. O Éden era um espaço encantado e perfeito, tão extraordinário e maravilhoso que outro igual só poderia existir em contos de fadas".

A Beija-Flor vai levar para a avenida, 22 alas de comunidade. Isso equivale dizer que 2.278 roupas serão doadas pela Beija-Flor este ano, ou seja: 843 fantasias a mais do que as que são comercializadas pela escola. São ritmistas, baianas, crianças e pessoas da comunidade, que desfilam sem nenhum gasto. Mas para sair nestas alas é preciso muito mais do que a letra da composição na cabeça e samba no pé: "A presença de todos é fundamental e começa a contar a partir de maio e vai até o último ensaio da escola, três dias antes do carnaval. Reuniões, ensaios etc. fazem parte de uma agenda que deve ser cumprida. São toleradas, no máximo, três faltas por cada integrante e com justificativa. Logo após a escolha do samba (que acontece em outubro) começam os nossos ensaios, que sempre contam com as presenças dos componentes destes segmentos (comunidade, bateria, passistas, baianas, casais de mestre-sala e porta-bandeira e crianças). Os ensaios acontecem às segundas e quintas-feiras na quadra da escola. Cerca de dois meses antes do carnaval passamos a realizar os ensaios na rua Alberto Teixeira da Cunha. Este ano atrasamos um pouco (o ensaio de rua só começou no dia 25 de janeiro). Além disso, o dia mudou: agora ensaiamos aos sábados, às 18h, ao invés de domingo como costumava ser anteriormente. O domingo agora é para o lazer de cada um", informa Laíla.

Todo mundo é catalogado. Em cada ala existem dois líderes para "fiscalizar" o comportamento, a frequência e a dedicação dos componentes. Os relatórios são entregues para o Laíla que avalia cada caso isoladamente. A regra é bem simples: participou, desfilou.

Ala Apoteose e Ala Borboletas: "As purificadas fontes de águas cristalinas"

"No princípio do mundo o paraíso era repleto de nascentes, de suas origens brotavam a mais pura água, límpida como o mais transparente cristal".

Ala Signos: "A exuberância das plantas divinas"

"O paraíso terrestre, presente do criador pelo nascimento da vida, era um local mágico onde cresciam as mais exuberantes plantas, tão infinitamente exóticas em suas diversas formas de folhas, que acabavam por ornamentar o cenário divino".

Ala das baianas

"As cintilantes aves do paraíso"

Com o branco rutilante das penas que cobriam seus corpos e com as melodiosas canções que surgiam de seus pequeninos bicos córneos, os fascinantes pássaros paradisíacos transformavam o paraíso em um deslumbrante espetáculo natural".

As tias nilopolitanas darão os seus rodopios mágicos nos três refrões do samba. Essas senhoras maravilhosas que encantam os olhos de qualquer expectador costumam ser o orgulho de qualquer agremiação. O andamento do desfile acelerou, mas elas não perderam o ritmo. Continuam reinando soberanas, com a desenvoltura que só a experiência é capaz de dar. A baiana mais idosa é a Dona Nadir Amâncio, com 83 anos; e a mais nova, Maria Cristina, com 44.

O comando das 100 baianas está há dez anos a cargo de Hélio Antônio Borges, que está na Beija-Flor desde 1977 e que

também responde pela ala da velha guarda das baianas. E para garantir a técnica perfeita, elas ensaiam três vezes por semana: segundas e quintas, na quadra; e aos sábados na rua. E "Seu" Hélio é mesmo um apaixonado por estas simpáticas componentes: "Tenho o maior orgulho de estar à frente da ala das baianas da Beija-Flor. Parto do princípio de que estas senhoras, assim como os integrantes da velha guarda, são as raízes e a história da escola de samba. Por esse motivo, merecem todo o nosso carinho e respeito. Porém, o trabalho é intenso e trabalhamos sempre atrás de uma evolução perfeita. Por isso, não damos moleza, mas elas dão conta do recado. Não é à toa que ganhamos por dois anos consecutivos o troféu Tamborim de Ouro. Tenho muito respeito também pela dedicação do Laíla em todos os segmentos da escola. Na minha opinião, ele é um dos melhores diretores de carnaval e de harmonia".



Velha guarda das baianas: "Reluzentes Flores de Luz"

"O paraíso divino era um jardim em que brotavam as mais belas flores. Ao desabrochar, suas pétalas revelavam a cor singela do mais puro branco, transformando a paisagem em um imenso quadro sendo floreado pelas cerdas de um pincel, com a tinta iluminada de uma aquarela celestial".

A preocupação com as baianas é tanta, que a diretoria da Beija-Flor decidiu criar a velha guarda desta ala. Nela, estarão àquelas baianas mais antigas, mas que apesar da idade não admitem, sob hipótese alguma, desfilar sentadas em carros alegóricos ou em qualquer outro lugar da escola. As fantasias serão bem mais leves do que as das baianas tradicionais para facilitar o rodopio.

Ala 08 ou 80: "A poderosa luz da criação"

"No princípio da criação do mundo, uma fonte divina de claridade tornou as coisas visíveis. Irradiando brilho e fulgor, iluminou com seus raios as trevas que até então existiam".

Ala da Comunidade II: "A serpente - mensageira da desobediência"

"Traçozeira e má, a cobra que trouxe ao homem as mensagens do subterrâneo, a mentira de que ao provarmos o fruto proibido seríamos iguais aos deuses, conhecedores do bem e do mal. Mas, ao transgredirmos as leis celestiais, conhecemos apenas o início do mergulho da humanidade no caos".

2º casal de mestre-sala e porta-bandeira: "1º cavaleiro do Apocalipse - A Guerra"

Carlos Augusto e Janailce Adjane

3º casal de mestre-sala e porta-bandeira: "2º cavaleiro do Apocalipse - A Peste"

Allan Nascimento e Juliana Leão

4º casal de mestre-sala e porta-bandeira: "3º cavaleiro do Apocalipse - A Morte"

Adriano e Nanda Alexandrina

Casal mirim de mestre-sala e porta-bandeira: "4º cavaleiro do Apocalipse - A Fome"

David Nascimento e Priscila Dantas

Ala é Luxo Só: "1º cavaleiro do Apocalipse - A Guerra"

"Cavalgando no dorso de um equídeo vermelho, ele anuncia o grande cataclismo pré-visto no quarto livro do Novo Testamento, atribuído a São João que profetiza a luta armada entre as nações. O domínio da arte militar, da hostilidade, da oposição, da discórdia, da rixa, da briga e do medo".

Ala 1001 Noites: "2º cavaleiro do Apocalipse - A Peste"

"Em uma montaria esverdeada, é a criatura perniciososa que traz a segunda fase do processo de destruição. Doenças contagiosas e muitas vezes mortais fazem o mundo pestear, sucumbindo-se sob a pestilência das pragas".

Ala Tom & Jerry: "3º cavaleiro do Apocalipse - A Morte"

"Envolto em uma roxa mortalha, este encarniçado mensageiro é portador do terceiro estágio da ruína humana. Ele é o cadáver funesto, letal e mortífero que tem como único objetivo conduzir a humanidade à um morticínio. O falecimento da vida, que mergulhará o mundo em um pesar profundo".

Ala Alto Astral: "4º cavaleiro do Apocalipse - A Fome"

"O amarelento servo da miséria que dispõe em suas mãos a quarta etapa da destruição mundial. É o escravo da penúria que maltrata os homens com a sensação causada pela necessidade de comer. A ele foi conferido o poder de deixar o ser humano faminto, definhando sob um esfomeado flagelo que consome vidas".

Alegoria nº 2: "Apocalipse - A Ira do Criador"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Paulo Balbino ("Senhor do Apocalipse"), Zezito Ávilla ("Cavaleiro do Apocalipse - A Fome"), Marquinho ("Cavaleiro do Apocalipse - A Morte"), Nil D' Yemanjá ("Cavaleiro do Apocalipse - A Guerra") e Paulo Robert ("Cavaleiro do Apocalipse - A Peste"). O "Fogo" e o "Escorpião" também estarão presentes nesta alegoria.



Foto: Henrique Matos

setor 3

As grandes navegações

A ganância banhada a ouro

Ala - Dos Cem e Amar é Viver

"Mistérios na imensidão de águas"

Ala - Ala da Comunidade III

"As conquistas dos Estandartes portugueses"

Ala - Animação Cultural

"África - A riqueza de um povo"

Ala - Colibri de Ouro

"Em busca dos tesouros das Índias"

Ala - Travessia e Muvuca

"Índia fascinante - A ambição de um mundo"

Ala - Liberdade e Tudo Por Amor

"Brasilíndia - As riquezas amarelas de dois mundos"

Ala - Vamos Nessa

"Brasilíndia - As riquezas vermelhas de dois mundos"

Ala - Tu e Eu

"Brasilíndia - As riquezas verdes de dois mundos"

Ala dos Cem e Ala Amar é Viver: "Mistérios na imensidão de águas"

"O oceano foi, durante séculos no Velho Mundo, cercado de enigmas e segredos ocultos. Atribuindo-se ao sobrenatural tudo quanto a razão não podia explicar ou compreender; abusando da credulidade humana e aprofundando ainda mais o abismo que separava a realidade do misticismo".

Ala da Comunidade III: "As conquistas dos Estandartes portugueses"

"O desejo de conquistar novas terras obriga Portugal a desafiar o temeroso oceano, superando o medo dos lendários monstros marinhos e redemoinhos que engoliam embarcações. Assim, aventurando-se nos mares, bandeiras com a insígnia portuguesa oscilavam à mercê dos ventos marinhos em busca de ampliar os domínios da Coroa Real".

Ala Animação Cultural: "África - A riqueza de um povo"

"Apesar da absorção do governo português pelos negócios das Índias, o mercado da escravidão ainda movimentava imensas riquezas. O tráfico negreiro não deixou de ser muito rentável e foi responsável por constantes investidas em território africano em busca de uma mão-de-obra abundante e barata".

Ala Colibri de Ouro: "Em busca dos tesouros das Índias"

"Portugal tinha como uma de suas prioridades desvendar a rota marítima que levava às fabulosas riquezas da Índia, o que lhe daria acesso ao tão sonhado reino das especiarias. Assim, as caravelas que navegaram exaustivamente durante anos, voltariam agora repletas".

Ala Travessia e Ala Muvuca: "Índia fascinante - A ambição de um mundo"

"O deslumbramento pela irresistível atração de instalar um entreposto em Calicute, no coração da Índia, dominava a atenção do Velho Mundo. Obstinação, a coroa portuguesa lançou ao mar inúmeras frotas, enfeitada pela sedução do ouro e por obter o monopólio do comércio de especiarias para a Europa".

Ala Liberdade e Ala Tudo Por Amor: "Brasilíndia - As riquezas amarelas de dois mundos"

"A frenética busca pela descoberta do caminho marítimo para as Índias, trouxe Portugal até estas terras. Aqui, buscavam cegamente enxergar a cor amarelada do ouro. Ao invés de saciarem seus desejos, somente penas amarelas de aves foram o que eles conseguiram levar em suas primeiras expedições".

Ala Vamos Nessa: "Brasilíndia - As riquezas vermelhas de dois mundos"

"Os portugueses aportaram nestas terras acreditando terem descoberto a rota que os conduziriam aos tesouros das Índias. Mas, ao invés de encontrarem o vermelho intenso dos rubis indianos, se depararam com grandes e formosos papagaios escarlates e com nativos de pele avermelhada".

Ala Tu e Eu: "Brasilíndia - As riquezas verdes de dois mundos"

"O encanto que o tesouro indiano exercia sobre o Velho Mundo vedou os olhos de Portugal para as inúmeras riquezas das terras que acabaram de ser descobertas. Os conquistadores portugueses deram pouca, ou nenhuma importância, ao velho nativo que trazia no beijo furado uma pedra verde, aos pequeninos papagaios verdes e as carapuças e barretes verdejantes feitos de penas de aves. Uma fortuna viva protegida por uma imensa mata virgem".

Alegoria nº 3: "As grandes navegações - A ganância banhada a ouro"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Zeza Mendonça ("Índia Fascinante"), Fábio Leite ("Os Navegantes e os Perigos do Mar"), Denise Carmo ("Deusa Africana"), Alex Razan ("Indiano") e Luiz Roberto ("Africano"). A "Ganância - Ouro - Pedras" também estarão presentes nesta alegoria.



setor 4

O Paraíso Terrestre

Uma segunda chance

Ala - Amigos do Rei

“Borboletas - As pinturas aladas”

Ala - Casarão das Artes

“Flores - Delicadas e deslumbrantes”

Ala - Dá Mais Vida

“Frutos e pássaros - maravilhosos e desconhecidos”

Ala - Comigo Ninguém Pode

“Os exóticos peixes das boas águas”

Ala - Comunidade IV

“Os nativos - almas puras e simples”

Ala - Comunidade V

“A proteção mágica dos pajés”

Amigos do Rei: “Borboletas - As pinturas aladas”

"Um fascinante espetáculo de leveza singular anunciava que aquele mundo, ainda desconhecido pelos portugueses, escondia agradáveis surpresas. Com formas extravagantes e belíssimos desenhos, esses insetos borboleteavam singelamente exibindo o colorido inusitado de suas asas e sua incomparável habilidade na arte de voar".

Ala Casarão das Artes: “Flores - Delicadas e deslumbrantes”

"Como se quisesse seduzir os inesperados visitantes portugueses causando-lhes espanto e admiração, a natureza fazia com que as mais belas e delicadas flores desabrochassem exalando inebriantes perfumes, em um florescer que enfeitava a paisagem com uma variedade de cores que parecia não ter fim".

Ala Dá Mais Vida: “Frutos e pássaros - maravilhosos e desconhecidos”

"Os exploradores portugueses ficaram deslumbrados com a incalculável variedade de folhagens e frutos e com as milhares de aves que exibiam-se com seus tons verdes, amarelos, vermelhos e algumas pretas com bicos brancos e rabos curtos e muitos papagaios verdes, pardos, pequenos e grandes".

Ala Comigo Ninguém Pode: “Os exóticos peixes das boas águas”

"Portugal se conscientizou de que as terras descobertas durante a busca de um caminho para as Índias, tratavam-se de um solo gracioso e fértil à espera de ser aproveitado. Um chão no qual se brotava tudo por causa das infinitas extensões de boas águas repletas de peixes".

Ala da Comunidade IV: “Os nativos - almas puras e simples”

"Ao desembarcarem nas terras do Novo Mundo, os portugueses deparam-se com os aborígenes e ficam impressionados com o seu peculiar modo de viver. Um princípio de vida sem misturas ou impurezas, a ponto de terem a naturalidade de andarem com seus corpos nus, exibindo suas "vergonhas" com a mesma inocência com a qual mostram seus rostos".

Ala da Comunidade V: “A proteção mágica dos pajés”

"Entre os indígenas, a figura do Pajé é uma espécie de feiticeiro, benzedor, curandeiro; a autoridade religiosa responsável pelo ritual específico que é a pajelança, a arte de curar. Ele é o amparo espiritual de um povo que estava prestes a ter violada a sua crença nas forças ocultas da natureza".

Alegoria nº 4: “O paraíso terrestre - uma segunda chance”

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Edson Bertholine ("Riquezas Naturais"), Charles Henry ("Aves Desconhecidas") e Aidêe ("Pássaros"). As "Borboletas" e as "Índias" também estarão presentes nesta alegoria.



Foto: Antonio Carlos



**Sempre uma
nova diversão!**



BINGO TIJUÇA

Conforto e segurança

Refrigeração com filtragem de centro cirúrgico

Estacionamento com manobrista

Serviço de bar e restaurante

Atendimento personalizado

Aberto diariamente

(Domingo à quinta das 13:00 às 03:00h.

Sexta e Sábado das 13:00 às 04:00h.)

**BINGO
TIJUÇA**

R. Conde de Bonfim, 475 - Tijuca - Rio de Janeiro - Tel: 21 2288-4480



setor 5

Queda da bastilha A Revolução do Povo

Ala - Karisma

"O luxo do clero francês"

Ala - Comunidade VI

"O requinte dos nobres franceses & a fartura da corte francesa"

Ala - Comunidade VII

"A decadência do povo francês"

Ala - Passistas mirins

Ala - 1º Passista

Ala - Princesas

Ala - Rainha da bateria

Ala - Bateria

"Os Reis Mendigos"

Ala Karisma: "O luxo do clero francês"

"O Estado do clero era uma das grandes divisões do corpo social português que exerciam uma influência preponderante. O clero estava indubitavelmente no topo da pirâmide intelectual da época, apesar de sua má reputação, onde muitos eram vistos como detentores de grandes fortunas, de mentalidade hipócrita, inúteis e, não poucas vezes, com um comportamento escandaloso que os tornavam maus exemplos".

Ala da Comunidade VI: "O requinte dos nobres franceses & a fartura da corte francesa"

O requinte dos nobres franceses: "O Estado da Nobreza era uma das três ordens ou grandes divisões do corpo societário. Um grupo social distinto e notável, de descendências ilustres, com títulos nobiliárquicos e possuidor de grandes domínios. Os nobres gozavam de ambientes com excesso de primor e apuro, mas eram guerreiros e se dedicavam essencialmente a protegerem as igrejas e a defenderem todo o povo".

A fartura da corte francesa: "As cortes eram a assembléia das pessoas que viviam junto do rei e o acompanhavam, previamente convocadas pelo monarca ou em seu nome, quando se queria ouvir a opinião dos vassalos sobre problemas e necessidades do país em geral ou de cada zona em particular, sempre providas abundantemente de grandes quantidades de comida, suficientes para regalar a todos os seletos membros".

Ala da Comunidade VII: "A decadência do povo francês"

"A gravidade da crise econômica havia envolvido a França em uma situação caótica. Às vésperas da revolução os gastos com o pão representavam 88% do orçamento popular. O movimento revolucionário saía às ruas para protestar contra o regime monárquico opressor, os populares invadiram a Bastilha, fortaleza que simbolizava o absolutismo real, transformando o acontecimento em um símbolo do início da Revolução Francesa".

Passistas mirins

Dando continuidade ao trabalho iniciado no ano de 1998, a agremiação mantém uma escola para 50 passistas mirins (entre 2 e 14 anos), coordenada pelo professor de samba Edson Bittencourt. Várias destas crianças e adolescentes estarão desfilando na Avenida Marquês de Sapucaí pela primeira vez. Os ensaios são levados a sério pela meninada e muitos deles já foram "promovidos" para a Ala dos passistas adultos. Para que a criançada não perca o ritmo, eles mantêm a agenda em dia mesmo depois do carnaval.

1º Passista

A história de amor de Edson Bittencourt, o Edinho, com a Beija-Flor começou em 1986, quando ele foi convidado para fazer parte da agremiação. Passista de primeira, os dotes de Edinho logo chamaram a atenção da diretoria da escola, que viram nele um grande potencial para expandir seus conhecimentos para a garotada da Beija-Flor.

"Fazer esse trabalho na Beija-Flor me enche de orgulho e alegria. Sempre quis ter um grupo-show de passistas e poder trabalhar com a garotada da comunidade está sendo a realização deste sonho. E sou muito grato ao seu Anísio, Seu Farid e ao Laíla por isso. O projeto, além de tirar as crianças da rua, estimula a auto-estima de cada uma delas. Mas, para que ele apresente resultados é preciso muita dedicação e amor. Tudo isso sem deixar de lado os estudos, é claro! Faltas sem justificativas e notas baixas na escola, nem pensar. Não estamos apenas oferecendo o presente às crianças da Beija-Flor; mas também semeando o futuro delas", orgulha-se Edinho.



Foto: Danilo Tavares

Rainha da bateria

Quando os ritmistas estiverem evoluindo na Passarela do samba em 2003, terão à sua frente a pequena Raissa de Oliveira, de 12 anos, que já dá mostras de que talento vem de berço. O peso de estar à frente do "coração" da escola e estar substituindo Sônia Capeta, que há nove anos exerceu seu reinado com verdadeira maestria, não assusta a pequena, que desfila na azul-e-branco desde 2000. No ano passado ela ganhou o concurso de passista mirim "Pé no Futuro", realizado pela TV Globo. No séqüito real da bateria, sete princesas ajudarão Raissa a fazer da passagem dos ritmistas um acontecimento marcante pela batida dos instrumentos; e cheio de charme, pela beleza e muito samba no pé dessas meninas encantadoras.

"Estou na maior expectativa e muito ansiosa também. Não vejo a hora de chegar o dia do desfile. Fui muito bem recebida pelos ritmistas da Beija-Flor e estou ensaiando bastante para fazer bonito na avenida. Não estou tendo tempo pra fazer quase nada fora do carnaval, mas estou feliz com tudo o que está acontecendo. A Sônia Capeta foi uma excelente rainha de bateria e com ela aprendi que devemos sempre ser humildes em tudo o que fazemos", revela Raissa.

E por falar em Sônia Capeta, ela continuará defendendo as cores da Beija-Flor de Nilópolis, só que como destaque do oitavo carro alegórico.



As princesas da bateria no ensaio com Sonia Capeta

Bateria

"Os Reis Mendigos"

"Soberanos de um reino miserável, monarcas de um regime de humilhações, essas são as pessoas que exercem o poder absoluto sobre o nada e humildemente pedem esmolas para viver. Mendigar é muito mais do que ganhar com dificuldade os meios de subsistência; é ser a parte mais desprezível de uma sociedade que esqueceu o significado da palavra solidariedade; é sentir na própria pele a mais cruel rejeição humana de um povo que se acostumou a "fingir que não vê"; é ser esmoleiro de um pouco de atenção e pedinte de um pouco mais de dignidade. A bateria da Beija-Flor de Nilópolis representa essa gente que teve os seus direitos esquecidos mas, em momento algum, deixou de ser brasileiro".

Os 250 ritmistas estarão distribuídos em 12 cuícas, 03 pandeiros, 42 tamborins, 33 chocalhos, 10 surdos de marcação de primeira, 10 de segunda, 18 de terceira, 50 repiniques, 10 taróis, 02 tan-tans e 60 caixas de guerra.

No comando da bateria, dois mestres: Plínio e Paulinho. O primeiro começou na Em Cima da Hora e faz parte da família Beija-Flor desde 1972, quando começou tocando surdo de terceira. Assumiu o posto de 1º diretor de bateria em 1996 e comandou os ritmistas da azul-e-branco de Nilópolis sozinho, até a chegada de Paulinho, em 1997. Paulinho, mestre de bateria há 15 anos, começou na Caprichosos de Pilares e passou pela Em Cima da Hora, Viradouro e Portela.

"O público pode esperar um grande espetáculo da bateria da Beija-Flor. Estamos ensaiando uma bossa e uma paradinha para dois momentos na avenida: uma no 2º refrão do samba "Grito forte dos Palmares...."; e outra no momento em que a letra fala "Pare com essa ganância...", que terá direito até a coreografia, não só dos ritmistas como também de todos os componentes da escola. Como eu disse antes, estamos ensaiando. Temos consciência de que jogo é jogo e treino é treino, ou melhor: quadra é quadra e avenida é avenida. Só iremos usar esses dois recursos se a escola estiver passando bem, numa total integração entre o canto e a dança. Tudo irá depender do estado emocional que estiver "rolando" na hora do desfile", entrega mestre Paulinho.

Mestre Plínio complementa: "Estamos ensaiando direto pra fazer bonito na avenida. O samba da Beija-Flor de 2003, a exemplo do que vem acontecendo há alguns anos, é muito bom. Então fica fácil "desenhar" a batida. O fato do Paulinho e eu termos começado tocando instrumentos, também ajuda muito em desenvolver nosso trabalho com a rapaziada. Somos muito rigorosos com relação à presença dos ritmistas

nos ensaios. Adotamos a mesma política que as alas das comunidades: toleramos somente três faltas e mesmo assim, com justificativa. Essa cobrança acontece desde o primeiro corte de samba-enredo da escola. Mas, da mesma forma que cobramos sabemos reconhecer o esforço de cada um. Por isso também organizamos vários encontros pra dar uma valorizada no pessoal. Estamos sempre realizando churrasco, futebol e reuniões para manter todo mundo com espírito de uma verdadeira família".



O Intérprete

“O lha a Beija-Flor aí, gente!! Chora cavaco”. Esse grito de guerra na avenida já virou marca registrada de Luiz Antônio Feliciano Marcondes, o Neguinho da Beija-Flor. E o amor e a fidelidade à sua escola, também. Há exatos 28 anos, ele conduz os sambas da azul-e-branco de Nilópolis com sua voz forte e imponente.

Neguinho já está com o samba deste ano "moldado" ao seu estilo. Campeão de samba-enredo da escola de Nilópolis por seis vezes, na sua opinião o fato de a composição ter sido fruto de uma fusão, só fez melhorar o que já era bom:

"No ano de 1978, um samba de minha autoria recebeu partes do samba dos compositores Gilson Doutor e Mazinho. E até hoje, pra mim e na opinião de vários especialistas, ele é

Foto: Robson Barreto



considerado um dos melhores da safra da Beija-Flor. Com o samba deste ano está acontecendo a mesma coisa. O refrão da composição de Luiz Antônio e parceiros que foi inserido no samba de Betinho e cia. além de ser maravilhoso, é muito forte. O resultado ficou muito bom, tanto que a crítica está apontando o samba da Beija-Flor como o melhor de 2003", gaba-se Neguinho.

No dia do desfile Neguinho da Beija-Flor estará assessorado por Gilson Bakana, Bira e Jorginho, que há 16 anos dão esse suporte ao intérprete.



Azul Maria

*Bom gosto, qualidade e arte
em moda feminina.*

Tel.: (21) 2695-5033

Alegoria nº 5: "Queda da Bastilha - A revolução do povo"

Nesta alegoria virão: Linda Conde (Rainha Maria Antonieta), Fran Carvalho (Rei Luiz XVI), José de Assis (A Fartura da Corte) e Jussara Calmom (A Revolução Francesa). A "Burguesia", o "Povo" e o "Diabo que Amassou o nosso Pão" também estarão presentes nesta alegoria.

Linda Conde destaque

Linda Conde é dinamarquesa de nascença, paulista por opção, mas o coração há 21 anos bate pela azul-e-branco de Nilópolis. O desejo de ser parte integrante do carnaval carioca surgiu durante um desfile da Mangueira, numa época que ainda nem se sonhava em construir gigantescos carros alegóricos e muito menos apresentar destaques luxuosos em alegorias. Mas Linda não teve dúvidas: lá da arquibancada de onde assistia ao espetáculo, decidiu que iria escrever parte da sua história de vida, nas páginas dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. E ela estava certa: em pouco tempo, o nome de Linda Conde virou sinônimo de luxo e riqueza dos nossos desfiles.

Sobre as fantasias que costuma usar, ela sabe muito pouco. Costuma entregar tudo nas mãos do estilista Fran Carvalho, que há 18 anos confecciona suas roupas. Este ano ela virá de "Rainha Maria Antonieta", mas nem imagina como será a fantasia: "Eu não me meto no trabalho do Fran. Ele faz tudo sozinho. Eu só experimento a roupa para fazer os ajustes finais e a visto no dia do desfile. Tenho plena confiança no trabalho dele. Além de ser um grande artista, ele conta com uma equipe maravilhosa e que sempre dá conta do trabalho. O resultado é surpreendente", revela orgulhosa a destaque, que terá o amigo estilista também como companheiro de alegoria: "Ele será o Rei Luiz XVI", informa.

Linda costuma chegar ao Rio de Janeiro sempre uma semana antes do carnaval. Dá uma passada na quadra da Beija-Flor e acompanha o último ensaio da escola. No dia do desfile, cerca de cinco pessoas vão para a Marquês de Sapucaí, ainda na parte da tarde, e começam a montar a fantasia, que é transportada por dois caminhões. Ela chega

cedo para começar a vestir a roupa e leva aproximadamente uma hora para ficar pronta. Nada que a faça pensar em desistir: "Eu amo o carnaval. Tudo isso vale a pena", afirma.

Linda Conde começou na União da Ilha, em 1982, e no ano seguinte, o palco das suas apresentações passou a ter endereço fixo: as alegorias da Beija-Flor. Ela também chegou a participar de concursos de fantasias por uns quatro anos, mas decepcionada com os resultados decidiu afastar-se destes eventos. Preferiu direcionar seu amor pelo carnaval apenas para a Beija-Flor, um sentimento, diga-se de passagem, arrebatador. Tanto que nesses 21 anos de "casamento" ela nunca aceitou desfilhar em nenhuma outra escola de samba: "A Beija-Flor é a minha escola, é minha grande paixão. Escola de samba tem que ser igual ao futebol: assim como não se pode jogar em dois times ao mesmo tempo, acho que também não se deva desfilhar em várias escolas de samba num mesmo carnaval. Acho muito importante manter a fidelidade, a emoção, o orgulho e o amor por uma só agremiação. Vim para a Beija-Flor a convite de Joãozinho Trinta e logo aprendi amar a escola. Tenho muito carinho e respeito por todos", revela Linda.

Este ano Linda Conde estará no alto da quinta alegoria, "Queda da Bastilha - A revolução do Povo". Uma hora antes de o desfile começar, ela já poderá ser vista no seu posto e como manda o figurino: vestida com o luxo da sua fantasia e esbanjando amor pela sua Beija-Flor.





setor 6

Heróis nacionais

Guerreiros saídos do povo

Ala - Beijerê

"Lembranças africanas - A resistência da memória negra"

Ala - Comunidade VIII

"Zumbi dos Palmares - O início da quebra das correntes"

Ala - Comunidade IX

"Tiradentes - um mártir da Inconfidência Mineira"

Ala - Comunidade X

"Dragões da Independência - O regimento de um herói"

Ala - Amizade

"Nordeste - O berço de barro do rei do cangaço"

Ala - Cem Compromisso

"Lampião - um justiceiro forjado no calor da seca"

Ala Beijerê: "Lembranças africanas - A resistência da memória negra"

"A vida sofrida dos escravos era amenizada pela determinação de manter viva as suas raízes africanas, resistindo bravamente às tentativas de aculturação pelo homem branco. As recordações que a memória negra conservava, os faziam lembrar de uma civilização própria, forte o bastante para persistir e ser capaz de influenciar fortemente a futura cultura brasileira".

Ala da Comunidade VIII: "Zumbi dos Palmares - O início da quebra das correntes"

"Os quilombos eram esconderijos de negros fugidos, centros de resistência à crueldade da escravidão. Nas Américas, o mais importante foi a confederação de Palmares, em Pernambuco. Em diversas lutas avultou a figura do grande líder Zumbi, um chefe que, embora morto à traição, não deixou de existir e imortalizou-se como um dos maiores heróis da Humanidade".

Ala da Comunidade IX: "Tiradentes - um mártir da Inconfidência Mineira"

"A Inconfidência foi um movimento de revolta contra a dominação colonial, surgida na região de Minas Gerais no final do século XVIII. Dentre os inconfidentes destaca-se o soldado do Regimento dos Dragões das Minas Gerais, Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, que entra para a história como principal líder popular da luta pela Independência do Brasil".

Ala da Comunidade X: "Dragões da Independência - O regimento de um herói"

"As revoltas pela libertação colonial levantaram personalidades de relevo na sociedade local, entre estas, um punhado de oficiais do corpo de tropas dos Dragões das Minas, no qual Tiradentes era um de seus alferes. A Unidade Militar "Os Dragões" foi criada em 1808 por Dom João VI e teve sua origem no 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército".

Ala Amizade: "Nordeste - O berço de barro do rei do cangaço"

"O agreste nordestino é de clima seco durante a maior parte do ano, como o tom acinzentado da vegetação raso. Chove muito pouco, o chão é poeirento. Não há estradas, só caminhos, abertos e mantidos como trilhas identificáveis pela passagem dos que por ali circulam, geralmente a pé. Em breves palavras, esse era o ambiente em que Virgolino Ferreira passou toda sua vida. Pode-se dizer que muito pouco mudou desde então".

Ala Cem Compromisso: "Lampião - um justiceiro forjado no calor da seca"

"Em resposta ao sofrimento causado pelas secas e pelas injustiças contra o nordestino, surgem do meio do povo sertanejo os cangaceiros que lutaram pela sobrevivência, dentre eles, Virgolino Ferreira da Silva - O Lampião. O "Rei do Cangaço" desejava muito um futuro melhor para ele e seu povo, e para isso, não hesitava em dizer: "Se não me dão os meios de conseguir, eu tomo!".

Alegoria nº 6: "Heróis nacionais - guerreiros saídos do povo"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Marcelo Almeida ("O Grito Forte dos Palmares"), Jorge Braz ("Inconfidência Mineira") e Marcos Oliveira ("Caatingas do Nordeste"). O "Quilombo", "Zumbi", a "Inconfidência", a "Seca Nordestina" e o "Povo do Quilombo" também estarão presentes nesta alegoria.



setor 7

O Brasil de hoje Caos Social

7
setor

Ala - Cabulosos

"O caos na educação brasileira"

Ala - Comunidade XI

"A decadência de uma saúde doente"

Ala - Comunidade XII - Energia

"A tórrida seca nordestina"

Ala - Comunidade XIII

"O povo de rua - A segregação do homem"

Ala - Sambando na Beija-Flor

"Política nacional - A arte dos vampiros"

Ala - Comunidade XIV (Cia. Lê Monde de Teatro)

"Vidas no lixo"

Ala Cabulosos: "O caos na educação brasileira"

"O desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais de um ser humano dependem, basicamente, do meio social, das condições em que ele vive e das oportunidades de acesso à informação e a cultura. O povo brasileiro pode ser humilde, mas não é bobo; e sabe muito bem que esta total desordem que "eles" insistem em chamar de educação, está muito longe de suprir as necessidades de um povo sedento de conhecimento".

Ala da Comunidade XI: "A decadência de uma saúde doente"

"O estado de vigor, força e robustez que outrora caracterizou o nosso povo, decaiu a ponto de ser submetido a epidemias que suprimem vidas. É vergonhoso o fato de ver o nosso povo à mercê do vibrião de uma saúde pública insuficiente, de sermos obrigados a colocarmos nossas vidas nas mãos que nos presenteou com o maior índice de mortalidade por causa de um mosquito".

Ala da Comunidade XII - Energia: "A tórrida seca nordestina"

Significado da fantasia: "devido às estiagens o agreste caracterizou-se por um chão poeirento e seco, onde raramente se encontra um local onde haja água. Existem meios técnicos e científicos para modificar o ambiente hostil em que vive o nordestino, para propiciar-lhe melhores meios de subsistência, mas parece não interessar aos que tiram proveito da situação vigente".

Ala da Comunidade XIII: "O povo de rua - A segregação do homem"

"Vagando de esquinas em esquinas sem destino certo, vemos um povaréu entregue à própria sorte, tornando-se marginal na verdadeira acepção do termo. Seres humanos colocados à margem da sociedade, onde as chances de sobrevivência não dependem apenas deles, mas também, e principalmente, do que lhes dão e do que lhes permitem ter".

Ala Sambando na Beija-Flor: "Política nacional - A arte dos vampiros"

"A ciência de governar consiste em um conjunto de princípios ou opiniões políticas e em sua aplicação nos negócios internos ou externos da nação. Mas alguns políticos interesseiros passaram a se especializar em enriquecer as custas alheias ou por meios ilícitos, tornando-se morcegos sugadores dos direitos e deveres dos cidadãos brasileiros".

Ala da Comunidade XIV (Cia. Lê Monde de Teatro): "Vidas no lixo"

"A essência da alma, a integridade, o caráter e a dignidade pareciam não mais importar. Um homem vale o que ele tem. A exclusão social tornou-se um processo "natural", selecionando quem deveria fazer parte da sociedade e quem seria excetuado dela. Era como se vidas humanas fossem descartáveis, não tivessem valor algum e eram, portanto, jogadas no lixo".

Alegoria nº 7: "O Brasil de hoje - Caos social"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Maurício Médiçi ("Vampiros Sugadores do Povo"), Luciano ("O Caos Atual"), Cláudio ("O Caos Atual") e Pedrinho ("A Destruição"). O "Lixo" também estará presente nesta alegoria.



setor 8

O grande banquete do povo

Ala - Comunidade XV

"O labor das damas de casa"

Ala - Comunidade XVI

"É a vez da massa colocar cartola"

Ala - Comunidade XVII

"Sou nega sim! E maluca, com muito orgulho"

Ala - Comunidade XVIII

"Senhora meretriz, por favor"

Ala - Uni-Rio e Camaleão Dourado

"O lixo vira ouro nas mãos de um povo dourado"

Ala - Jovem Flu

"A lata vira prata sob a raça de uma gente vencedora"

Ala - Baianinhas

"O banquete de um Brasil sonhado"

Ala - Velha Guarda

"Anfitriões do banquete Beija-Flor"

Ala da Comunidade XV: "O labor das damas de casa"

"Ao tentarmos personificar a palavra trabalho, nada mais justo colocar como primeira opção as nobres mulheres que passam grande parte de sua vida dedicando-se às tarefas domésticas. As donas de casa são, indiscutivelmente, verdadeiras batalhadoras, pois colocam a moradia em ordem todos os dias e em retribuição recebem, muito mal, um obrigado. Injustiças à parte, esta é a nossa homenagem a essas indispensáveis damas do lar".

Ala da Comunidade XVI: "É a vez da massa colocar cartola"

"A Beija-Flor reúne a multidão para colocá-los de chapéus com copas altas e trajes a rigor para participar de uma festa onde todos nós, sem distinção de credo, cor ou raça, somos os verdadeiros indivíduos da alta sociedade, os grã-finos de uma hierarquia medida não pelo dinheiro, mas pela garra, determinação e vontade de vencer de uma gente que nasceu para brilhar e não para morrer de fome".

Ala da Comunidade XVII: "Sou nega sim! E maluca, com muito orgulho"

"Se não fosse pelo orgulho que a raça negra deposita em si mesma, seria impossível vencer o preconceito que durante séculos martirizou um povo que influenciou fortemente a cultura brasileira. Em agradecimento, a Beija-Flor de Nilópolis recebe essa nega, maluca por alegria, por carnaval... Maluca, talvez, por pensar como o povo brasileiro e acreditar que o amanhã será bem melhor".

Ala da Comunidade XVIII: "Senhora meretriz, por favor"

"As prostitutas são um exemplo vivo de pessoas batalhadoras, sendo assim, são mais uma vez convidadas para integrarem este grande apelo pela busca de um país do qual se tenha orgulho de viver, um país que todos nós amamos e rezamos para que ele nunca se torne vil e devasso, virando um bordel onde funciona a prostituição do caráter".

Ala Uni-Rio e Ala Camaleão Dourado: "O lixo vira ouro nas mãos de um povo dourado"

"A Beija-Flor nos transporta para um mundo de ilusões, onde somos capazes de transmutar a imundície e sujidade do mundo em que vivemos em um metal precioso de cor amarela, de dar as nossas vestes de mendigos, uma cara nova de riqueza e opulência, libertando-nos dos resíduos deixados pela lixeira social que fez das ruas um depósito de gente".

Ala Jovem Flu: "A lata vira prata sob a raça de uma gente vencedora"

"Somos uma gente marcada pela raça, pela força, determinação e pela capacidade de transformação. Deus nos presenteou com o dom de fazer os obstáculos da vida virarem degraus que devem ser galgados em busca de sucesso, de fazer com que folhas de ferro estanhado deixem de ser lataria para se tornarem a mais reluzente prataria, e ser usada como talher em um pomposo banquete".

Ala das baianinhas: "O banquete de um Brasil sonhado"

"A nossa gente é humilde, pacífica e batalhadora e não merece catar em montes de lixo o alimento necessário para viver. Não queremos esmolas, pois somos um povo trabalhador capaz de conseguir muita coisa, basta que tenhamos possibilidades. Somos merecedores, temos o direito de comer regaladamente, de banquetear em honra da alegria até nos fartarmos de tanta felicidade".

A ala das baianinhas é mais uma mostra do empenho da diretoria da Beija-Flor em investir no futuro da escola. Esta ala é fruto de um trabalho que é desenvolvido junto às crianças e adolescentes da comunidade. Criada em 1992 pelo professor de Educação Física Aroldo Carlos da Silva, o Aroldo do CAC, seu objetivo é investir na formação das 200 meninas que integram esta ala, com idades entre 13 e 18 anos. As fantasias são doadas.

"O nosso objetivo é justamente este: valorizar e manter as raízes da Beija-Flor. Durante todo o ano, essas meninas participam de atividades desenvolvidas no CAC/NAD, onde elas conquistam oportunidades de qualificação profissional. Muitas são aproveitadas no próprio barracão da escola. Mas, para ter esta oportunidade é fundamental estar estudando, ter disciplina, postura, respeito, entre outras exigências. As atividades voltadas para o carnaval começam a partir de abril, quando acontecem as primeiras reuniões. Com o lançamento do enredo e a escolha do samba, a agenda se intensifica e elas passam a ensaiar junto com todos os segmentos da agremiação. Mais de 200 meninas já saíram da ala das baianinhas e hoje fazem parte de outros grupos da comunidade", revela Aroldo.

Velha Guarda

Anfitriões do banquete Beija-Flor

"Embevecidos pelo clima festivo que sempre caracterizou o povo brasileiro, a velha-guarda da escola recepciona um grande número de convidados para uma pomposa refeição que a Beija-Flor oferece ao povo neste carnaval, trazendo a fartura em bandejas de amor para que possamos brindar em taças cheias de esperança por um mundo mais igual".

E o encerramento do desfile da Beija-Flor será assim: cheio de pompa e elegância. O figurino, segundo o presidente da velha guarda, Aluísio Ribeiro Luciano, "está mais uma vez de encher os olhos". Para ele, que está há 20 anos no comando da ala é muito gratificante ter o reconhecimento por parte da escola de samba.

"Ter o respeito da diretoria da agremiação, só nos engrandece. A comissão de carnaval da Beija-Flor sempre valoriza a roupa que vamos usar e a deste ano mais uma vez superou as expectativas", garante Aluísio.

No desfile de 2003, Seu Aluísio e a velha guarda irão fazer a reverência ao público quando for cantado o último refrão do samba, na parte que diz "Se espelha na família Beija-Flor".

Então, que venham esses senhores e senhoras. Imponentes, elegantes e soberanos. E que a mensagem de esperança da velha guarda da azul-e-branco de Nilópolis se perpetue na memória do carnaval.

Alegoria nº8: "O Grande Banquete do Povo"

Nesta alegoria estarão os seguintes destaques: Nabil ("Beija-Flor - O Orgulho da Baixada"), Carlos Martins ("O Banquete de um Brasil Sonhado") e Sônia Capeta ("Beija-Flor"). O "Povo" e o "Carnaval" também estarão presentes nesta alegoria.





Sônia Capeta destaque

A fantasia de Sônia Capeta não poderia ser mais adequada: no carnaval de 2003 ela virá representando o símbolo maior da escola: o beija-flor. A diretoria foi unânime em convidá-la para vir na última alegoria da escola e num lugar de destaque. Afinal de contas, são 27 anos de dedicação à escola de Nilópolis, sendo nove deles à frente da bateria. A fantasia será, é claro, uma surpresa. Mas Sônia Capeta adianta alguns detalhes: "Neste carnaval virei quase nua. Nas costas, estarei usando um resplendor bastante leve que é pra eu poder me acabar de sambar lá em cima. Quero sambar muito. Estou super ansiosa e agradecida a todos da diretoria que me fizeram esse convite. Se eu viesse no desfile com a roupa de diretoria pra mim já estaria muito bom".

Neste carro virão duas alegorias acopladas: uma será do ex-presidente da escola, Nelson Abrão David; e a outra será do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva.

Nelsinho, filho de Nelson, fala sobre homenagem a seu pai: "estou muito feliz com essa homenagem pois todos sabem o que meu pai, junto com o tio Anizio, fez por Nilópolis. No desfile, estarei nesse carro, deixando de participar, como fiz ano passado, da bateria da escola. Mas de qualquer maneira, estou muito feliz de estar levando a minha alegria ao lado da escola que amo".

Sônia, por sua vez se enche de orgulho: "Vir num carro que vai homenagear o Seu Nelson e ainda por cima encerrar o desfile da escola é motivo de muita felicidade pra mim. Vou ficar lá de cima olhando a minha escola passar todinha".

Ela garante que sair da bateria foi uma iniciativa dela e que o momento não poderia ser melhor: "Foi muito bom poder sair enquanto eu ainda estou no auge. Foi uma decisão difícil, mas muito bem resolvida na minha cabeça. A Raíssa (nova rainha da bateria) foi uma excelente escolha da diretoria da escola. Além de sambar muito bem, ela é muito bonita. Tomara que tenha um reinado longo", declara Sônia.

O objetivo da Beija-Flor é de que com o término do desfile, quando as 50 alas da Beija-Flor tiverem cruzado a Passarela do Samba na segunda-feira de carnaval (03 de março), fique na memória do público um pedido de paz e justiça social dos 3.700 componentes da escola da Baixada Fluminense para o público da Marquês de Sapucaí.

E, por que não dizer, para o mundo.

Grupo Especial

A explosão brasileira de paz e alegria para o mundo

Eduardo Varela

Um dos maiores espetáculos da Terra - o Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - é assistido por 200 milhões de pessoas no Brasil e no mundo. Transmitida pela televisão em inúmeros idiomas, a festa chega ao vivo até no Japão, no outro lado do planeta, onde milhares de espectadores vêem seu início tomando o café da manhã. Turistas de toda parte chegam eufóricos para o espetáculo - o Porto do Rio de Janeiro e o Aeroporto Internacional Tom Jobim batem recordes de movimento - e os hotéis da cidade têm lotação esgotada. Empregos, diretos e indiretos, são criados do dia para a noite, num país que precisa deles. De outros estados, e do interior, dezenas de milhares de ônibus despejam visitantes, que se somam aos outros, no epicentro da festa. Uma explosão de cores e som toma conta de um pequeno espaço, no centro do Rio de Janeiro, irradiando-se para o mundo inteiro.

Impossível não sentir um calafrio - como o que antecede a uma erupção vulcânica - quando se percebe as luzes se acenderem e os primeiros acordes de uma grande escola de samba na Avenida Marquês de Sapucaí. Na Grécia de Dionísio e na Roma de Baco, todos sabem para onde o Olimpo se mudou; pode ser que a eterna guerra americana contra qualquer um nem saia do papel. Tomem seus lugares, pacíficos senhores e senhoras do planeta, é a festa que vai começar.

Eficiência & organização

Duas entidades são hoje o grande destaque pela organização, administração e serviços no carnaval carioca, principalmente por sua maior atração: o desfile das escolas de samba do chamado Grupo Especial. A primeira delas é a Liesa, ou Liga Independente das Escolas de Samba, hoje dirigida pelo Capitão Guimarães, e que executa a festa. A outra é a RIOTUR, a ponte entre o poder público e o carnaval no Rio de Janeiro. A empresa também administra o espetáculo, sendo responsável, entretanto, pelo carnaval em toda a cidade. Seu presidente é Eduardo Guinle.

Cada um deles fala um pouco da festa, dos problemas e do importante papel que desempenham essas entidades para o espetáculo, que se tornou definitivamente internacional.

Segurança elogiada pelo público

Para o presidente da Liesa, órgão criado em 1984, o aspecto segurança tornou-se uma preocupação constante no desfile do Grupo Especial. Mesmo não sendo registradas grandes ocorrências, a vigilância é constante. Para ele, o trabalho da entidade tem surtido efeito e, nos últimos desfiles, praticamente, não houve registros nesse aspecto. Capitão Guimarães informa que a segurança do espetáculo é feita pelas Polícias Militar e Civil; além delas, a Polícia Federal marca presença, pois há concentração de pessoas de outros estados brasileiros, e muita gente que vem do exterior. A Guarda Municipal, por sua vez, fica o tempo todo de plantão. Guimarães diz mais: "Hoje qualquer pai não tem medo de deixar o filho brincar o Carnaval na Sapucaí, mas tem quando o jovem vai ao Maracanã ou a uma boate".

Com efeito, um dos itens mais elogiados pelo público é a tranquilidade com que se assiste ou se participa do Carnaval da Sapucaí. Dias antes do desfile, diz o presidente da Liesa, as adjacências são verificadas e cada ponto onde pode ocorrer algum perigo é mapeado, por isso há pouca chance para surpresas. Em números, 120 mil pessoas - entre público, técnicos, pessoal de serviço e sambistas - passam por ali em cada dia de desfile. Euforia, descontração, brincadeiras e bebida poderiam liberar confusões, até seriam aceitáveis. Mas nem isto acontece, o que confirma a qualidade do trabalho de proteção e vigilância executados no local.

Com relação ao turista, sobretudo o que vem ao Brasil para ver o espetáculo, Guimarães apresenta uma prova de que a Marquês de Sapucaí se transforma num dos locais mais seguros da cidade: no último Carnaval, e meses depois do fatídico 11 de setembro, quem esteve num dos ca-

marotes da avenida foi a mãe do presidente americano. Bárbara Bush até dispensou a blindagem (um vidro à prova de balas que seria colocado em sua cabine) e compareceu ao lugar por dois dias, embora sua presença estivesse programada para apenas um. Para que sua equipe de segurança dispensasse esses cuidados, seria preciso confiança no trabalho da Liga e na vigilância da festa. Ela mesma, por isso, tornou-se uma das divulgadoras internacionais do desfile.

O grande público pode não saber, mas 23 câmeras estão estrategicamente distribuídas em toda a avenida e em pontos considerados perigosos. Qualquer início de ocorrência ou distúrbio recebe a pronta visita de seguranças e da polícia, impedindo qualquer alteração da ordem. Tudo é controlado por uma central de inteligência que identifica imediatamente a dimensão do problema e a maneira de neutralizá-lo sem a necessidade de qualquer exagero. No fim, tudo acaba bem.

Turistas, aliás, são divulgadores potenciais do espetáculo. Por isso, a Liesa montou um verdadeiro corredor dentro do Sambódromo, protegendo-os o tempo todo. Os ônibus que chegam ao local deixam os turistas na porta de seus camarotes ou próximo às cadeiras ou arquibancadas. Eles não precisam andar mais de 100 metros para acharem seus lugares e curtir a festa.

Na questão de transporte, diz o presidente da Liga, houve negociação com as empresas de ônibus e metrô para que antes, durante e depois do desfile haja mais oferta de condução. O objetivo é evitar transtornos para chegar ou voltar para casa. Além disso, e dentro da área do espetáculo, é necessário atendimento médico de emergência para o caso de acidentes. O ensinamento que ficou dos desfiles passados reforçou os cuidados com esse importante detalhe. A Secretaria Municipal de Saúde, com orientação da Liga, monta diversos pontos de atendimento médico ao longo do local, além de contar com bombeiros e paramédicos, prontos para primeiros socorros. "Quem se acidentar ou passar mal, é imediatamente atendido", finaliza Guimarães.

Riotur, infra-estrutura e recursos

Eduardo Guinle, presidente da Riotur, reconhece que o espetáculo cresceu em profissionalismo depois que sua execução passou para as mãos da Liga Independente das Escolas de Samba. Em 2002, a Riotur iniciou uma reforma das instalações hidráulicas e impermeabilizou grande parte do Sambódromo, garantindo um rápido escoamento das águas da chuva e prevenindo as infiltrações. Durante o ano passado, o sistema elétrico foi melhorado com redes definitivas de energia, preparando o lugar para que a Liga o recebesse no melhor funcionamento. É essa, aliás, uma das maiores funções do órgão, que trabalha o ano inteiro para que o espetáculo seja cada vez melhor. Infra-estrutura, instalação de bares, sanitários, pintura e outros acabamentos

ficam inteiramente prontos antes do desfile. É o caso dos camarotes, das cabines para a transmissão de rádio, TV e condições para que a imprensa possa realizar um trabalho grandioso. Os órgãos de comunicação são os grandes responsáveis pela repercussão do evento, por isto é importante que os profissionais encontrem boas condições no local.

Exemplo disso, reforça Eduardo Guinle, é que no ano passado tivemos uma das pistas mais limpas dos últimos anos. A cada agremiação que desfilava, o serviço de limpeza preparava a avenida em pouquíssimo tempo, isso deu uma imagem de organização e beleza jamais vistos.

Subvenção e recursos

O valor subvencionado pela empresa para o desfile do Grupo Especial - feito em dois dias - é de 5,6 milhões de reais; a Liesa entra com outra parte dos recursos. O dinheiro é investido na melhoria do espetáculo, na divulgação, nas condições físicas do Sambódromo e no pagamento dos serviços essenciais para que tudo dê certo. Iluminação, qualidade de som e infra-estrutura completa são a base do sucesso, que a cada ano faz do desfile o mais conhecido no mundo inteiro. Guinle afirma que a prefeitura não pode abrir mão disso, pois o retorno que recebe é imensamente maior. No Carnaval, o investimento público municipal chega à soma de 10 milhões de reais, mas o retorno estimado é 30 vezes maior. Calcula-se que, só na arrecadação, a quantia alcance 300 milhões.

O presidente da Riotur diz que a cidade também ganha, pois além de ocorrer forte aquecimento no comércio e nos serviços, surgem mais empregos diretos e indiretos. Os hotéis têm lotação esgotada; bares e restaurantes têm faturamento recorde. Citando o economista Carlos Lessa, presidente do BNDES, Guinle revela que o Carnaval gera 60 mil postos de trabalho permanentes, chegando a 120 mil nos três meses que o antecedem; e que "é papel do estado fomentar e dar condições para a indústria cultural como atividade econômica".

A Prefeitura, entretanto, não se preocupa apenas com o desfile do Grupo Especial no Sambódromo, diz Guinle. É preciso administrar e fomentar o Carnaval em todo Rio de Janeiro: o carnaval de rua, dos clubes e das entidades que historicamente fazem a festa. Basta lembrar, explica, que tradicionais blocos de rua, transformaram-se, com o tempo, em grandes escolas que hoje desfilam na Sapucaí. Outro investimento da Prefeitura junto com a Riotur é no conhecido Terreirão do Samba, um espaço alternativo ao Sambódromo no qual se assiste de graça ao verdadeiro samba de raiz. Finalizando, Eduardo Guinle diz que sua expectativa para este ano é de um dos maiores carnavais da história do Rio de Janeiro.

A Liga Independente das Escolas de Samba

Vicente Lucarelli Dattoli

Muito se fala, com justa razão, das evoluções estéticas e artísticas ocorridas nos desfiles das Escolas de Samba nos últimos anos. Não há dúvida de que a criatividade dos carnavalescos, artistas por vezes anônimos, foi a mola-mestra para que o espetáculo continuasse a crescer e atingisse o status que hoje possui de melhor festa do mundo, atraindo a cada Carnaval mais e mais turistas para o Rio de Janeiro.

O que não se pode negar, também, é que a sede de inovação daqueles gênios da avenida só pôde seguir sua tendência com o apoio irrestrito das agremiações, há menos de duas décadas comandadas por uma nova entidade denominada Liga Independente das Escolas de Samba, que vem garantindo a organização e os recursos necessários para que a arte dê as mãos à alegria e sambe sem limites no Sambódromo.

Mas... O que é exatamente a Liga Independente das Escolas de Samba, a Liesa? Para quem não conhece, vamos tentar fazer um pequeno retrospecto dessa entidade que, com dedicação e muito amor ao samba, está fazendo ver às autoridades e empresas que o Carnaval é coisa séria e merece ser tratado com muito respeito.

A Liesa surgiu em julho de 1984, quando dez das principais escolas de samba do Rio de Janeiro (Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Es-

tação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha e Unidos de Vila Isabel) decidiram que já era hora de elas dirigirem a sua vida, valorizando o espetáculo que realizavam e fazendo-se respeitar pelos órgãos públicos e empresas que, cada vez mais, se interessavam pela festa.

Para que isso fosse possível, decidiram romper as amarras que as prendiam à Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (à época congregando outras 34 agremiações, todas com peso igual na hora de tomar decisões, apesar de até alguns conflitos de interesse). Uma revolução pacífica, baseada em idéias e dedicação, que só fez crescer a festa e valorizar seus artistas, os sambistas.

Nestes quase 20 anos de vida, a Liesa teve apenas oito presidentes: Castor de Andrade (em cuja residência foram realizadas as primeiras reuniões de formação da nova entidade), Aniz Abrão David, Aílton Guimarães Jorge (eleito pela primeira vez em 1988, reeleito duas vezes depois, consecutivamente, e o atual presidente da entidade), Paulo de Almeida, Jorge Luiz Castanheira Alexandre, Djalma Arruda e Luiz Pacheco Drumond que, como vice-presidente, completou o mandato de seu presidente, que faleceu durante a gestão, sendo reeleito posteriormente. Cada um deles conseguiu deixar seu nome marcado, de alguma forma, na história do Carnaval e na luta incessante das escolas de samba no sentido de fortalecerem o desfile do Grupo Especial.

Se ao patrono da Mocidade Independente de Padre Miguel, Castor de Andrade, deve-se o louvor pela coragem de iniciar o combate, como deixar de exaltar que foi na administração de Aniz Abrão David, presidente de

honra da Beija-Flor de Nilópolis, que as escolas de samba começaram a tomar posse de algo que, por direito, sempre deveria ser delas - o Sambódromo? E como deixar de registrar as conquistas, inclusive patrimoniais, das gestões de Aílton Guimarães Jorge e Jorge Castanheira (atual vice-presidente)? Ou não se citar que foi na administração de Luiz Pacheco Drumond que as Escolas de Samba do Grupo Especial fizeram o seu (até agora) mais vantajoso contrato de venda de direitos de transmissão?

Mas não se deve pensar que as conquistas da Liesa estão apenas no campo econômico. Nada disso. As escolas de samba que compõem o Grupo Especial sabem, mais tardar na primeira quinzena de junho do ano anterior ao seu desfile, a que horas estarão entrando na Marquês de Sapucaí. E o público, que tantas vezes penou por 12, 15 horas nas arquibancadas esperando por um espetáculo que tinha hora para começar mas não se sabia quando acabaria, tem hoje a certeza de que pode até marcar um encontro para o horário previsto para o término do desfile - porque o desfile vai acabar na hora marcada. Uma questão de organização, e respeito.

Os desavisados poderiam pensar que, para tocar essa estrutura que luta para se aproximar da perfeição, são

necessárias centenas de pessoas. Nada disso. Para coordenar a maior e melhor festa popular do planeta a Liesa conta com uma diretoria de apenas dez integrantes e um corpo de 14 funcionários. Todos absolutamente apaixonados pelo que fazem. Apaixonados pelo Carnaval. Pessoas que aliam à experiência profissional de suas vidas conhecimentos próprios e específicos ligados aos desfiles, após anos e anos de avenida, presidindo, dirigindo ou simplesmente ajudando as suas escolas do coração.

Quando o leitor estiver com esta revista nas mãos, pode estar certo de que quase todas as providências necessárias para que o desfile das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro foram tomadas. Pelo quarto ano consecutivo, todos os lugares disponíveis no Sambódromo estarão ocupados e todos os que lá estiverem terão a certeza de estarem diante de um espetáculo admirável.

Muitas noites de sono foram perdidas, certamente esposas, maridos, filhos e amigos perderam um pouco do contato com seus entes queridos. Mas a razão para tudo isso é nobre: fazer, a cada ano, um espetáculo mais bonito, inesquecível. Afinal, foi para isso que a Liesa foi fundada e desse objetivo ela não pretende se afastar.

GARRA

DIVERSÕES LTDA

AV. ROBERTO SILVEIRA, 485 - ICARAÍ - NITERÓI - R.J.

CEP: 24230-153

E-MAIL: GARRADIV@UOL.COM.BR

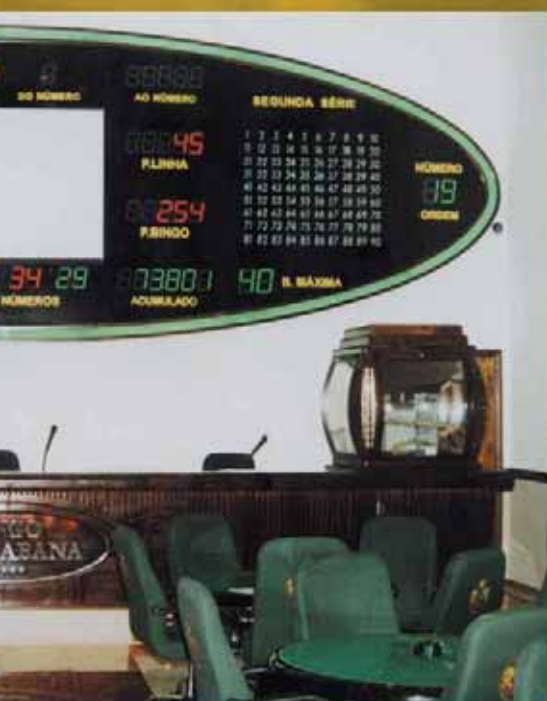
SE VOCÊ PROCURA DIVERTIMENTO
COM PRIVACIDADE,
VOCÊ CHEGOU AO LUGAR CERTO.



BINGO COPACABANA

AMPLAS INSTALAÇÕES
AR CONDICIONADO CENTRAL
BAR E RESTAURANTE
AS MAIS MODERNAS MÁQUINAS DE VÍDEO-BINGO
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO COM MANOBRISTA

VÍDEO-BINGO ABERTO A PARTIR DAS 10:00H
SALÃO DE BINGO ABERTO A PARTIR DAS 12:00H



AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 673 - COPACABANA - RIO DE JANEIRO
TELEFONE: (21) 2548-0364

entrevista com

Capitão Guimarães

Presidente da Liesa

Qual a sua avaliação da gestão da diretoria empossada em 2001?

Essa é a minha segunda passagem à frente da Liesa. Fui presidente de 1987 a 1993. Naquela época nós conseguimos aprontar o regulamento dos desfiles, organizamos a espinha dorsal do que hoje se vê.

Nesse dois anos, trouxe algumas idéias que eu tinha, principalmente relacionadas à avaliação dos quesitos, com a inserção do décimo, que tornou o carnaval mais emocionante.

O carnaval sempre foi nivelado por cima e, às vezes a escola que desfila falha em algum quesito, não merecendo um 10. No entanto, essa falha não é tão grande a ponto de lhe ser tirado 0,5 ponto e receber um 9,5. Para casos como esse, uma nota 9,9 pode ser uma nota justa.

Por isso a importância da inserção do décimo de ponto. Essa modificação fez o julgador se sentir mais à vontade, porque ele tem um universo de 30 notas para poder distribuir e aquilatar bem aquela escola, sem dúvidas de que estaria dando ou tirando ponto demais de uma escola por alguma eventual falha.

Além de tudo, a possibilidade do julgador se utilizar dessas frações dá a ele um leque maior de possibilidades na atribuição das notas, fazendo com que o resultado seja mais justo.

A Liesa promoveu alguma mudança no Desfile visando torná-lo mais atrativo e agradável?

Eu gosto de novidades. Sou ousado. O carnaval, como espetáculo, tem que ser ousado: você não pode ir para a Sapucaí para ver o já visto.

Entre as inovações, consideramos a iluminação, o som e a abertura como as principais. A iluminação foi um avanço no desfile. Um espetáculo à parte que nós não estávamos acostumados a ver, o que fez com que as pessoas estranhassem.

A iluminação de 2002 foi o início de um grande processo, que dentro do projeto inicial atingirá a sua plenitude em cinco anos. A cada ano estaremos melhorando esses recursos, fazendo com que, no futuro mais distante, as escolas possam explorar a seu favor esse recurso, valorizando seu desfile.

Outra grande mudança que fizemos, e que acreditamos ter sido muito importante para o bom fluir do desfile, foi a mudança de status do Setor 11, que era para turistas, para se tornar um setor popular.

Mas para entender o significado dessa mudança, é preciso que o leitor entenda qual a realidade que vivemos no desfile. Por ser uma festa mundialmente conhecida, o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial recebe muitos turistas de outras regiões do Brasil e de outros países.

Esses turistas, que são muito bem-vindos, vem para cá para assistir a festa. Assistem, mas não se envolvem muito, participam pouco, tem uma euforia contida. Por outro lado, a população do estado, vamos dizer assim, o povão, não só assiste, mas vibra muito, canta, dança, e contagia.



Capitão Guimarães: Criatividade e seriedade na condução da Liesa

Identificamos que quando a escola passava pelo Setor 9 e pelo Setor 11 havia uma queda de empolgação da escola, porque havia pouca simbiose com o público.

Por isso, transformamos o setor 11, que era tradicionalmente o setor de turista, em um setor popular, como o Setor 3, com um preço mais acessível ao povão.

Quando a escola chegar ali, ela vai ter novamente a arquibancada participando, incentivando a escola.

E isso vai dar um novo gás ao desfile.

Que mensagem o sr. gostaria de deixar para a família Beija-Flor?

A Beija-Flor é uma das principais escolas de samba do Rio de Janeiro. Todo ano, todo mundo sabe que para ganhar o carnaval, tem que ganhar da Beija-Flor.

A Beija-Flor, que não entra na Sapucaí para brincar... Ela leva o Desfile muito a sério. E nos últimos quatro anos, a Beija-Flor fez belíssimos carnavais.

Minha mensagem para que aqueles que vão desfilar na Beija-Flor, é que entrem com garra, porque só a perseverança faz a gente vencer.

Quem sabe depois de tanta espera não venha um campeonato com um brilhantismo que compense todo o sofrimento de quatro anos.

É o que eu, presidente da Liesa, espero: um grande desfile da Beija-Flor. Que ela faça aquele carnaval que a cidade espera.

Tenho certeza de que a Beija-Flor, comandada pelo Anísio mais uma vez vai dar uma demonstração de garra e emoção para nós todos.

Quando a Beija-Flor entrar na avenida eu tenho certeza de que nós vamos ficar extasiados.

Carnaval do Rio: 100.000 expectadores por dia, transmissão para 60 milhões de brasileiros e 140 milhões de telespectadores no resto do mundo



Escolas de samba: A beleza que contagia

Haroldo Costa

O carnaval do Rio de Janeiro é proclamado por todos como a maior festa popular do mundo. Sem ser uma manifestação nascida em nosso país, foi aqui, no entanto, onde ele adquiriu a face mais bela. Transplantado pela corte de D. João VI, o que se conheceu de carnaval inicialmente foram os bailes de máscaras, realizados em teatros no Rio de Janeiro para a elite e os nobres, tal como acontecia em Paris ou Veneza. Na verdade, porém, ele passou a existir como expressão legitimamente brasileira do momento em que o povo passou a participar ativamente.

Como tantas coisas no Brasil, o carnaval é também produto da nossa miscigenação racial e cultural. Os negros africanos, ainda sob o jugo do regime escravocrata, faziam os seus festejos tribais de grande conteúdo rítmico e vestuário esplendoroso, ao mesmo tempo em que os portugueses cultivavam os seus hábitos musicais e coreográficos. Desta mistura foram-se moldando as matrizes que dariam como resultado as escolas de samba, cujo desfile hoje em dia é o momento culminante do nosso carnaval.

Não seria delirante se dizer que o embrião das escolas de samba veio a bordo dos navios negreiros. Porque lá, naquela viagem sem horizonte, amontoados nos porões infectos os que iriam ser escravos imprecavam a seus santos e protetores para tornar o insuportável sofrimento, suportável.

Muitas e diversas eram as etnias, confinadas no exíguo espaço, obrigadas a dividir o ar, a luz, as lembranças. Na chegada aos portos de destino, a humilhação dos leilões era amenizada pelo murmúrio de sons, indecifráveis para os

ouvidos dos brancos, mas que representavam um código de sobrevivência e de manutenção da dignidade.

Nas senzalas a noite foi sempre cúmplice. No ritmo marcado na palma das mãos e no bater dos corpos, o Lundu era dançado com sofreguidão depois de um dia de trabalho na colheita ou na extração de minérios. Considerado como mais remoto ancestral do samba, insólito e abusado, regido pelo esfregar dos umbigos, o Lundu é o primeiro elo de uma cadeia de ritmos e danças, que passou pelo Jongo, Caxambu, Maxixe, Samba-de-roda e, mais recentemente, a Lambada e o Tchan.



Foto: Danilo Tavares

O Jongo e o Caxambu tiveram também um conteúdo religioso vindo das cerimônias evocativas das entidades africanas, que encontraram no Brasil um solo fértil para a sua preservação e difusão. Tambores de diversos sons, formas e tamanhos foram, e continuam sendo, a base indispensável para a execução da dança. No morro da Serrinha sob o comando da Vovó Teresa, primeiro, e do Mestre Darci depois, O Jongo floresceu e foi passando de geração para geração, fazendo permanecer os preceitos e as raízes.

Por sua vez o Caxambu, que cresceu no ambiente do morro do Salgueiro, teve momentos de alta popularidade mesmo entre os mais jovens habitantes do local. Estas duas matrizes deram, sem dúvida, uma enorme contribuição para a formação do samba do terreiro e suas conseqüências, tanto que muitos dos elementos básicos se refletem ainda hoje nas apresentações mais puras.

O advento do samba como ritmo definido, já que antes havia a confusão entre o que era maxixe e o que era samba, o carnaval carioca também mudou, adquirindo uma face nova, mais identificada como o próprio povo. Ganhando as ruas, os blocos e os ranchos foram impondo um modelo que se transformava a cada carnaval.

Criando suas próprias músicas, inspirando compositores, incentivando modas e modismos, estes grupos foram pouco a pouco estabelecendo um jeito especial para a festa coletiva.

Especialmente os ranchos, que já vinham da tradição portuguesa, congregavam as famílias residentes em bairros históricos da cidade como Santo Cristo e Gamboa. A riqueza dos trajes, o apuro nas alegorias, a beleza das melodias e a qualidade do canto, eram parcelas básicas e indispensáveis para a sempre impecável apresentação dos ranchos, majestosos e belos.

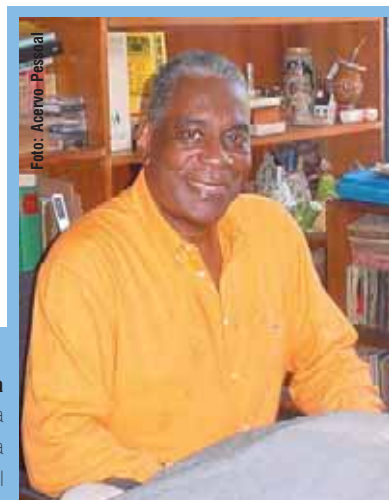
Durante muitos anos os ranchos foram o momento maior do nosso carnaval. A terça-feira gorda ela deles. O povo se acotovelava ao longo da avenida Rio Branco para saudar e apreciar os tenores líricos - que equivaliam aos puxadores de hoje - que entoavam as dolentes e líricas marchas. Mimosas Cravinas, Kananga do Japão, Ameno Resedá eram alguns dos ranchos que embelezavam o encerramento do carnaval do Rio de Janeiro. Enquanto isto ia-se formando uma nova expressão de alegria popular : as escolas de samba.

Criação absolutamente original e carioca, estas agremiações são hoje a síntese das mais importantes manifestações de arte popular que, através dos tempos, vem-se sedimentando em nossa história. Nascida no seio do povo, como produto dos seus anseios e inquietações, as escolas foram crescendo em importância e responsabilidade.

Não obstante as diversas modificações pelas quais passaram - e não poderia ser diferente - elas mantêm suas matrizes originais e desenham novos contornos que passam pela preocupação social de suas comunidades e a preservação das suas mais autênticas raízes.

Hoje uma escola de samba, e são 14 no denominado grupo especial, desfila com cerca de 4.000 pessoas. É um espaço democrático onde ninguém leva em conta raça ou cor. E as bases estão todas lá. São as baianas com suas saias fartas, rodadas e alegria estampada no sorriso. São os ritmistas que mantêm a batida obsessiva do samba e as assistas anônimas que se entregam de corpo e alma à sua dança frenética, constante, que poderia ser sem fim.

A beleza do carnaval carioca está nesta gente que, na verdade, são os seus artífices. Pouco importa se ninguém sabe o seu nome, mas lá estão eles, no barracão construindo os carros alegóricos ou costurando as fantasias, tocando o seu instrumento, levando a bandeira da escola - o símbolo maior - com garbo e competência, compondo o samba-enredo para depois todos cantarem no desfile. O importante é manter viva a chama de uma manifestação que vem atravessando o tempo com alegria cada vez mais bela.



Haroldo Costa
é Jornalista
e especialista
em Carnaval



Foto: Henrique Matos

Fabíola Oliveira

A primeira-dama da Beija-Flor

Isabella Eckstein

Há 13 anos ela pede passagem para a sempre majestosa entrada da Beija-Flor de Nilópolis na avenida. Do alto do carro abre-alas, Fabíola Oliveira reina absoluta tentando conter a emoção de estar à frente de uma das principais agremiações carnavalescas do mundo. Lá de cima, ela compartilha a ansiedade do marido, o presidente de honra da Beija-Flor, Anizio Abrão David, e a empolgação do filho, Gabriel, que aos 5 anos de idade já é completamente apaixonado por carnaval.

Fabíola, que iria representar a "Sedução" no abre-alas da escola em 2003, esse ano terá que renunciar à toda essa emoção e ansiedade.

Mas ela não está triste por isso, ao contrário, o motivo de sua ausência é também motivo de muita alegria: Fabíola está grávida de mais um filho com Anizio, e isso será mais um momento especial na vida dessa carioca que conquistou o coração de Nilópolis.

Assim como sua amiga Claudia Raia, que esse ano não desfilará para cuidar de Sofia, a recém-nascida filha do casal Celulari-Raia, Fabíola não esconde que sente um aperto no coração, mas ela sabe como é importante uma gravidez tranqüila.

Fabíola, que é a segunda filha de uma família de três irmãos, sempre adorou e fez questão de curtir o carnaval. Porém, por uma ironia do destino, essa carioca da gema só

veio conhecer a folia do Rio de Janeiro aos 19 anos de idade. Até então, ela costumava sambar em terras mineiras, na cidade interiorana de São João Nepomuceno, situada a poucos quilômetros de Juiz de Fora. "Todos os anos eu passava as férias na cidade onde nasceram meus pais e desfilava numa pequena escola de samba de lá, mais conhecida como "Avenida". Era muito animado, um verdadeiro acontecimento", lembra.

Fabíola passou seu primeiro carnaval no Rio em 1988. Alguns meses mais tarde, conheceria aquele que se tornaria seu marido e pai de seu filho: "Eu e Anizio fomos apresentados por uma amiga em comum. Depois disso não deixamos mais de nos ver", diz ela, que comemora este ano 14 anos de casamento.

Em 1989, ela faria sua estréia em grande estilo no maior templo de samba do mundo, a Marquês de Sapucaí, e ainda por cima como destaque da azul-e-branco de Nilópolis. "Mesmo sem acompanhar o carnaval carioca, eu já gostava muito da Beija-Flor. A sensação de desfilar pela escola foi maravilhosa, uma emoção indescritível!". A partir do ano seguinte, Fabíola passou a ocupar a nobre posição de destaque do carro abrelas, onde tem o privilégio de ser a primeira a receber a ovação calorosa do público.

A opção pela família

Filha de pai bancário e de mãe empresária do ramo de confecção, Fabíola foi criada num ambiente de muita união juntamente com a irmã mais velha, Alessandra, e com o irmão mais novo, Sávio. Da infância em Irajá, no subúrbio do Rio, ela guarda lembranças que ficarão para sempre na memória: "Fui uma criança muito feliz e tive a sorte de poder brincar na rua, jogando bola, soltando pipa. Só não gostava de brincar de boneca. Era mais moleca mesmo", confessa.

Ainda adolescente, iniciou sua vida profissional trabalhando como modelo, mas seu sonho era ser dentista. Chegou a cursar odontologia, mas logo percebeu que essa não era sua real vocação. Largou a faculdade e decidiu estudar comunicação social. Fez estágio na Rede Globo e formou-se jornalista. Nessa época já estava casada com Anizio e o ritmo de vida que levava não era mais compatível com o trabalho na emissora. Inquieta e estudiosa, Fabíola logo estaria prestando novo vestibular, desta vez para direito. "Fiz estágios em escritório de advocacia e na Defensoria Pública e realmente me encontrei nessa profissão. Só que chegou a hora em que tive que escolher entre o trabalho e a família e aí não tive a menor dúvida".

A maternidade foi o principal motivo que levou a essa decisão: "Engravidei durante o último curso e o Anizio me deu todo o apoio que eu precisava para conseguir me formar". A chegada de Gabriel encheu a casa de alegria e mudou a vida do casal. "Fico muito feliz de poder me dedicar integralmente ao meu marido e ao meu filho. Juntos, eu e Anizio acompanhamos cada etapa de crescimento do Gabriel. Ele é um pai muito presente e participa sempre que pode das atividades do filho", ressalta Fabíola. E olha que a agenda do pequeno é bem cheia: aluno da Escola Britânica, ele faz judô, capoeira, natação e futebol. E, como bom componente da Beija-Flor, Gabriel - que se diz presidente da agremiação e desfila com a camiseta da diretoria - começou a ter aulas de tamborim no final do ano passado com o filho do mestre de bateria Paulinho.

Beija-Flor: um amor contagioso

Esposa, amiga e companheira de todas as horas, Fabíola compartilha com Anizio não só o trabalho no carnaval, mas está presente em todas as ações sociais promovidas sob a bandeira da agremiação por iniciativa do marido. "Ele faz um trabalho maravilhoso para a comunidade de Nilópolis e das regiões vizinhas e é muito respeitado e adorado por isso", afirma. Junto com os pais, o pequeno Gabriel participa de atividades como as festas de Cosme e Damião e de Natal na quadra da escola e já entende perfeitamente o significado e a importância de ajudar o próximo. "Fazemos questão que ele participe e conheça uma realidade diferente da que vive. Ele sabe que é um privilegiado e já separa, por iniciativa própria, brinquedos e roupas que não vai usar mais para doar a quem precisa", diz a mãe, orgulhosa.

E, como não poderia deixar de ser, toda essa união também se reflete no carnaval e se estende como numa grande rede. O amor contagioso pela Beija-Flor e por carnaval motivou os pais de Fabíola a montarem a Organização Não-Governamental Casarão das Artes Carnavalescas, que qualifica mão-de-obra para o trabalho nos barracões, e a irmã dela, Alessandra, a trabalhar com projetos de divulgação do carnaval no Brasil e no exterior: "Toda a minha família desfila na Beija-Flor. Somos todos apaixonados pela escola".

Otimista quanto ao futuro do Brasil e da escola na avenida, Fabíola declara: "Assim como tenho esperança de que o Brasil vá mudar, já que todo o povo está mais consciente e confiante, acredito que nada vai tirar o título da Beija-Flor em 2003".



Ligue agora. São Paulo: (11) 3845.3838. Outras localidades: 0800 770 5065. Ou consulte o seu

A emoção da Beija-Flor não atravessa apenas uma avenida. Atravessa fronteiras.

A homenagem do Conrad à querida Beija-Flor.

Nessas férias, jogue a rotina pra lá e vá ao Verão Conrad. A beleza de Punta del Este com toda a estrutura do Conrad:

- Spa.
 - O maior cassino da América Latina.
 - Kids Club com diversão para as crianças.
- O verão passa rápido. Vá ao Conrad.
É mais barato do que muita viagem nacional.

A partir de

3x **175***
US\$

Inclui: passagem aérea de ida e volta, traslado, hospedagem, café da manhã e acesso ao spa.

- Consulte sobre pacotes com vôos partindo de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.
- Não inclui taxas aeroportuárias.
- Preço por pessoa em apto. duplo.
- Preços especiais para grupos e para pacotes com Spa.
- O pagamento antecipado poderá ser efetuado através dos cartões AMEX e VISA, com os valores convertidos em reais.



CONRAD
RESORT & CASINO
PUNTA DEL ESTE
OPERATED BY PARK PLACE ENTERTAINMENT

Tranquilidade - Segurança - Elegância

agente de viagens. conradsao@conrad.com.uy/www.conrad.com.uy

Nilópolis

A terra do beija-flor

Após 14 anos de experiência na Assembléia Legislativa, como deputado estadual, Farid Abrão David, 58 anos, casado com D. Jane Louise, e com 3 filhos, Ricardo, Flávia e Adriana, assume a Prefeitura de Nilópolis com a marca característica da família: muito trabalho e muita realização.

Em entrevista à revista Beija-Flor - uma escola de vida, Farid conta um pouco do que vem fazendo como administrador de um município com 153 mil habitantes e que é considerado pela Organização das Nações Unidas, o município número 1 em desenvolvimento humano da Baixada Fluminense.

Segundo relatório de 2002 das Nações Unidas, Nilópolis é hoje o município com o melhor índice de desenvolvimento humano da Baixada Fluminense. A que o sr. atribui esse resultado?

Desde que assumi a prefeitura de Nilópolis, junto com o meu secretariado, decidimos fazer uma revolução social e urbana no município. Nilópolis estava abandonada, com o seu hospital municipal fechado, com as escolas destruídas, com lixo em cada esquina.

Não podíamos aceitar essa situação, e ao assumir a Prefeitura, com o poder que a população havia me dado através do voto, sabia que teríamos que mostrar, mais uma vez, a sinceridade de nossas intenções e o carinho que temos por nossa Nilópolis e por seus moradores.

Nilópolis é um município que tem uma baixa arrecadação, com poucas indústrias e um comércio de pequeno porte. Isso significa que a receita gerada é insuficiente para as nossas necessidades. Mesmo assim, decidimos enxugar a máquina, realocando recursos e fazendo esforços para que os recursos que entrassem, se revertessem em benefício do município e de seus moradores.

Para isso, ao assumir, fizemos uma auditoria completa e montamos um planejamento que pudesse nos dar uma idéia do que seria possível fazer pelo município. Identificadas as necessidades e os recursos disponíveis, arregaçamos a manga e começamos a trabalhar.

É importante destacar que todas as nossas realizações são feitas com os mesmos recursos da administração anterior. A diferença é que nos elegemos

para dar ao morador de Nilópolis a dignidade que lhe foi roubada. E isso faremos a qualquer custo.

Quem passa por Nilópolis não tem dúvidas de que ela deu um salto de qualidade. É só observar à sua volta. O sr. poderia enumerar algumas dessas melhorias resultantes do esforço e da dedicação da administração Farid?

São muitas as realizações nestes dois anos. Mas de qualquer modo, vou resumir algumas delas, dando preferência àquelas que beneficiam diretamente o cidadão nilopolitano, e até mesmo, da baixada Fluminense.

Na área da saúde, tínhamos um hospital municipal fechado. Ao assumir, reabrimos o hospital, demos condições de uso, com aquisição de novos equipamentos, ampliamos o quadro de médicos para 11 por dia, em diversas especializações, como ortopedia, pediatria, urologia, anestesia, cirurgia e clínica geral. E os vencimentos mensais dos médicos passaram a ser os melhores da região.

Reformamos a maternidade, com berços, incubadoras e outros aparelhos novos.

Estamos reformando o hospital aos poucos, já com mobília nova.

Criamos também dois postos de saúde 24 horas, coisa inédita no município, ambos com ambulâncias próprias, melhorando o atendimento na região.

Com isso, estamos resolvendo o problema da saúde em Nilópolis que, hoje, atende aproximadamente 1.200 pessoas por dia, sendo que, segundo um levantamento feito pela secretaria de saúde, 67% delas moram fora do município. Isso significa que, além de atendermos bem a nossa população, estamos atendendo a população de municípios próximos, que identificaram no nosso atendimento, uma quali-



Foto: Danilo Tavares

dade melhor do que a dos seus municípios.

Não há como negar: a qualidade da saúde em Nilópolis melhorou muito.

E em termos de divertimento e lazer para o nilopolitano? O que foi feito?

Para se falar em lazer em Nilópolis, é preciso entender que, como diversos municípios que não têm praia, nosso lazer é limita-

do às praças e clubes, praticamente. Nilópolis tem hoje uma Vila Olímpica, com várias modalidades de esporte, com pista de atletismo, campo de futebol, e áreas para esportes para as crianças, além de professores especializados.

O que temos feito hoje é modernizar essas praças, com quadras de futebol, vôlei e basquete. Estamos, também, inaugurando novas quadras nessas praças, como fizemos recentemente nos bairros do Cabral e no Centro de Nilópolis.

Cinco praças sendo modernizadas, com quadras poliesportivas. Em cada praça está sendo criado um parque para as crianças.

Na parte do esporte, quando melhoramos a qualidade das instalações onde se pratica o esporte, estamos incentivando a sua prática. Além disso, temos organizado campeonatos de futebol, jogos estudantis.

O que podemos falar sobre o saneamento em Nilópolis?

Hoje um dos meus principais orgulhos como prefeito de Nilópolis é poder afirmar que nosso município está 100% saneado, urbanizado e humanizado.

Atacamos o problema com seriedade, e, com o apoio do governo federal, iniciamos e concluímos diversas obras de saneamento que beneficiaram o morador da região.

No que se refere à limpeza urbana, também estamos bastante satisfeitos. A nossa limpeza urbana é uma das melhores do estado do Rio de Janeiro. Desde que resolvemos terceirizar, ganhamos em eficiência e produtividade.

A cidade está limpa, com carros novos, uma equipe de profissionais sérios que varrem e coletam o lixo e retiram os entulhos com regularidade e assiduidade. Tenho certeza de que estamos no caminho certo.

A violência é hoje uma das principais preocupações dos governantes e da sociedade civil. O que o prefeito de Nilópolis, Farid Abrão David, tem realizado para solucionar esse problema e dar segurança ao seu morador?

A questão da segurança pública, na verdade, não é uma responsabilidade do município, mas sim, uma obrigação do

governo estadual.

No entanto, nosso ponto-de-vista é que, mesmo sendo o governo estadual o responsável pela segurança dos seus municípios, não posso, como prefeito e amante dessa cidade e seu povo, permitir que a incapacidade do estado de dar segurança atinja os moradores do meu município.

Por esta razão, criamos a Guarda Municipal, que atua desarmada, mas que, pela sua presença constante nas ruas, tem inibido a atuação do marginal. Com isso, temos podido dar ao nilopolitano um pouco mais de segurança.

O que mais a sua administração tem feito pelo cidadão de Nilópolis?

Como lhes disse anteriormente, nossa meta é devolver ao nilopolitano a cidadania e o amor próprio. E não podemos pensar em cidadania sem pensar em educação escolar.

É através do ensino qualificado que a criança e o jovem crescem, com informação e base para vencer na vida.

Por isso, grande parte da nossa preocupação é com as condições de ensino da rede municipal.

Depois de termos feito um diagnóstico da situação, inauguramos e reformamos várias escolas, além de investirmos na modernização da infra-estrutura. Para se ter uma idéia, os professores das escolas municipais de Nilópolis, hoje, não trabalham mais com o giz e quadro negro. Desde que assumi, os substituímos por quadro em acrílico e pincel de tinta.

Isso sem falar nas cadeiras novas, nas reformas nas instalações das escolas, os concursos públicos para professores que qualificam mais o ensino. A este respeito, quero destacar que o concurso público nos possibilita profissionalizar os quadros da prefeitura.

Estamos melhorando as condições das escolas e, com isso, trazendo a criança de volta para as atividades letivas.

Com isso, temos certeza de que amenizaremos problemas futuros, além de dar ao aluno a oportunidade de construir a sua própria história.

Resumidamente, estas são algumas das ações que a nossa administração realizou e vem realizando, e que nos dão hoje o honroso título de município número 1 em desenvolvimento humano na Baixada.

Que mensagem gostaria de deixar para o leitor da revista Beija-Flor - uma escola de vida?

Em primeiro lugar, gostaria de me dirigir ao nilopolitano, nascido ou que reside em Nilópolis. Quero, mais uma vez, assumir meu compromisso em dar ao município e a seus moradores tudo o que de bom puder ser dado, para que Nilópolis seja conhecida não apenas pela escola de samba que tem, mas também, pela qualidade de vida que construiu e oferece aos seus moradores. Quero também me dirigir à família Beija-Flor, para que, assim como tem sido ano após ano, que entrem na avenida com muita alegria, muita garra, na certeza de que este ano o título será nosso. E que esse ano será o início de um novo tempo para todos.



entrevista com

Ricardo Abrão

Sangue novo na política estadual

Eleito com 43.000 votos para deputado estadual, Ricardo Abrão, representa, hoje, o sangue novo da família Abrão David na política do estado. Nascido e criado em Nilópolis, Ricardo tem acompanhado o pai na vida pública, tendo sido chefe de gabinete no atual governo municipal, onde despertou para a política. Em entrevista à revista Beija-Flor - uma escola de vida, Ricardo demonstra, apesar da juventude, firmeza e discernimento em suas palavras.

Deputado Ricardo Abrão, qual a sua principal tarefa nesses primeiros dias de mandato?

Tenho estado atento aos problemas da Baixada Fluminense, e mais particularmente de Nilópolis. Como sou um legislador, com poderes de Executivo, agora estou mantendo um regular contato e diálogo com o governo estadual, através da governadora Rosinha, criando as circunstâncias para tirar do papel os diversos projetos que concebi durante esses últimos anos e que beneficiarão os moradores de Nilópolis, da baixada e de outras regiões do estado.

Quais os projetos que o sr. planeja dar andamento assim que assumir a sua cadeira no legislativo estadual?

São inúmeros os projetos para beneficiar a população que represento e, para que não me falte nada, tenho andado pelo município, conversado com moradores, associações de moradores, entidades representativas e empresas para identificar as necessidades da região. Só assim poderei atuar de uma maneira mais completa e eficiente, atingindo realmente as carências do cada bairro e município.

Além disso, vou buscar, junto ao governo federal, recursos e compromisso político para dar andamento a esses projetos.

Apesar disso, deputado, certamente existem projetos que o sr. já planeja colocar em prática. Quais são eles?

Tenho consciência de que novas necessidades surgem a cada dia. Por isso, defini algumas prioridades, como a viabilização da reforma e de melhorias nas escolas estaduais localizadas em Nilópolis, para que as crianças da rede pública estadual que estudam em Nilópolis possam ter a mesma qualidade de ensino que têm, hoje, as crianças da rede pública municipal. Além disso, tenho conversado com a governadora para que

tenhamos recursos para a construção do novo viaduto, em Matadouro.

Por fim, irei ampliar o expresso da saúde, um programa que criei na ocasião em que estive na prefeitura de Nilópolis, ao lado do meu pai, e que consiste na utilização de um ônibus com três consultórios (odontologia, pediatria e clínica geral) que vai até as comunidades e as atende gratuitamente. É um projeto que facilita o acesso do cidadão da baixada à saúde, além de desafogar o fluxo no hospital municipal.

O sr. se elegeu com a incrível marca de 21.500 votos em Nilópolis. O que isso significa para o sr.?

Antes de mais nada, uma prova de confiança. Uma confiança que é fruto do trabalho competente da minha família na política, através do Farid, do Simão e do Miguel e na ação social e cultural, através do tio Anizio, e dos tios, já falecidos, Nelsinho e Jacó.

O nilopolitano conhece a história da família Abrão David. Sabe que nossa família tem ajudado Nilópolis a crescer sem nenhum interesse, apenas pelo amor ao município que acolheu nossa família desde nossos antepassados. E esse amor, muitas pessoas não sabem, vem de família mesmo; Tudo que aprendi na minha família foi isso: amar a cidade onde nasci.

No entanto, esse voto de confiança é também uma carta branca que a população me deu, e que carrega consigo, uma enorme carga de responsabilidade.

E tenho consciência disso.

Para mim, essa eleição significa isso: confiança por parte do cidadão e responsabilidade em atender essa confiança por minha parte.

Tenho uma determinação muito grande em servir Nilópolis e tenho certeza de que não vou desapontar.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

DEPUTADO SIMÃO SESSIM - PPB/RJ

D06112002 - VESPERTINO.

O SR. SIMÃO SESSIM (PPB-RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) - Senhor presidente, senhoras e senhores deputados, a Nação brasileira, com certeza, ainda vive o clima de euforia provocado pela vitória esmagadora, nas urnas, do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, a quem também depositamos todas as nossas esperanças de ver um país mais justo e humano sob o seu comando, a partir de janeiro de 2003.

É bem verdade, a esperança venceu o medo. Mas, precisa também vencer o Brasil que ainda desafia o mandatário na sua promessa de matar a fome de 54 milhões de pobres e indigentes, de mudar a situação de 42 milhões de trabalhadores informais, subempregados e sem direitos ou garantias, e de 10 milhões e meio de desempregados, entre outros excluídos.

Digo isto, senhor presidente, emocionado e orgulhoso que estou diante da expectativa de ver a minha querida escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, defendendo, na segunda-feira de Carnaval, na passarela Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, exatamente o que mais de 50 milhões de eleitores de Lula disseram nas urnas - que querem um Brasil melhor para todos os brasileiros.

O enredo da Beija-Flor, para o Carnaval de 2003, eu diria sem medo de errar, é um primor de manifestação, exatamente em defesa da liberdade, da igualdade e da fraternidade que ela vai defender com muito garbo, em nome de todos os moradores pobres e oprimidos, especialmente os da Baixada Fluminense, a que temos a honra de representar nesta Casa.

O enredo "O povo conta sua história: Saco Vazio Não Pára em Pé - A Mão que Faz a Guerra, Faz a Paz" é uma obra primorosa para os tempos atuais de uma nação que clama exatamente por paz, por trabalho, por comida e, sobretudo pela dignidade que lhe vem sendo tirada ou negada há mais de meio século.

Quero, aqui, senhor presidente, render minhas homenagens à Comissão de Carnaval da Beija-Flor, tão bem capitaneada pelo magnífico Laíla. Mas não posso deixar também de ressaltar o trabalho magnífico, poético, que vai encantar a passarela da Marquês de Sapucaí, feito pelos compositores Betinho, J.C. Coelho, Ribeirinho, Glyvaldo, Luís Otávio, Manoel do Cavaco, Serginho Sumaré e Vinícius.

O CD com os sambas-enredos das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro deverá chegar às lojas até o final deste mês, quando então o Brasil poderá ver, com antecedência, a contribuição que a minha querida Beija-Flor dará a Nação, sempre no ritmo e cadência de uma era de afirmação da consolidação da democracia - que também está chegando para os operários e o povo no sentido mais profundo de sua essência.

A Beija-Flor, senhor presidente e senhores deputados - que a exemplo do povo brasileiro também tem sofrido injustiças por parte daqueles que têm a responsabilidade de julgar o desempenho das escolas de samba - vai falar da fome que assola sem piedade a humanidade, do caos moral e espiritual, da ganância cega e cruel, do inferno, da dor, da fome e da escravidão; de um povo sofrido, oprimido, sem direito e sem alternativa.

Mas, vai dizer também senhor presidente, que é no meio desse mesmo povo, de sua dor, que faz morada e esperança. Até porque, a força mortal a nos ameaçar durante todos esses séculos não foi capaz de apagar o sonho de vermos a pátria e seus filhos livres.

A Beija-Flor vai denunciar com muita propriedade, que somos uma pátria de desigualdades, filhos do medo, da violência crescente, do desemprego desolador e da fome opressora. É como se este país continente desconhecesse que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, sem distinção de raça, língua ou religião; que tem direito a vida, à liberdade e à segurança.

A Beija-Flor, senhor presidente e senhores deputados, vai lembrar que, em meio a esta eterna luta desigual contra miséria, nasceu uma região poderosa e guerreira, chamada Baixada Fluminense; e que seus filhos, sempre humildes, ganharam uma grande defensora e porta-voz, ou seja, a Beija-Flor, sempre revestida de muita garra e, acima de tudo de muito amor por seus soldados.

É a mesma Beija-Flor de Nilópolis que já defendeu o povo de rua, as meretrizes, os pedintes e os desocupados. É a mesma Beija-Flor que, na sua luta por justiça, por várias vezes vestiu seus soldados de reis e rainhas, que fez lata virar prata e lixo virar ouro - e aí quem não lembra de Joãozinho Trinta?

E há se perguntar também: por que o Brasil não fez a Beija-Flor de exemplo? Onde ficou a promessa de um povo bem nutrido, de um país desenvolvido? Cadê o nosso direito à paz e a moradia?

Como disseram os mais de 50 milhões de eleitores de Luiz Inácio Lula da Silva, chega, ninguém agüenta mais! Chega, senhores mandatários do Brasil, de ganhar tão pouco, de tanto sufoco, chega de covardia!

Muito obrigado!

N PREFEITURA **NILOPOLIS**

A MELHOR CIDADE DA BAIXADA!

“Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios aponta Nilópolis como a melhor Cidade da Baixada”.



Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano
www.undp.org.br

Ações que fazem de Nilópolis, cada vez mais, a melhor Cidade da Baixada.

Dá-lhe Nova Praça!



PRAÇA SURUÍ - Chatuba

Dá-lhe Esportes!



2 NOVOS GINÁSIOS POLIESPORTIVOS - Cabral e Tricolor

Dá-lhe UTI Móvel!



2 NOVAS AMBULÂNCIAS UTI'S MÓVEIS

Dá-lhe Educação!



Dá-lhe Segurança!



Dá-lhe Saúde!



Dá-lhe Saneamento!



Dá-lhe Kit Escolar!



Dá-lhe Transporte



Dá-lhe Nova Creche!



Dá-lhe Urbanização!



Dá-lhe Novo Asfalto!



O povo Nilopolitano está cada vez mais orgulhoso com a sua Cidade.

As ações do novo Governo estão fazendo Nilópolis crescer e se tornar, cada vez mais, a melhor Cidade da Baixada. São novas escolas, ruas pavimentadas e saneadas, troca de toda a iluminação pública, reforma do centro cirúrgico no Hospital Municipal, postos de saúde 24 horas, Kits de materiais e ônibus escolares gratuitos, creches reformadas, guarda municipal, praças novas e outras reformadas, ginásios poliesportivos, cursos e atividades culturais gratuitos e diversas ações administrativas que visam à qualificação dos funcionários. E o trabalho não para por aí. Em 2003 muitas outras obras estão programadas e sendo realizadas. Desta forma Nilópolis será sempre a melhor Cidade da Baixada.

Samba e comunidade a vida cada vez melhor

Hiram Araújo

Ao buscar inspiração nos conhecimentos adquiridos ao longo de mais de 40 anos pesquisando, estudando e vivendo o carnaval carioca, nossa maior festa popular, aceitei o desafio de escrever sobre o papel social, educativo e cultural das escolas de samba nas comunidades.

Por ser um assunto que ainda não foi devidamente analisado, peço aos leitores para acompanharem meu raciocínio através da evolução das escolas de samba que fazem o carnaval carioca

Quando as escolas de samba surgiram, na década de 20 do século passado, o carnaval carioca experimentava um momento de passagem dentro de sua evolução: deixava de ser um simples e espontâneo "entretenimento popular", de características folclóricas, para se transformar numa indústria cultural.

Na Alemanha do século XVIII, quando semelhante fato

ocorreu, Goethe, grande escritor e poeta, foi nomeado Organizador Oficial dos Folguedos e Mascarados da Corte. Goethe então reuniu um grupo de intelectuais, viajou para a Itália para observar o mais famoso carnaval da Europa e traçou um plano de ação dando tratamento adequado ao novo período.

No Rio de Janeiro, o carnaval sempre foi visto com preconceito, satanizado por isso, nenhum intelectual consagrado foi convidado para dirigi-lo. Em consequência, não se formou uma consciência crítica capaz de perceber a transição, nem se deu tratamento diferenciado de acordo com a nova realidade.

O carnaval carioca

O carnaval carioca, que na virada do século XIX para o século XX era forte e diversificado, desenvolvendo-se no centro da cidade com múltiplos brinquedos carnava-



Foto: Antônio Carlos

“Conscientes de que somente as comunidades se manteriam leais às escolas de samba, pois a moda de a classe média freqüentar os ensaios desapareceria tão logo cessassem os motivos que a levou até lá, os patronos enfatizaram as ações sociais, educativas e culturais nas quadras, em benefício dos sambistas. Isso incluiu, inclusive, o fornecimento gratuito de fantasias para os desfiles”.

lescos, cordões, blocos, corsos, frevos, grandes sociedades, ranchos carnavalescos etc, com a reforma arquitetônica executada pelo prefeito Pereira Passos perdeu os pontos de impulso artísticos e econômicos, iniciando, assim um processo de decadência.

Na década de 30, o tradicional carnaval carioca, baseado no modelo refinado europeu, não tinha mais como se manter. Nesse momento ficou claro que um novo modelo iniciava seu ciclo.

Começou, então, a se formar uma economia própria da festa, que pela lógica deveria ser canalizada para seu sustento - isso se a incipiente indústria cultural do carnaval fosse dirigida por uma empresa profissional, especializada. Não foi.

Aí, quis o Poder Público assumir o papel de empresário, sem que pudesse ser, na verdade.

Em 1932, com a oficialização do carnaval carioca, o Poder Público começou a liberar verbas para enfeitar ruas, promover concursos e manter as entidades carnavalescas.

As Grandes Sociedades e Ranchos Carnavalescos, amparados por verbas oficiais insuficientes, não puderam manter seus carnavais luxuosos. Entraram em decadência e desapareceram.

Começaram a surgir, então, verdadeiras ventosas que sugavam toda a economia da festa - e o Poder Público arcava com prejuízos cada vez maiores.

Nossa maior festa popular, sucesso absoluto no início do século XX, nestas condições resistiria até, no máximo a década de 40 ou 50.

Mas o acaso favoreceu o carnaval carioca.

O rádio, que surgiu em 1923, manteve o carnaval de rua com as marchinhas carnavalescas nas décadas de 30, 40 e 50, permitindo que as escolas de samba superassem a fase de transição que marcou seu surgimento e começassem a se desenvolver na periferia da cidade, nos morros e subúrbios da zona norte.

As escolas de samba, nas modestas apresentações das décadas de 30, 40 e 50, eram mantidas pelas comunidades através da solidariedade de grupos e do livro de ouro. As subvenções, pequenas, complementavam os orçamentos dos seus carnavais. Nesse período estabeleceu-se uma relação escola de samba/comunidade muito forte. As quadras de ensaio constituíam o segundo lar

dos sambistas, com completa integração social, cultural e educativa. Até a década de 60 esse foi o quadro dominante.

A indústria cultural

Tomando por data paradigmática os anos 60, quando as marchinhas carnavalescas começam a desaparecer, as escolas de samba começam a assumir as rédeas do carnaval carioca, implantando a revolução estética que resultaria no show *business* dos dias de hoje.

Como novos veículos responsáveis pelo desenvolvimento do carnaval, as escolas de samba mantiveram suas bases nas comunidades, agora acrescidas pela entrada de camadas da classe média e até da alta sociedade, até então afastadas daquele convívio. A nova realidade exigiu a comercialização dos ensaios. O acesso às quadras de ensaio, que nada custava, passou a ser feito mediante o pagamento de ingresso. Isso naturalmente começou impedir que o sambista pobre continuasse a frequentar a escola.

A partir de então, estabeleceu-se uma rede de reciprocidade social ocasionando o que a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, escreveu no livro "Carnaval Carioca - dos bastidores ao desfile", da Editora UFRJ-MINC/Funarte: "As escolas de samba, em especial as grandes escolas, trouxeram sobretudo uma novidade sociológica. Com elas, a rede de reciprocidade, estabelecida através do desfile, ultrapassou a dimensão horizontal. Não se tratam mais apenas das ruas do bairro periférico e dos bairros periféricos relacionando-se e competindo entre si. Elas relacionam, como veremos, os diferentes bairros da

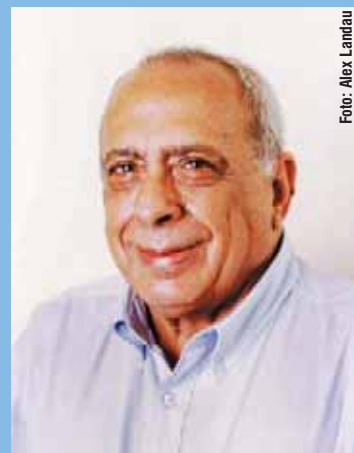


Foto: Alex Lantiau

Hiram Araújo
é pesquisador de
carnaval e diretor
Cultural da Liesa

cidade e as diversas camadas da sociedade, tecendo uma rede de relações que atravessa a cidade".

Os patronos

Nesse momento, entram em cena os patronos, assumindo as direções das escolas de samba e estabelecendo um mecenato bem à brasileira, com a arte popular pois não há, na história universal, exemplos semelhantes. Somente as ditas artes eruditas, até então, tinham sido favorecidas.

Os patronos, por serem oriundos das comunidades, não tiveram com a camada pobre nenhum preconceito, como teriam, possivelmente, integrantes de classes mais abastadas.

Conscientes de que somente as comunidades se manteriam leais às escolas de samba, pois a moda de a classe média freqüentar os ensaios desapareceria tão logo cessassem os motivos que a levou até lá, os patronos enfatizaram as ações sociais, educativas e culturais nas quadras, em benefício dos sambistas. Isso incluiu até o fornecimento gratuito de fantasias (vem daí o surgimento das chamadas alas da comunidade) para os desfiles.

A Beija-Flor de Nilópolis

A Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis é um exemplo a ser seguido. Colocando-se na vanguarda de suas irmãs, carrega uma bagagem de carnavais maravilhosos que nem sempre resultaram em títulos - e um importante conjunto de obras nas áreas social, educativa e cultural.

Sua história é muito influenciada pela mitologia grega e pela participação da família Abrão David.

Ao ser fundada, no dia 25 de dezembro, de imediato atraiu as influências de imagens arquetípicas poderosas. Naquela data comemorava-se o *Natalis Solis*, o renascimento do sol, quando os povos antigos podiam voltar aos campos para cuidar da agricultura e do pastoreio. A data em que as pessoas celebravam Mitra, o Deus do Sol, era tão forte que a Igreja Católica determinou como o dia do nascimento de Cristo.

O mito de Mitra se completa com duas figuras iguais: Cantos e Cantopátas, que conduz ao mito dos gêmeos, cuja força simbólica também é muito forte.

A Beija-Flor, ao se unir ao município de Nilópolis, acende a chama do mito dos gêmeos, que após o carnaval

de 1976 se completou com a dupla Anizio/Nelsinho.

Com a morte prematura de Nelson Abrão David, Anizio se uniu a Farid, não deixando que o mito da dupla desaparecesse. Sobre Anizio, vou repetir o que escrevi, na revista da Beija-Flor de 2002: Anizio é, hoje, a figura mais representativa dos patronos/dirigentes das escolas de samba. Anizio lembra Natal na personalidade, no carisma e na qualidade de benfeitor. Anizio tem chispa no pensamento (acende de imediato), da mesma forma que Natal. Em quaisquer circunstâncias, as mais desfavoráveis, suas respostas vêm de imediato e são demolidoras, inteligentes. Por isso Anizio impõe respeito e admiração. Anizio é rei em Nilópolis, como Natal foi em Madureira. Uma espécie de feiticeiro do bem, sempre transformando a vida dos pobres para melhor.

Transformando a vida para melhor

Voltando ao conjunto de obras nas áreas social, educativa e cultural da Beija-Flor, em recente visita à Nilópolis, pude constatar a importância das atividades desenvolvidas pela Beija-Flor sobre a égide de Anizio Abrão David para cada cidadão atendido.

Em um momento onde o homem reflete sobre os caminhos para a construção de uma sociedade melhor, Anísio, influenciado pelo espírito solidário de sua mãe, D. Júlia Abrão David, sai do ambiente do discurso e das idéias e põe as mãos na obra, construindo um complexo educacional que abriga mais de 1.200 crianças, de 0 a 16 anos.

A Creche Júlia Abrão David e o Educandário Abrão David, são um modelo de instituição educacional e de socialização, preparando aquelas crianças e jovens para o mundo de hoje, cheio de contradições e desafios.

O Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David, complementando a trilogia da esperança, é o portal do jovem para o mercado de trabalho.

Hoje, as ações patrocinadas e desenvolvidas pela Beija-Flor e por outras escolas de samba, se tornaram um marco na história e evolução do carnaval e das escolas de samba, fazendo com que esse "entretenimento popular" rompesse os limites do show *business*, do tempo e espaço, para alcançar durante todo o ano e nas mais diversas regiões do estado, o cidadão brasileiro.



Beija-Flor de Nilópolis

Onde assistência social é poesia

Maurício Louro

Certa vez, escreveu um poeta a respeito de si mesmo: "a obra é o alívio da dor". É uma frase significativa a respeito do sentimento que envolve o processo criativo, e que sintetiza tudo o que idealizamos e cumprimos. O "alívio da dor", por exemplo, é um desfile impecável na Sapucaí, após um ano inteiro de trabalho duro nos barracões e nos ensaios. No final, quando tudo sai certinho, a alma fica lavada pois a obra está completa. Ganhar passa a ser quase um detalhe quando se é grande.

Mas a Beija-Flor é ainda maior do que isso, e não é de hoje.

Além da competência e do suor daqueles que, direta ou indiretamente, trabalham para que a Beija-Flor mantenha Nilópolis como referência do samba e do carnaval em nosso país, há uma parte da escola que passa ao largo da mídia. Nem por isso deixa de ter grande importância na vida do nilopolitano e, comprovadamente, daqueles que moram em municípios próximos, como Nova Iguaçu, Mesquita, São João de Meriti e até mesmo Rio de Janeiro. A referência que se faz aqui é às atividades desenvolvidas na Creche Júlia Abrão David, no Educandário Abrão David e no Centro Comunitário Nelson Abrão David. Essas três entidades correspondem ao trabalho social desenvolvido e mantido pela Beija-Flor de Nilópolis/Anizio Abrão David, direcionado à parcela mais necessitada de uma população, convém repetir, comprovadamente grata há mais de duas gerações. Vamos por partes, no entanto, para que não se perca nenhum tijolo dessa grande obra - ou nenhum detalhe dessa obra grande.

É grande a dor de testemunhar o sofrimento de uma população carente, com poucas perspectivas e, portanto, com um futuro incerto. Comoção, no entanto, nunca é o bastante para certas pessoas. Assim foi com Anizio Abrão David, idealizador da creche e do educandário: "Desde criança via a preocupação de minha mãe com os mais pobres. Isso fez com que me tornasse sensível à questão da pobreza, mas entendia que eu deveria fazer alguma coisa por eles. Com o tempo, e depois de muito trabalho, fui podendo dar a ajuda que sempre achei que deveria. Ao lado disso, já na Beija-Flor de Nilópolis, fui imprimindo na escola a necessidade dela auxiliar, de alguma maneira, aos pobres e a sua comunidade".

Essa sua iniciativa, além de ter auxiliado a população de Nilópolis e da Baixada Fluminense, foi o marco de uma nova atitude das escolas de samba. O presidente da Liesa, capitão Guimarães, amigo pessoal de Anizio, dono de uma respeitável história no samba e no carnaval, destaca a importância da iniciativa da Beija-Flor, reformulando o papel das escolas de samba: "A Beija-Flor já se antecipou a esse tipo de projeto. Ela é pioneira na área de assistência social. Quando nenhuma escola falava nisso, já existiam a creche e o educandário da Beija-Flor. Eu me lembro, inclusive, quando da inauguração da creche, em companhia do Nelsinho, do Jacó..."

Hoje, passadas mais de duas décadas, não há quem não reconheça, na comunidade nilopolitana e fora dela, a importância dos benefícios colhidos desde aquele início de maio de 1980, quando a Beija-Flor de Nilópolis iniciou a sua primeira grande obra social.

Creche

Júlia Abrão David

Os projetos assistenciais da Beija-Flor se estendem a vários serviços, beneficiando uma parte considerável da população de Nilópolis e de municípios próximos.

A Creche Júlia Abrão David funciona desde 9 de maio de 1980. No início, foram beneficiados 60 menores na faixa etária de 3 a 6 anos, o que não era suficiente pela carência existente em Nilópolis e adjacências. Assim, tão logo foi possível, ampli-

aram-se esse atendimento e o serviço. Atualmente, a Creche Júlia Abrão David atende 289 menores na faixa de 6 meses a 6 anos, em regime de semi-internato, e com critério de seleção que facilita todo o atendimento e acesso à creche.

O critério básico de seleção é de que a renda familiar dos candidatos atinja até três salários mínimos. A direção da creche estabelece um prazo de 30 a 60 dias para que as mães possam encontrar emprego, atendendo a todas as necessidades básicas das crianças. Desse modo, as mães



Maria de Lourdes, a diretora da Creche e do Educandário: auto-doação e amor incondicional as crianças de Nilópolis.



Foto: Robson Barreto

O carinho com que as crianças são tratadas pode ser visto a qualquer momento.

Em recente visita às atividades sociais da Beija-Flor, o radialista e comunicador Antônio Carlos não escondeu sua surpresa: "Eu fiquei muito surpreso com todo aquele traba-

podem deixar seus filhos no local com tranquilidade, pois sabem que estão em boas mãos. Saem para tentar um emprego sem o stress de ter que se preocupar com o bem-estar das crianças. Mas a direção da creche ajuda também na procura do emprego, mantendo vínculos com indústrias e comércio da região, procurando encaminhar as mães ao trabalho, obviamente de acordo com a cada aptidão.

lho. Achei muito bonito o trabalho da Beija-Flor, com aquelas criancinhas todas bem-tratadas, de banho tomado, estudando, comendo diretinho, almoçando e jantando."

Segundo Maria de Lourdes, a surpresa de Antônio Carlos é comum nas pessoas que visitam a creche, e que não imaginam o que estão para conhecer. Para Maria de Lourdes, no entanto, tudo que as crianças da creche têm é o resultado de uma forma particular de abordar a questão do menor: "Nós amparamos e apoiamos, damos toda a atenção. Buscamos dar às crianças tudo aquilo que elas não podem ter em casa. Precisamos pensar na creche como um verdadeiro lar para elas".

Sempre à frente dos projetos Maria de Lourdes participou da inauguração, montagem e seleção de funcionários e assistidos. Democrática na escolha dos alunos, não há limite geográfico para o atendimento, sendo que há beneficiados que vêm de Nilópolis, São João de Meriti, Belfort Roxo, Queimados, Japeri, Paracambi, Mesquita etc. Existe sim, uma exigência e que deve ser cumprida. É preciso que a mãe esteja na sede da creche com a criança até às 7h30min, quando se inicia o serviço.

E quem pensa que os 22 anos de trabalho na creche somam toda a experiência da Maria de Lourdes, está enganado. Ela já trabalhou em outros lugares, embora faça questão de frisar que nunca houve outro melhor do que o seu atual serviço. A sua área, no entanto, nunca deixou de ser a assistência social.

"Esse não é o meu primeiro trabalho e posso dizer que já



Foto: Robson Barreto



Foto: Robson Barreto

Alguns momentos na rotina das crianças da Creche Júlia Abrão David: Atendimento odontológico, atividades recreativas, alimentação e muito amor.

tive dificuldades em outras obras. Mas aqui nunca enfrentei problemas. Trabalhar com a família Abrão David é um privilégio de poucos. Você recebe uma criança aos 6 meses de idade, a qual a mãe não se preparou para ter. Esse filho muitas vezes não foi tão desejado como a gente imagina que uma criança mereça ser. Então ela chega aqui desnutrida, sem que tenha havido um pré-natal, um acompanhamento. Infelizmente, e até pelas dificuldades que vivem, as mães muitas vezes não têm a devida consciência do que é trazer uma criança ao mundo. A partir daí a gente começa a trabalhar", explica.

Maria de Lourdes ressalta a importância de não trabalhar apenas a criança, mas também a família como um todo. Ela procura, com seu trabalho, conscientizar a família de que a criança precisa ter um bom acompanhamento, assistência médica, odontológica, alimentação. Para aqueles que não têm condições de pagar um plano médico para a criança, por exemplo, a creche acaba sendo uma boa saída.

"Sabemos que isso é difícil no lar delas, mas graças a Deus elas têm isso aqui. Acompanhamento médico, odontológico, vestuário, uma excelente alimentação, educação e muito amor, que eu acho que é a base para tudo".

A partir desse trabalho de base, as crianças de Nilópolis e municípios próximos poderiam começar a sua vida em melhores condições, e com isso, com maiores chances de se tornarem bem-sucedidas na vida.

Mas para que isso fosse realmente alcançado, a obra deveria crescer.

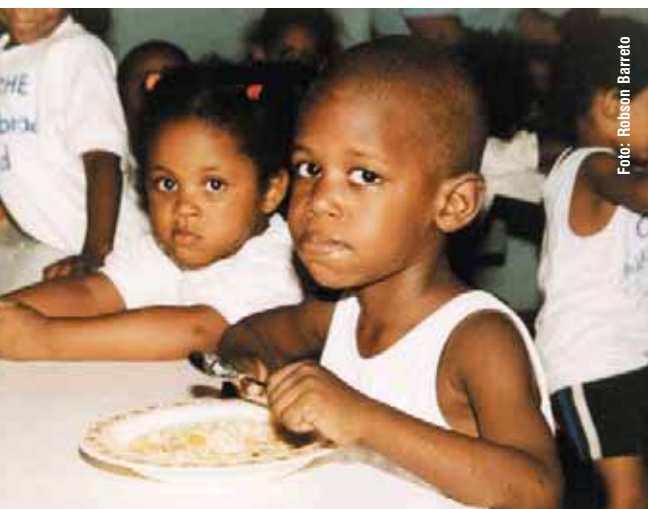


D. Júlia Abrão David, Mãe de Anísio e principal incentivadora das atividades sociais da Beija-Flor de Nilópolis, e Maria de Lourdes, diretora da Creche e do Educandário.

Para conhecer:

Creche Júlia Abrão David

Rua Mário Valadares, 20 - Novo Horizonte - Nilópolis - RJ



Educandário Abirão David



Cerimônia de inauguração da Creche. Na foto, da esquerda para a direita, Joãosinho Trinta, Maria de Lourdes, Anizio Abrão David, D. Júlia Abrão David, Nelsinho Abrão David.

E foi justamente a partir dos bons resultados obtidos na creche, que surgiu a necessidade de se criar o Educandário Abrão David. Afinal, de que adiantam tantos cuidados na creche se, aos 6 anos, a criança voltava a se confrontar com a dura realidade da vida?

O educandário veio, assim, dar continuidade a esse trabalho.

É o próprio Anizio que lembra o momento de criação do educandário: "As crianças, aos 6 anos, estavam aparentemente preparadas para serem desligadas, mas faltava a continuidade, e isso nos deu a certeza de que a obra não estava completa e que nosso trabalho de resgate da cidadania daquelas crianças só estava começando. Foi então que resolvi, contando sempre com o apoio de D. Maria de Lourdes, custear o educandário", esclarece Anizio.

O educandário veio, dessa maneira, dar con-

tinuidade ao trabalho social da Beija-Flor de Nilópolis. Desde então, o atendimento é feito dos 6 meses aos 6 anos na creche e, automaticamente, a partir daí, no educandário.

"A criança assistida na creche já tem a sua vaguinha reservada no educandário. Essa criança fica lá, estudando até a oitava série, com mais o curso profissionalizante. Temos inglês, francês e são quatro refeições diárias, na creche e no educandário", complementa, orgulhosa, Maria de Lourdes.

Se levarmos em conta o tempo de existência da creche, e até mesmo do educandário, o trabalho já está em sua segunda geração, tudo acompanhado de perto por Maria de Lourdes. Ela explica que, mesmo após formados para a vida, muitos dos ex-alunos permanecem, sentindo-se mesmo em casa. São todos muito agradecidos, de acordo com a diretora. Ela cita, como exemplo, a professora Alessandra Gatinho, que chegou à creche com apenas 6 meses de vida, e hoje é funcionária da casa. (ver "Os filhos do Beija-Flor. pág. 80). Coisas desse tipo, para Maria de Lourdes, são gratificantes, e ela lembra que há ainda as que não estão

mais por lá.

Temos alguns já formados, mas que mantêm contato. Quatro ex-alunas nossas são hoje pedagogas, um ex-aluno está fazendo direito, temos alguns na Marinha, no Exército, na Polícia Militar e outros em várias profissões.", acrescenta.

A vantagem, segundo a diretora, está no tratamento de família, dado a funcionárias e assistidos. A intenção é transformar creche e educandário num verdadeiro lar. Mas a doutrina é seguida à risca, por exigência da própria administração. Para ela, tudo é questão de dedicação ao trabalho. Nada mais importa.

Ensina-se no educandário as matérias normais das escolas, como matemática, português, geografia, etc. Mas há também o ensino profissionalizante, sempre de 7h às 18h. Todo mês tem reunião com os pais, nas quais se busca constatar deficiências no tratamento da criança. Em casos de doenças contagiosas, como sarampo, catapora, a criança fica em casa, mas a assistência não falta. Assim, a mãe leva o filho ao médico, entrega a receita à direção que providencia a compra do medicamento. Mesmo a alimentação é fornecida na casa dessa criança enquanto ela estiver enferma.

Atualmente são atendidos no educandário aproximadamente 1.000 alunos, envolvendo mais de 600 famílias. Houve grande procura no ano passado, em função da reforma es-

colar no estado e município. O CA agora só existe em escola particular. O resultado foi um aumento da demanda, o que se resolveu com um pouco de vontade e criatividade.

"Como trabalhamos com famílias carentes, aproveitamos uma lavanderia e um almoxarifado, transformando tudo em quatro salas de aulas. Duas pela manhã e duas à tarde. Está sendo uma coisa maravilhosa. Nós não recebemos nada de ninguém. Isso aqui é mantido só pelo 'seu' Anizio. É um trabalho difícil, mas gratificante", ressalta.

Todo esse jogo de cintura para resolver problemas se deve aos anos de trabalho na Fundação Iguazuana e na LBA. Mas Maria de Lourdes garante que só com os Abrão David pode ter seu potencial reconhecido, respeitado e agraciado. "Eu sempre digo: como seria bom se tivesse uma família como a Abrão David em cada município, muitos seriam beneficiados. Só Deus mesmo para dar a eles o retorno".

Ailton Guimarães Jorge é da mesma opinião: "O trabalho que a família Abrão David desenvolve em Nilópolis é muito importante para a comunidade. Por Nilópolis ser um município sofrido, um município pobre, tenho certeza de que aquelas crianças não teriam outra alternativa se eles não oferecessem essas atividades. É por isso que vemos com bons olhos essa trabalho da Beija-Flor, e gostaríamos que todas as escolas tivessem um trabalho social do tamanho e da

Turma de alunos do Educandário



Foto: Robson Barreto



Foto: Robson Barreto

O radialista e comunicador Antônio Carlos em visita às atividades da Beija-Flor: "A Beija-Flor de Nilópolis está de parabéns, por manter essas crianças de maneira saudável, dando educação, escola, alimentação. E permitindo que os pais dessas crianças possam trabalhar sossegados. A obra merece todos os elogios." Na foto, ao lado de Anizio Abrão David e de Hiram Araújo.

envergadura do trabalho realizado por ela".

Ao perguntarmos ao Anizio como ele analisa as atividades sociais da Beija-Flor, ele resume, fazendo um convite: "podemos dizer, sem medo de errar que as atividades assistenciais do Beija-Flor são um modelo e um exemplo para ser seguido pelo mundo. E pode parecer exagero. Mas não é. Às autoridades do nosso estado e do nosso país, eu faço um apelo: venham visitar nossas atividades assistenciais. Não tem horário, não tem dia, não precisa marcar data, é só chegar e dizer que está querendo conhecer as atividades que as portas estão sempre abertas. Vocês verão que não estou exagerando. É uma obra muito bonita de se ver."

E fica o convite a todos, pois conhecer esse lado social desenvolvido ao redor da Beija-Flor é entender um pouco mais do funcionamento dessa Escola, que não se limita ao samba e ao carnaval, mas que faz parte deles também.

Há uma preocupação grandiosa com a conscientização daqueles que vestem aquelas cores e vão para a Sapucaí. A grande obra está por trás de tudo e é justamente o que faz da Beija-Flor uma grande família. Desfilhar pela escola de Nilópolis é motivo de orgulho para os que fazem parte desse grupo, pois muito da vida de cada um está ali dentro.



Foto: Robson Barreto

Biblioteca do educandário



Foto: Robson Barreto

Trabalhos manuais feitos pelas crianças do educandário



Foto: Robson Barreto

Ambulância da Beija-Flor

Para conhecer:

Educandário Abrão David

Rua Mário Valadares, 60 - Novo Horizonte - Nilópolis - RJ

Preocupação social

encanta ministro da cultura

Elizangela Brito

A visita tinha o simples propósito de apresentar o trabalho social desenvolvido pelo GRES Beija-Flor de Nilópolis, mas acabou tomando vultos surpreendentes. Foi o que aconteceu quando o ministro da Cultura Francisco Weffort, chegou à quadra da escola, em 24 de junho de 2002.

Várias homenagens e apresentações foram preparadas o que, como ele próprio admitiu, deixou o ministro encantado.

O ministro Weffort foi recebido pelos presidentes Anizio e Farid Abrão David, pela comissão de carnaval e o puxador da escola, Neguinho.

Logo, o ministro se impressionou com a grandiosidade da quadra nova, que visitara pela primeira vez, chegando a elogiar as instalações que considerou uma das melhores pelo isolamento térmico e sonoro.

O ministro assistiu, ainda, demonstrações de capoeira, handebol e balé, algumas dessas atividades, praticadas e ensinadas na quadra da es-

cola para a comunidade.

A visita começou a cumprir seu propósito, que era de mostrar que além de figurar entre as maiores escolas de samba do país, a Beija-Flor de Nilópolis possui outra marca inquestionável: a preocupação social.

Para conhecer as atividades promovidas pela escola, o ministro foi levado à Creche Júlia Abrão David e ao Educandário Abrão David.

Se o ministro já estava maravilhado, ficou mais ainda.

Acompanhado de Anizio Abrão David e da diretora Maria de Lourdes Goulart, Weffort ouviu atentamente as explicações da diretora, percorrendo todas as dependências da creche, onde são assistidas 238 crianças, e do educandário, onde estudam 1.118 crianças e jovens.

O ministro Weffort comentou com seu anfitrião Anizio, que ficou impressionado com a estrutura de ambas as atividades e, ao ser informado pelo anfitrião de que as atividades são mantidas sem recursos públicos, apenas com recursos próprios, e que todos os alunos recebem quatro refeições diárias, assistência médica e odontológica gratuitas, além de uma média de 1.100 cestas básicas aos moradores do município, a surpresa foi muito maior.

Após a visita a creche e ao educandário, o ministro Weffort visitou o Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David (CAC/NAD), onde conheceu as instalações, conversou com funcionários, alunos e professores sobre os cursos.

No fim da visita ao CAC/NAD, o ministro Weffort assistiu apresentações de capoeira e caratê, e visitou a exposição de artesanato.

O amplo projeto social desenvolvido pela Beija-Flor de Nilópolis, sob a égide de Anizio, conquistou o ministro Weffort, que destacou a importância do Ministério da Cultura cooperar com essas atividades, contribuindo, assim, para a constante melhoria das atividades desenvolvidas, e, por consequência, dos moradores de Nilópolis e da baixada Fluminense.

Anizio Abrão David recebe ministro Weffort no educandário



Filhos do Beija-Flor

Eduardo Varela

Há um consenso nacional quanto ao futuro do país e ao de seus jovens e crianças. Abandono, maus-tratos e carência de educação básica são algumas das preocupações unânimes dos brasileiros a esse respeito. Tudo exige mudanças, mas elas estão aparecendo, como veremos.

De um modo geral, a origem do problema está no poder público, que é o responsável por suprir as carências educacionais do país. Sob um entendimento mais amplo da questão, no entanto, surge a idéia da co-responsabilidade, ou seja, organizações civis dividindo o peso deste problema. Ao longo dos últimos anos, várias dessas organizações têm participado da formação básica de crianças e adolescentes, surpreendendo a sociedade pelos resultados obtidos. E sua estratégia se resume no conhecimento do espaço comunitário onde vive esse público e nas verdadeiras condições de aprendizagem. O certo é que não é mais possível fazer "vista grossa" para o desafio da educação e da inserção social.

Vanguarda

Uma das vanguardas desse movimento é a Beija-Flor de Nilópolis, que há muito resolveu arregaçar as mangas e trabalhar em favor das transformações sociais a partir das comunidades. O caminho traçado por Anizio Abrão

David mostrou solidez e os resultados agora não são mais fantasias.

Nossa reportagem procurou ex-alunos da Creche Júlia Abrão David e do Educandário Abrão David, ali matriculados na época da fundação, há quinze anos. O objetivo era saber o que pensam hoje essas pessoas sobre a importância dessas entidades em suas vidas. O resultado foi além das respostas dadas por elas: mostrou que, muito mais que o discurso, a salvação está na prática.

E não foi preciso ir muito longe para confirmar os resultados. Próximo ao educandário, conversamos com a Alessandra de Castro Gatinho, ex-aluna e agora professora aos 23 anos. Professora de que escola? Ora, do próprio educandário!

Aos sete, Alessandra começou a estudar no Educandário Abrão David, a única e salvadora saída de sua mãe, que trabalhava o dia inteiro para manter a filha e o irmão, Marlon. Ao saber da inauguração da escola, ela matriculou os filhos imediatamente, pois as crianças teriam ali a educação e a alimen-



Alessandra Gatinho com sete anos, estudante do educandário Abrão David, e hoje, com 24 anos, professora em Nilópolis.

tação que ela mesma não podia dar. O ano era o de 1987 e as condições de vida eram difíceis para todos, como são até agora. A chance de ter dois filhos numa escola era algo quase impossível para ela, que não desperdiçou a ocasião. A obra de Anizio Abrão começava a gerar bons frutos.

Hoje, casada e preparando-se para ter sua própria família, Alessandra pode sorrir como qualquer cidadã que encontrou um caminho feliz, e afirma: "o educandário nos prepara para a vida aqui fora. O ensino é muito mais avançado do que o oferecido atualmente nas escolas municipais. Sempre digo que o educandário nos dá uma preparação para o mundo".

E preparou mesmo. Aos 14 anos, Alessandra concluiu o primeiro grau, iniciando uma série de cursos profissionalizantes. Na verdade, ela ganhara bagagem para continuar, por isso pôde fazer o segundo grau em outra escola. Lá, mostrou capacidade e foi crescendo com seu próprio esforço. Alessandra tem certeza, conforme disse, "de que uma das razões de eu ter passado um segundo grau com facilidade foi a base que tive no Educandário Abrão David".

Alessandra fez o curso Normal e visitava a antiga escola com frequência; sentia saudades do pessoal, dos ex-professores, dos funcionários e da administração. Em 1999, o educandário abriu uma vaga para professor e ela acabou ganhando a posição. Voltava, assim, à escola de onde saiu. O irmão Marlon, que tem agora 17 anos, formou-se no educandário, onde também estuda Isabela, a irmã temporana, que está na primeira série.

Quando fala da importância das atividades sociais da Beija-Flor, Alessandra cita o próprio exemplo: "Penso que sem a minha passagem pelas obras do seu Anizio, minha vida seria muito mais difícil, e talvez, não teria a profissão que tenho hoje. Eu e minha família somos muito gratas à família Abrão David. Eles, além de terem ajudado a mim e ao meu irmão a construir a nossa própria história, estão ajudando minha irmã, meus primos, sobrinhos e diversos outros parentes."

Dedicação

Outro caso interessante é o da família Penco Ferreira.

Rosa Malena, Luciano, Carlos e Renato são filhos de português com uma brasileira moradores de Mesquita há mais de 25 anos. Nossa

reportagem ouviu Rosa Malena, a filha mais velha, que expôs sua história de dificuldades e de sacrifícios. Seus pais trabalhavam duro para manter a família; não tinham com quem deixar as crianças e isso dificultava seu acesso à escola e à educação. Rosa diz que entrou na creche aos cinco anos, junto com os irmãos Luciano e Carlos. Foi a porta para alcançar a cidadania.

Emocionada, a hoje pedagoga Rosa Malena relata a importância dos anos em que lá estudou e se formou: "Recebi muitas informações de várias tias. Sinto-me uma pessoa privilegiada de receber tanto carinho e educação. Aprendi a dividir, a entender que as coisas não são apenas nossas, que devem ser divididas".

A formação que obteve possibilitou que Rosa se graduasse como professora, com emprego reconhecido, numa escola particular de Valverde, em Nova Iguaçu. Seus irmãos, hoje, procuram espaço em suas profissões, mas já deixaram para trás os anos de despreparo e de falta de capacidade. O milagre produzido pela educação de qualidade, pelo carinho e atenção pôde transformar a vida de uma família inteira.

"Quando tiver meus filhos, vou colocá-los na Creche Julia Abrão David", finalizou a pedagoga ao se despedir da equipe.

Relatamos apenas alguns casos, mas é possível multiplicá-los por muitos. Cada pessoa que obtém acesso à informação experimenta a liberdade, a capacidade crítica e as chances de um grande futuro. Ninguém tem dúvida ao afirmar que o Brasil seria outro com mais Educação e compromisso com os jovens e crianças. Estudiosos de todas as linhas já provaram que a formação de uma pessoa é completa quando seu início dá-se na infância, não havendo outra invenção mais inteligente do que a escola. Todos são capazes, o que às vezes falta é um lugar onde se confirme essa verdade.



Rosa Malena com cinco anos, estudante da creche Julia Abrão David, e hoje, com 24 anos, professora em Nova Iguaçu.

Centro de atendimento comunitário

Nelson Abrão David

Maurício Louro

Preocupado em dar continuidade às atividades desenvolvidas pela creche e pelo educandário, e ampliar o raio de ação social da Beija-Flor, Anizio e seu irmão Nelson Abrão David, o Nelsinho, decidiram construir um centro de ensino que pudesse formar os jovens para o mercado de trabalho.

Quem fala a respeito é Aroldo Carlos da Silva, coordenador desse centro de ensino: "Como a antiga quadra da Beija-Flor, em 1991, estava ociosa, em função da inauguração da quadra atual, o 'seu' Anísio e o Nelsinho decidiram aproveitar o espaço com a intenção de tirar os adolescentes das ruas, ou seja, da ociosidade, dando a eles uma qualificação para o mercado de trabalho. Assim, em 3 de agosto de 1991, foi inaugurado o CAC - Centro de Atendimento Comunitário, onde nós qualificamos para o mercado de trabalho mais de quinze mil jovens, tirando-os das ruas e do risco da marginalização.

Mas este é apenas um resumo modesto do que é o CAC, cujo núcleo de professores contam inclusive com alguns alunos do passado e que lecionam em outros projetos profissionalizantes do tipo, até mesmo fora de Nilópolis. O começo, como sempre, foi difícil. Aroldo conta que, após um primeiro estudo, detectou-se a necessidade da formação de uma equipe multidisciplinar, com um pedagogo e um psicólogo, principalmente, para que houvesse respaldo e respeito perante outras instituições que seriam contactadas posteriormente. A parceria inicial foi feita com o Senai, e tida como uma "grande vitória" por aqueles que ditavam os caminhos do CAC.

Logo a seguir, e quase por consequência, veio o Senac, na área comercial, o que realmente significou dar um nome maior ao projeto, que cresceu justamente em função dessas parcerias. Outras instituições acabaram por se interessar pelo que vinha sendo feito no CAC. Surgiram trabalhos com empresas do porte da Nestlé, por exemplo, que se engajou, oferecendo cursos na área de culinária.

Primeira etapa para o ingresso no mercado de trabalho, o CAC carrega em si mesmo, uma simbologia muito importante

Cursos do CAC

Profissionalizantes:

Refrigeração
Artesanato
Eletricista
Marceneiro
Fotografia

Beleza/Estética:

Esteticista
Cabelereiro

Moda:

Corte e Costura
Estilista
Modelo e Manequim
Tricô e Crochê

Culinária:

Decoração artística para bolos
Doces finos para festas
Salgados para festas

Esportes:

Dança de Salão
Aerodança
Dança do Ventre
Karatê
Capoeira
Ginástica

Assistência Social:

Nutrição
Clínica Médica
Psicologia
Jurídico
Pediatria
Angiologia
Odontologia

para o jovem, explicada pelo próprio Anizio: "a criação do CAC, com a parte profissionalizante, traz em si mesma uma mensagem importante para o jovem, que nunca pode ser esquecida: que ele tem direito ao trabalho. O que estamos fazendo no CAC é dar a oportunidade de o jovem dizer: 'eu tenho condições de trabalhar. Eu estou formado em alguma coisa.' E mesmo sendo analfabeto! Às vezes ele é analfabeto mas se forma em bombeiro hidráulico, eletricista, e consegue, dessa maneira, reconquistar a auto-estima, que muitas vezes foi perdida quando teve que largar os estudos ou nem mesmo pode começá-los".

Esses jovens alunos, na sua maioria, são da comunidade de nilopolitana, embora o atendimento não se restrinja ao município. No livro de registro da instituição constam matrículas de moradores de toda a área periférica, como Nova Iguaçu, Mesquita, Caxias, e até de regiões mais distantes, como Campo Grande.

Segundo Anizio, "trabalhamos a partir das solicitações feitas pelas pessoas que vão ao CAC. Elas nos procuram e expressam suas necessidades de acordo com o que o mercado de trabalho pede. A partir daí, a equipe liderada pelo Aroldo busca as parcerias necessárias para a realização daquelas especialidades mais pedidas". Segundo Anizio, atualmente a procura tem sido para cursos de informática, marketing, telemarketing e telefonia". Para este último caso, o CAC firmou um convênio importante com a Associação dos Antigos Alunos da PUC-RJ e com o Projeto Sambando com o Pé no Futuro (ver box pág. 85).

A obra é mesmo o alívio da dor, como no olhar da mãe ao ver o filho recém-nascido, após nove meses de gestação. E é com certo orgulho de pai que Aroldo fala dos alunos que saem do CAC com alguma qualificação. É com felicidade redobrada que ele se refere aos que estudaram ali no passado, e que hoje estão empregados, ou então retornam à casa, repassando agora seus conhecimentos para outro novo grupo. A seriedade, para ele, é tudo. E certamente garantirá o futuro de um projeto tão cuidadosamente planejado: "As pessoas saem daqui satisfeitas e em condições para enfrentar o mercado de trabalho. Isso é importante, pois divulga o projeto lá fora. Mostra que o que fazemos é sério. Os formados falam bem e acabam trazendo amigos para participar, e então a tendência do trabalho é crescer. E se nos procuram, é um indício de que o projeto tem credibilidade jun-

to à comunidade e ao público em geral."

Os resultados da atuação do CAC atraem a atenção não só de comunidades carentes de Nilópolis e adjacências. Há interesse geral pelos cursos oferecidos e nem todos os alunos pertencem a uma classe menos favorecida. Nos registros constam estudantes de classe média, também com o mesmo interesse de aprender uma atividade profissional a custo zero. A idéia é evitar dizer não a quem quer que seja, independentemente da condição financeira. Aroldo destaca que, recentemente, estudantes de nível universitário estiveram inscritos e completaram o curso de refrigeração e elétrica. Curioso é que, ao mesmo tempo, freqüentaram as dependências do CAC presidiários do Complexo de Bangu I e II, num interessante trabalho de ressocialização. Eram presos que estavam para ser liberados pela justiça. De quebra, tiveram a oportunidade de dar um grande passo rumo à nova vida, agora com uma qualificação profissional.

De acordo com Aroldo, foram quatro meses de aulas, sem que ocorresse qualquer problema disciplinar ou de qualquer outra ordem. O grupo saiu formado em refrigeração, além de participar de jogos junto à comunidade. Obviamente este foi um caso de exceção, e que teve uma atenção toda especial. "Quem deu a autorização para a realização desse tipo de trabalho foi o 'seu' Anizio, que disse 'sim, pode trazê-los, pois acredito que não haverá qualquer problema'.

"Numa situação atípica como essa, procuramos sempre o respaldo do 'seu' Anizio. Mas convém destacar que temos toda a liberdade para trabalhar aqui. O que podemos resolver, assim o fazemos. Contamos com a confiança dele. Ele é tranqüilo, mas cobra muito, pois quer que as pessoas saiam daqui satisfeitas. Esse é o comportamento dele em todas as obras assistenciais que faz. Sempre há a preocupação de fazer tudo direito", argumenta Aroldo.



Foto: Naldo Mesquita

É fato que a assistência social é o ponto de partida da existência do CAC. Mas a atividade da instituição não está limitada a oferta de cursos profissionalizantes, uma vez que o trabalho com os presidiários já demonstra um perfil mais profundo desse projeto. Revela um lado que vai além do social, ou seja, de ressocialização do indivíduo. E isso não é tudo. Nas dependências do CAC funcionam alguns ambulatórios e um consultório odontológico, também aberto aos interessados, indiscriminadamente.

Lá trabalham um odontopediatra especialista e quatro dentistas que atendem a comunidade desprovida destes benefícios. Sem ter condições de pagar os planos de saúde ou uma clínica particular, eles recorrem ao CAC. Todo o tratamento é gratuito, sendo que há ainda atendimento nas áreas de pediatria, ginecologia e clínica geral. Convém ressaltar que as situações complexas, que não podem ser resolvidas no CAC, são encaminhadas pelos próprios profissionais da instituição para hospitais. Em resumo: faz-se o possível para que a comunidade tenha um tratamento digno de qualquer ser humano. Até mesmo em casos de exame, o CAC encaminha o material aos laboratórios para depois analisar o resultado. A satisfação está aí.

No entanto, o forte do CAC está mesmo nos cursos, pelo menos se levarmos em conta os resultados obtidos pelos alunos. A duração de cada um varia de acordo com o grau de dificuldade. Cursos como os de elétrica, refrigeração e demais serviços de área técnica, por exemplo, podem durar até três meses. Outros se completam em apenas duas semanas, como acontece com o de telemarketing. Os inscritos têm aulas em salas preparadas para atender tal demanda, as quais funcionam como mini-oficinas, simulando as condições reais e comuns de trabalho. As dependências são vistoriadas pelas demais instituições, nos casos de parcerias. Foi como ocorreu com a Fundação da Escola Técnica Federal. Antes de viabilizar o intercâmbio, os técnicos vi-

sitaram as dependências do CAC para verificar o equipamento. Gostaram do que viram.

Quem também gostou do que viu foi a coordenadora geral dos programas sociais da Mangueira, Célia Regina Domingues. Acostumada a visitar projetos sociais em todo o país, Célia destaca a qualidade do serviços prestados pela Beija-Flor de Nilópolis a comunidade: "Tenho ido várias vezes às atividades da Beija-Flor. O trabalho dela é muito bom. É organizado. E a comunidade entende a proposta da escola e participa. Às vezes a instituição tem uma estrutura muito grande mas a comunidade não se interessa. Aí não adianta nada disso que está se fazendo. Lá em Nilópolis, não. A comunidade aceita, quer e aproveita o que é feito para ela", conclui.

No entanto, para atingir esse nível de qualidade e o máximo rendimento do aluno, a administração do CAC tem buscado orientar o aluno no sentido de ter responsabilidades com os compromissos assumidos. Para se ter uma idéia, no curso de instalação e manutenção de equipamentos de telecomunicações, que tem a duração de 12 dias, aqueles que o completam, tendo até no máximo duas faltas, ganham a cesta básica. Essa é uma das maneiras encontradas pela administração para forçar o aluno a não faltar as aulas. Além disso, para que muitos desses jovens não falem por não ter recursos, uma vez que muitos deles são pobres, o CAC, cede dois vales-transportes diariamente, além de lanche e material didático: "Cuidando também da assiduidade do aluno, resolvemos, de uma maneira simples e prática, um problema que refletiria na vida do próprio jovem mais à frente", esclarece Anizio, que acrescenta: "tudo é usado como forma de motivação para que os alunos freqüentem as aulas e absorvam o conteúdo do que lhes é apresentado".

O CAC está sempre recebendo alunos novos, mas não é difícil encontrar alunos que já fizeram diversos cursos, como Eduardo Costa, de 20 anos. Morador de Nilópolis, ele chegou ao CAC por intermédio de colegas, que falaram a respeito dos cursos ministrados por lá. Correu atrás e se formou recentemente em telefonia. Além do aprendizado, valeu a possibilidade de estabelecer contato com uma profissão: "Cheguei aqui por informações de colegas e, desde então, venho tentando aproveitar os cursos oferecidos. Fazer telefonia foi bom pra mim, pois agora tenho uma especialização, uma profissão para seguir. Minha intenção é ganhar um dinheiro para chegar, quem sabe, à faculdade".

Ralber Crivano, por sua vez, é figura carimbada no CAC já há algum tempo. Tem apenas 19 anos mas, apesar da juventude, não gosta de perder tempo. Além de telefonia, cursou também telemarketing. Para ele, como o mercado está muito competitivo, o melhor é ser versátil e explorar



Laboratório do curso de elétrica e bombas

todas as possibilidades. Seu colega, Sandro Rangel, de 24 anos, diz o mesmo. Filho de mãe doméstica e pai aposentado, ele sabe que a vida não é fácil, e por isso procura abraçar as oportunidades que aparecem à sua frente.

O artesanato é também um setor forte nos cursos ministrados pelo CAC, onde se aprende de tudo relacionado ao manuseio de materiais. Uma das melhores demandas do segundo semestre de 2002 foi o curso de velas decorativas, ministrado pela professora Fernanda Góes: "É a primeira vez que dou aula no CAC. Em três meses de curso, trabalhei com uma base de 25 alunas. Ficamos todas satisfeitas com os resultados", afirma.

Segundo Fernanda, "o CAC é uma escola de vida. Vem desde da avó ao neto. Tem cursos para todas as gerações aqui. Somos uma grande família. Os meninos aprendem algum ofício e não ficam nas ruas. Isso influi até mesmo no samba, pois os meninos que participam da Beija-Flor têm uma educação. Aprendem disciplina, coleguismo, respeito. Isso tudo é passado para eles. Sem falar nas senhoras de idade, que são as baianas e que participam também".

A administração do CAC está tão satisfeita com os resultados que já pensa na comercialização do material confeccionado. Além das alunas venderem em casa, para amigas e vizinhas, poderão expor em barracas numa movimentada rua de Nilópolis e em um shopping popular, no centro do Rio de Janeiro. Para as alunas é dinheiro em caixa e, para a coordenação do CAC, motivo de alegria, pois é sinal de que a obra está funcionando, trazendo benefícios para muitas famílias.

Outro curso bem sucedido é o de cartonagem, ministrado pela professora Kátia Maeve, no qual todo o trabalho é feito com papelão ou vários outros tipos de papel. Os resultados, obtidos durante os dois meses e meio de curso, são porta-retratos, caixas diversas, criativas, tradicionais, material de escritório, cartões etc. "Temos tido um resultado tão bom com o curso que devemos abrir novas turmas", revela Kátia.

Com tudo isso dá para se ter uma idéia do tamanho das obras mantidas pela Beija-Flor de Nilópolis, de sua grandeza. Ver essas pessoas, jovens ou idosas, terem seus sonhos realizados, de uma forma ou de outra, seja qualificando-se para o mercado de trabalho ou simplesmente conseguindo fazer um dinheirinho a mais no fim do mês, é realmente gratificante. Constatar essa alegria é, na verdade, o alívio daquela dor, proclamada pelo poeta. E poetas são aqueles que levam adiante o sonho próprio, seja na creche, no educandário, no CAC, ou até nos demais projetos assistenciais da Beija-Flor.

Se a obra é o alívio da dor, mãos à obra.

SAMBANDO COM O PÉ NO FUTURO

A Revista Beija-Flor - uma escola de vida foi ouvir a idealizadora e coordenadora do projeto "Sambando Com o Pé no Futuro", Célia Regina Domingues. Célia, que é também coordenadora geral dos programas sociais da Mangueira, explica que o projeto tem como objetivo principal qualificar a mão-de-obra da comunidade próxima às quadras das escolas através da organização e implantação de cursos técnicos gratuitos e viabilizar o seu acesso ao mercado de trabalho.

O projeto "Sambando com o Pé no Futuro", que conta com o apoio da Loterj, da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) e da Associação das Mulheres Empresárias do Brasil (Amebras), foi iniciado em julho de 2002 e oferece cursos de acompanhamento de idosos, telemarketing, informática, artesanato, cabeleireiro, esteticista, música, entre outros.

Todos os cursos são ministrados na quadra das escolas que tenham interesse em fazer parte do projeto. Segundo Célia, o "Sambando com o Pé no Futuro" é projeto extremamente democrático: "Qualquer escola de samba que queira participar do projeto precisa apenas oferecer a infra-estrutura básica para o funcionamento dos cursos. Quando a escola de samba se dispõe a ceder o seu espaço e possui essa infra-estrutura para sediar o projeto, apresentamos 14 tipos de cursos, dos quais a escola seleciona os oito cursos que pretende oferecer à sua comunidade."

Caso a escola não tenha a infra-estrutura que o projeto necessita ou os horários dos cursos não atendam a uma parcela da comunidade, principalmente aquela parcela que está em seu trabalho, a Amebras disponibiliza o curso nas instalações do Shopping Cultural Rio, localizado na Praça Tiradentes, 37, no centro do Rio de Janeiro.

Mas para o sucesso do projeto, além do envolvimento dos líderes das escolas de samba, é necessário que a própria comunidade se envolva, aproveitando a oportunidade que o projeto oferece. De acordo com a coordenadora do "Sambando com o Pé no Futuro", as escolas e as comunidades que mais se envolveram e se destacam atualmente são: Beija-Flor, em Nilópolis, a Grande Rio, em Caxias, a Mangueira, na Mangueira, a Porto da Pedra, em São Gonçalo e a Mocidade Independente, em Padre Miguel.

Para conhecer

Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David
R. Pracinha Wallace Paes Leme, 1652 - Centro - Nilópolis
(antiga Quadra da Beija-Flor)
Tel.: (21) 3760-0108 / 2660-9201

Dança e esportes para pequenos Beija-Flores

Mauricio Louro

Uma outra ala, se pudermos assim chamar, das atividades sociais da Beija-Flor, é a que se preocupa e trabalha para desenvolver um conceito mais amplo de cultura, ultrapassando os limites do samba e do carnaval.

É com esse espírito que a Beija-Flor fundou o seu balé comunitário.

Dirigido e ministrado pela professora Ghislaine Cavalcanti, que também é coreógrafa da Comissão de Frente da Escola de Samba de Nilópolis, o Balé Comunitário da Beija-Flor a cada dia vem se firmando na comunidade. No futuro, a previsão é de que novas turmas sejam formadas.

Ghislaine tem experiência e competência no que faz. Formada pela Escola de Dança do Teatro Municipal em 1973, estudou dos 7 aos 18 anos. Trabalhou no exterior, com a Walt Disney

Company. Passou seis anos na Europa, na Companhia de Balé da Espanha. De volta ao Brasil, fez outros trabalhos, até chegar à Beija-Flor. Para ela, foi um processo gradativo, que chegou ao seu ápice justamente na escola. Profissionalmente ela diz estar se realizando muito, a cada dia: “Nós fizemos um trabalho inicial de quatro meses, para testar o desenvolvimento da parte comunitária em relação ao balé. O balé é cultura, e nossa intenção era pegar essas crianças para tentar identificá-las com a arte. A finalidade é essa. Que através da arte elas possam ter outra visão do mundo e uma vida melhor. Nós iniciamos no ano de 2001, chegamos a algo em torno de cem alunos inscritos, o que nos levou a montar quatro turmas na faixa etária de 4 a 17 anos. Começamos uma vez por semana, às terças-feiras, e agora buscamos um apoio para fazer um mínimo de aulas duas vezes por semana, que seria o ideal”, explicou.

A idéia, segundo Ghislaine, partiu também de Thales

Batista, jornalista já falecido a quem a professora não poupa elogios. Foi ele quem a encorajou a iniciar o projeto, quando Ghislaine já trabalhava com a comissão de frente da Beija-Flor. Ela completou sete anos de Beija-Flor, como coreógrafa de comissão de frente, e pode também realizar ali o trabalho que considera sua menina dos olhos. Para o futuro, a intenção é desenvolver a arte da música e do canto.

As aulas são freqüentadas por pes-



Foto: Acervo Beija-Flor



“O balé é cultura, e nossa intenção era pegar essas crianças para tentar identificá-las com a arte. A finalidade é essa. Que através da arte elas possam ter outra visão do mundo e uma vida melhor.”

Ghislaine Cavalcanti

soas que não têm como pagar uma academia. Existe uma lista de espera, pois a procura é grande e não há como atender a todos, afinal, são quatro turmas por enquanto. Os grupos são formados, no máximo, por 25 alunos, o que dá a base de cem no total. As pessoas que querem ver os filhos inscritos ficam numa lista de espera. As convocações são feitas de acordo com o surgimento de vagas.

Os benefícios são muitos, desde o ato de tirar as crianças carentes das ruas, evitando a marginalização, até o fato de criar uma mentalidade social importante na formação do indivíduo. Com as informações culturais que recebem, por intermédio da arte e do esporte, a visão dos alunos passa a ser diferente. Eles encontram um futuro melhor e ajudam a família. Para Ghislaine, é gratificante acompanhar a formação de um indivíduo como cidadão, ciente de seus deveres e direitos e, acima de tudo, com a consciência de que faz parte de um mundo muito maior, com mais oportunidades. As crianças que frequentam o balé são, na maioria, da própria comunidade. Todos amam a Beija-Flor: “Aliamos a técnica com a cultura. Balé é arte, e em toda a arte se envolve cultura. Elas são obrigadas a saber história da dança, folclore, etc. Levam para a avenida essas informações, com outra postura. Sabem que na sala de aula, por exemplo, não é lugar de brincar. Isso cria um rótulo muito bom para a própria

Beija-Flor. Não é só carnaval. Dali nós fazemos com que a comunidade se torne uma grande família. Isso traz para a escola um certo *status*. Um benefício que deve se estender para outras agremiações. Precisamos nos estruturar para trazer essa juventude para um bom caminho”, finaliza.

Aprovado pelas mães, o balé comunitário da Beija-Flor tem alunas que hoje são personalidades da escola, como as princesinhas e a rainha da bateria, Raíssa.

Para sua mãe, D. Lúcia, Raíssa é motivo de orgulho para a família. Ver a filha, com apenas 12 anos, realizar o sonho de ambas é, realmente, emocionante. Ela acompanha Raíssa de perto, sempre de olho no progresso da filha. Lúcia considera o trabalho realizado pela Beija-Flor maravilhoso, não só para a sua família - ela tem um filho que também é bom de samba, que tem suas aulas com o professor Edinho, primeiro passista da Beija-Flor -, como para toda a comunidade nilopolitana. Sabe que ali há muito mais do que a arte do balé: “Eu acho importante tirar as crianças da rua e trazer para cá. Amanhã ou depois podem se tornar grandes bailarinas, formadas aqui. Eu não acreditava, até por minha filha ser uma criança, pois é uma responsabilidade danada chegar onde ela chegou. Para mim vem sendo uma emoção grande. Aqui é maravilhoso para as crianças e para mim também.”

Esportes

A Beija-Flor no intuito de oferecer à sua comunidade mais opções de cultura e lazer, possui um clube, conhecido como Parque Aquático da Beija-Flor de Nilópolis que proporciona ao associado, diversas oportunidades de socialização e entretenimento.

Noel Folino, vice-diretor de patrimônio da escola, é o responsável pela administração do Parque Aquático da Beija-Flor, onde, segundo ele, são dadas por professores contratados, aulas de natação e futebol.

A escolinha de natação, dividida em dois turnos, um pela manhã e outro à tarde, com dois professores por cada turno, recebe alunos das mais variadas idades. "Nossa escolinha de natação atende a partir dos três anos de idade, não tendo limite para parar", conta-nos, orgulhoso, Noel.

Segundo ele, o Parque Aquático da Beija-Flor possui, além da piscina semi-olímpica, onde se dá a escolinha de natação, uma piscina menor em formato oval.

Outra atividade promovida pela escola para movimentar o corpo da criançada, gastar energia e ensinar valores como amizade, companheirismo, e espírito de equipe é a escolinha de futebol, que funciona no campo de areia.

Durante muitos anos a escolinha de futebol tem sido uma das melhores opções para os jovens da região, chegando a ter uma média de 60 alunos por turno.

Segundo Noel, "essa escolinha atende muitas crianças da comunidade, e muitas delas, diria que a metade delas, porque não têm condições de pagar a mensalidade da aula, ganham uma bolsa da família Abrão David."

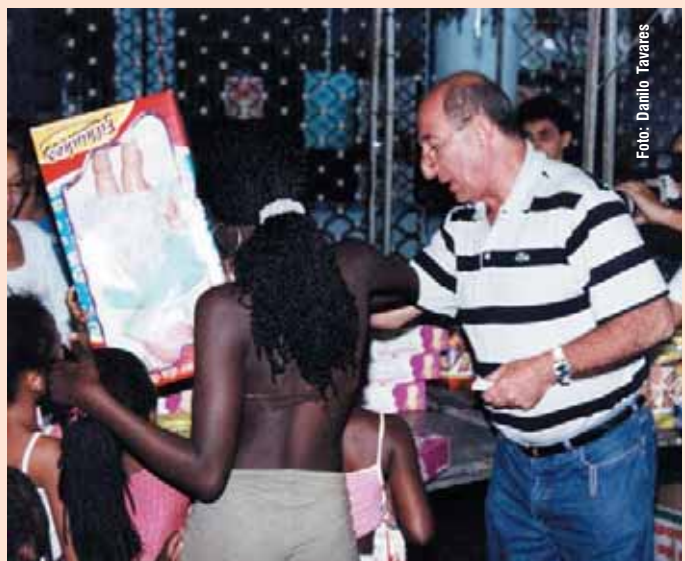


Time de futebol da Beija-Flor



Time de futebol infantil da Beija-Flor

Anizio durante a festa de Cosme e Damião, entregando a criança o seu brinquedo



Festa e brinquedos

A alegria da criançada

Karla Legey

Depois de termos conhecido as diversas atividades sociais da Beija-Flor de Nilópolis, onde crianças e jovens estudam, dançam, praticam esportes e se preparam para uma vida melhor, chegou a hora de relaxarmos um pouco.

Não vamos mais falar em disciplina ou responsabilidade. Nem em futuro.

Vamos falar em presente.

Sim. Presentes, festas, brinquedos e alegria.

Vamos falar das festas de Cosme e Damião e de Natal, que há mais de 40 anos, a família Abrão David, hoje sob a égide de Anizio, promove em Nilópolis.

As duas festas, realizadas na quadra da Beija-Flor de Nilópolis, são feitas para levar alegria às crianças através de entretenimento, apresentações e diversas outras atividades.

O ponto alto destes eventos, no entanto, é a entrega dos brinquedos para as crianças e jovens da comunidade. São 1.200 bicicletas e mais de 20.000 brinquedos distribuídos a todas as crianças que estão na quadra.

Anizio, que pessoalmente participa das duas festas, conta como surgiu essa iniciativa: "A idéia de fazer isso foi da mamãe. A contar de hoje, nós fazemos a festa de Cosme e Damião há uns 40 anos, e a de Natal, há uns 9 anos. Mamãe gostava muito de fazer isso; de dar doces e presentes para as crianças. Como mamãe tinha muito pouco, ela fazia sempre alguma coisinha para os pobres lá de perto de casa. Aí ela que criou essas festas. A partir disso nós partimos para frente e, a cada ano que der para melhorar a festa e a quantidade de brinquedos, a gente vai melhorar", conclui Anizio.

Ouvindo Anizio falar, parece até que é simples: "Fazer isso tudo que nós fazemos não é difícil. Não tem mistério. É preciso ter boa vontade e botar algum dinheirinho.". Mas sabemos que a

coisa não é bem assim. Segundo Farid, seu irmão, "na posição dele, no meio daquela criançada... Anizio poderia estar em qualquer lugar do mundo, mas não, ele está ali, pegando nos braços uma criança e entregando pessoalmente um brinquedo. E não é só no dia não. Ele fica uma semana dentro da Beija-Flor para organizar tudo. Ver mercadoria para comprar, escolher os brinquedos, os presentes, as bicicletas. Anizio fica de dois a três dias na Beija-Flor organizando a compra dos brinquedos, e nos outros dias, sai visitando as fábricas para negociar preços para poder comprar mais com o recurso que dispõe".

Talvez pensando em dar continuidade à obra, Anizio faz questão de levar seu filho, Gabriel, para as atividades que promove. "Meu filho gosta de participar dessas atividades. E acredito que é muito importante ele participar porque ele se aproxima um pouco mais dessa realidade e começa a ver os contrastes da vida da gente, ainda que, pela pouca idade, não entenda tudo direitinho. Além disso, ele aprende que devemos fazer o bem sem esperar nada em troca."

E de fazer o bem sem esperar nada em troca, o Anizio entende muito bem. Segundo Aline, na família, seu pai é o grande incentivador das iniciativas de fazer o bem às pessoas. Segundo ela, "além de botar a mão na massa, estar nos locais onde faz o bem, meu pai incentiva meus primos pequenos, filhos do Anderson, e meu irmão, o Gabriel, a participar desses encontros onde ele ajuda as pessoas, como uma forma de mostrar a eles a importância de se ajudar as pessoas. Com meu pai aprendi a importância de ajudar as pessoas, sem demagogia", conclui.

Se Anizio foi capaz de ensinar aos seus filhos maiores o valor da fraternidade, os resultados com o pequeno Gabriel não o desapontam: "na festa de natal, umas duas ou três vezes ele se chegava em mim e perguntava: 'papai, aquele garotinho quer um presente; posso dar a ele?' Isso me deixou muito feliz, porque pude ver nos olhinhos dele a preocupação em distribuir um pouco de felicidade para as crianças mais pobres".

Anizio Abrão David

o homem por trás da obra

Ricardo Fonseca
Hilton Abi_Rihan

Falar das obras assistenciais da Beija-Flor de Nilópolis sempre foi uma tarefa difícil, afinal de contas, como falar, de maneira completa, sobre benefícios ocultos que nós mesmos não somos capazes de identificar?

Entendemos que, na maioria das vezes, a compreensão mais profunda das coisas está além dos limites dos sentidos puramente materiais e da análise racional das coisas.

Muitas vezes o que vemos, não é a realidade, e sim, a sua primeira impressão. Somente a sensi-

bilidade e a vontade verdadeira de ver a realidade das coisas, das obras e das pessoas é que nos permitem compreender um ao outro.

E não poderia ser diferente, ao buscarmos falar sobre o principal idealizador e mantenedor das obras da Beija-Flor de Nilópolis: Anizio Abrão David.

Anizio é um homem de poucas palavras.

Só esse seu silêncio já é um desafio a quem

tenta compreendê-lo.

Talvez tenha compreendido que as ações são mais poderosas do que as palavras. Não podem ser deturpadas, alteradas ou corrompidas: são o que são.

Por isso, por esse poder da ação sobre a palavra, Anizio decidiu deixar o discurso para os filósofos e para os sonhadores e partiu para a construção da realidade.

Compreender esse movimento, de sair de si mesmo para construir uma obra da envergadura da Beija-Flor de Nilópolis é o nosso desafio: O que motiva esse homem? Como uma pessoa com tantos compromissos ainda encontra tempo e energia para se dedicar a uma das tantas atividades sociais como as da creche, educandário, CAC, festa de Cosme e Damião e natal? Essas são as perguntas de muitos.

Anizio poderia estar viajando o mundo, ou mergulhado em seus inúmeros negócios, fazendo qualquer coisa, ou até mesmo não fazendo nada. Mas ele se mantém fiel à sua crença, e, ano após ano, dia após dia, incansavelmente, há mais de 40 anos dá a sua contribuição, doando a quem não tem, distribuindo alegria e esperança a milhares de famílias da baixada Fluminense.

Para quem não conhece a sua vida, e esse pode ser um dos indícios das suas motivações, Anizio viveu, como muitas crianças de sua época, as restrições e dificuldades de uma família pobre na baixada Fluminense. Filho de imigrantes libaneses, desde cedo deu valor ao trabalho: quando criança, trabalhou em diversas atividades, tendo sido engraxate, vendedor de suco de laranja, entre outras coisas.

É ele quem relembra, com uma certa nostalgia, os tem-

Jovem Anizio na creche



pos em que era vendedor de bala no cinema: "Naquela época ser baleiro não era fácil. A gente carregava, pendurada pelo pescoço com uma corda muito grossa, uma pesada caixa de madeira cheia de balas e saía gritando no cinema, antes de começar o filme: "Bala! Baleiro, Bala!". Depois que o filme terminava, eu saía do cinema de pescoço duro, porque durante toda a seção do filme, eu tinha que ficar de pé com aquele negócio pendurado no pescoço, pois era proibido ao baleiro se sentar nas cadeiras do cinema. Mas valia a pena. Além de me sentir útil, ajudando a minha família, conhecia muita gente e fazia muitos amigos".

Mais tarde, já com 16 anos, Anizio é convidado pelo pai, já então dono de um armarinho em Nilópolis, a ajudá-lo no seu negócio. Indo de trem para a Rua da Alfândega, Anísio tinha a responsabilidade de pegar enormes rolos de lã para o armarinho do seu Abrão: "Eram rolos de lã enormes, que eu colocava sobre a cabeça e trazia para o armarinho, quando o pessoal da loja não podia entregar na loja do papai."

Trabalhador incansável, Anísio construiu, com muito suor o patrimônio que hoje permite que mantenha as atividades sociais da escola e a própria escola: "Tive uma gráfica, uma indústria de fibra de vidro, já trabalhei com compra e venda de carros, e hoje, vivo de alguns negócios, entre eles compra, venda e locação de imóveis e algumas sociedades".

Tão vastas experiências, associadas ao amor e à união que a família sempre cultivou, fizeram de Anísio um homem forte, e talvez, porque tenha visto tanta pobreza e miséria a sua volta, tenha decidido transformar a realidade que o cerca. "Meu pai sempre teve como ideal não só o melhor para ele, mas o melhor para o que o rodeia. E Nilópolis é a terra dele. Por isso, ele vem realizando esse trabalho importantíssimo em Nilópolis. Eu acho que se cada um fizesse a sua parte, o

país estaria totalmente diferente", comenta seu filho Anderson Muller.

Foi pensando assim que Anizio construiu as diversas atividades que beneficiam a população de Nilópolis e da baixada.

Seus amigos são unânimes em afirmar que ele é homem inteligente, competente, e que sabe aproveitar ao máximo a potencialidade de tudo que chega às suas mãos. Isso sem deixar de ser generoso, pois está sempre disposto a ajudar os amigos.

E falando em amigos, procuramos um de seus amigos de infância: 'seu' Ary Rodrigues. Amigo de Anizio há mais de 50 anos, desde a época dos encontros no armarinho da "Tia Julia", na rua Mirandela, 'seu' Ary destaca essa qualidade do amigo: "O Anizio é uma pessoa muito boa. Nunca deixa um amigo na mão. Se precisar dele, e for verdade, ele ajuda. Mas você não pode querer enganar ele. Se é sincero, ele também é legal com você".

A atriz e amiga da família, Cláudia Raia, chama atenção para a sua generosidade, que aliada a uma forte sensibilidade, é uma das principais virtudes de Anizio: "Ele é uma pessoa muito sensível e generosa. E o que acho muito bacana nele é essa sua capacidade de ajudar a tantas pessoas e em momento algum ficar vaidoso por isso. Sua humildade e o seu carinho com aquelas pessoas fazem a doação dele ser muito maior do que simplesmente o bem material."

Segundo Edson Celulari, esposo de Cláudia e que divide com ela a amizade de Anizio e Fabíola, "Anizio é realmente um homem de muitas qualidades, entre elas a generosidade e a liderança. Um exemplo para muita gente. Onde está a mão do Anizio, está a sua capacidade de organização. Por isso, tudo que ele faz é bem sucedido.", declara .



Casal amigo de Anizio e Fabíola, Edson Celulari e Cláudia Raia são unânimes: "Anizio é uma das pessoas mais generosas que conhecemos. E o que é bonito é que ele ajuda as pessoas e ninguém fica sabendo.

É um homem de grande coração, e uma pessoa muito querida da gente."

Edson Celulari e Cláudia Raia



Anizio ao lado de seu filho Gabriel na festa de natal em Nilópolis

Mas não pense que a sua generosidade não o coloca frente à frente com ingratidões e incompreensões.

Segundo seus amigos, não é raro alguém lembrar uma história onde o Anizio ajudou alguém e depois foi traído. Mais uma vez é o seu filho Anderson que revela uma face pouco divulgada de seu pai: "às vezes eu vejo meu pai ajudando uma pessoa e lá na frente essa pessoa dá uma rasteira nele. Aí eu falo com ele coisas do tipo: 'que braba hein, pai! E você ainda o ajudou...!'. Mas aí ele vem com uma frase que eu acho muito legal e que demonstra a sua grandiosidade: 'quando a gente quer ajudar, a gente ajuda e sem esperar nada em troca'. E isso é uma verdade de meu pai. Ele faz e não espera nada em troca. E não é por causa de uma ou outra rasteira que ele para de ajudar os outros. É uma coisa que admiro muito nele", conclui orgulhoso.

Anzinho, filho de Anizio, destaca, ainda, as sinceras anti-gas intenções de seu pai: "Muitas pessoas não entendem o meu pai. Mas isso só significa que elas não têm a capacidade de entendê-lo. Eu e meus irmãos, que convivemos com ele, sabemos com a sua bondade é sincera. Sempre foi uma das maiores preocupações de meu pai ajudar as pessoas mais necessitadas. Diversas vezes ele falava para a gente: "O pobre merece alguma coisa. A verdade é essa. Acho que todos nós devemos fazer um pouquinho pelo pobre. E isso aprendi com sua avó Julia".

Anizio confirma as conversas com seus filhos, e completa: "Desde cedo, minha mãe incentivava a mim e a meus irmãos, através dos seus próprios exemplos, a termos respeito e compaixão pelos mais pobres: Lembro que ela não tinha nada, mas sempre ajudava os pobres. E por causa disso, cresci entendendo que o importante não é com quanto ajudamos o pobre. O importante é ajudar com o que podemos. O que as pessoas devem fazer é separar um pouco do que ganham para ajudar as pessoas que precisam... É assim

que eu faço, e tem dado certo: quando ganho mais, separo mais. Quando ganho menos, separo menos, mas jamais deixo de ajudar essas pessoas.", desabafa Anizio.

"Agora, se você me pergunta como consigo fazer tudo isso, eu te respondo: é muita vontade de fazer, mas também é a confiança na equipe que trabalha comigo, seja para as coisas da escola seja para as coisas da creche, educandário, CAC, e festas de Cosme e Damião e natal. Sem a participação dessas pessoas, todo o trabalho seria impossível".

Se sua história fala um pouco do que ele é, seus amigos, são capazes de complementar nosso entendimento. Segundo capitão Guimarães, que considera Anizio "um irmão", o que o move a desenvolver atividades sociais como as que conhecemos "é uma coisa que o Anizio tem dentro dele. Quem conhece o Anizio sabe a grandeza do seu coração e a sua preocupação com as pessoas mais simples." Já Farid, seu irmão, arrisca: "Se você quer entender o que motiva o Anizio a trabalhar tanto por essas pessoas, eu te digo a razão: Ele se sente muito feliz fazendo o que faz".

Seja qual for a razão, é inegável que esse homem é, hoje, um dos principais benfeitores do nosso país e um exemplo a ser seguido.

Oxalá mais homens como ele se sintam felizes promovendo obras em favor dos mais necessitados...

... E quem sabe, assim, teremos um país mais feliz.



"O Anizio é uma pessoa muito boa. Nunca deixa um amigo na mão. Se precisar dele, e for verdade, ele ajuda. Mas você não pode querer enganar ele. Se é sincero, ele também é legal com você".

Seu Ary

Realize suas fantasias!

Artigos para Fantasias de Carnaval,
pedrarias, plumas, tecidos exclusivos,
aviamentos, complementos especiais
e muito mais...



Palácio das Plumas
11 3277 3000

Rua Maracai, 58 - Acimação - São Paulo - SP
www.plumas.com.br



entrevista com

Zico

**Hilton Abi-Rihan
Ricardo Fonseca**

Apesar de ter feito história no Brasil e no mundo, tendo sido o único estrangeiro premiado pelo governo japonês por contribuições ao esporte nacional, que lhe renderam duas estátuas no Japão, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, é um homem simples. Amante de um bom samba, uma churrascada e uma pelada entre os amigos, Zico prevê: “Esse ano seremos campeões!”

Em uma conversa bastante agradável em seu escritório, o Galinho de Quintino e de Nilópolis, deixa o seu recado à família Beija-Flor, fala o que pensa de diversos assuntos do nosso dia a dia.

Zico, você pode ser considerado um homem de sucesso e realizado. Você atribui esse sucesso a que fatores?

Acho que os valores que aprendi com a minha família, meus pais e irmãos, foram fundamentais. Eles me ensinaram, pelo modo de viver deles, o

que era certo e o que era errado, plantaram valores dentro de mim que me permitiram seguir adiante de cabeça erguida e sempre perseverando no que queria.

Você dá um grande valor a sua família e aos seus pais na sua formação. Você acha que os pais de hoje em dia estão um

pouco mais relaxados no ensino de valores que devem nortear o homem de bem ao longo de sua vida?

Meu pai tiveram muito trabalho em nos dar uma educação decente. Lutaram para poder conseguir o que conseguiram. Principalmente porque foram seis filhos.

Eu acompanhei de perto a luta do meu pai, na alfaiataria, para poder nos dar o que comer, o que vestir e condições de estudar.

Dá trabalho educar filhos. E muitos pais hoje não querem ter esse trabalho.

Esquecem que um filho não educado, e não orientado, será, no futuro um problema para a sociedade e para eles mesmo.

Por outro lado, é compensador quando pais que educam seus filhos com carinho e dedicação ouvem das pessoas e amigos que "seus filhos são ótimos", "seus filhos são muito educados". E isso acontece muito comigo e com a Sandra. E isso nos deixa muito felizes. É muito bom para nós ouvirmos isso.

Mas muitas vezes não conseguimos, como pais, impor aos nossos filhos tudo que queremos. O que fazer?

Todos temos nossos limites, não só na maneira de educar, mas até aonde chegar. Na adolescência, eles farão as escolhas próprias, e nem sempre conseguiremos influenciá-los nessas escolhas. Mas o mais importante é termos dado a base de uma educação moral e intelectual à eles, pois isso certamente irá nortear, lá no fundo, suas escolhas.

Como você analisa a busca pela popularidade que muitos de nossos jovens fazem hoje?

O que vejo é uma mudança de valores e que atinge a formação moral do jovem. Não vale apenas o que você têm, mas o que você é.

Muitos dos nossos jovens têm se maravilhado com os holofotes da popularidade, e acabam, dentro das suas possibilidades e limitações, buscando estar sob esses holofotes, esquecendo que o que importa não é estar em destaque, ou aparecer na mídia, mas sim a sua produtividade na vida, o que você fez em benefício da sociedade.

O jovem tem que entender que ele tem que ter uma perspectiva duradoura da vida. Ele tem que buscar uma situação que lhe dê base. Ele não pode se deixar levar pelo imediatismo.

Eu sei que é uma escolha difícil para o jovem, mas ele deve ter a certeza que sabendo escolher encontrará uma felicidade duradoura.

E sobre as drogas? Elas são hoje um dos principais problemas da nossa juventude. Considerando que você é ídolo de muitas gerações, e muitos jovens tem você como um modelo, o que você pensa a respeito desse assunto?

Eu convivi no início do surgimento da maconha com pessoas que eram do meu círculo e que fumavam.

Nunca procurei experimentar maconha ou me embriagar para fazer minhas coisas. Nunca me interessei por essas coisas.

Acredito que o jovem tem que aprender a fazer o que quer sem fazer uso de qualquer tipo de droga. Seja qual for a idade, se quer paquerar, praticar um esporte, meditar ou qualquer outra coisa, deve buscar fazer essas coisas sem utilizar drogas.

Quando fazemos as coisas de "cara limpa", ganhamos controle sobre nós e nossa vida, e essa independência é muito importante, porque nas mais variadas situações da vida nós teremos que tomar decisões. E lúcidos, tomaremos sempre as melhores decisões.

Quando a garotada vem conversar comigo sobre a questão das drogas, costumo falar o seguinte: "Conversa com o pessoal mais velho da sua rua e pergunta para eles aonde estão os amigos de juventude que se envolveram com droga. Você vai ver que ou estão presos, ou morreram ou passam por grandes necessidades financeiras e afetivas nos dias de hoje."

Eu acho que quanto mais orientação você vai tendo no decorrer da vida, mais você vai entendendo que tudo aquilo que comprovadamente faz mal, você não deve usar.

Isso não significa que você vai ficar em casa, isolado do mundo, sem fazer nada. Nos dias de hoje, isso não só é improvável, como impossível para os jovens.

Você pode tomar a sua cervejinha, seu vinho, mas fazer as coisas com precaução. Levar uma vida saudável, mas sem deixar de fazer as coisas que lhe dão prazer.

Mas respeitando você e as pessoas à sua volta.

Quem te vê hoje, bem-sucedido e técnico da Seleção Japonesa de Futebol, imagina que você nunca sofreu baques e decepções na vida. Isso é verdade?

É lógico que não. Ninguém está livre das lutas e sofrimentos da vida, e comigo não seria diferente.

O que às vezes faz alguma diferença é como enfrentamos nossos problemas e nossas decepções, construindo, assim, nosso futuro.

Vou contar aos amigos da Beija-Flor de Nilópolis uma das passagens mais sofridas da minha juventude, que quase me fez desistir de jogar futebol.

Eu ainda jovem, tinha 18 anos, quando passava da categoria de juniores para profissional do Flamengo. Na ocasião estava sendo montada a equipe que iria para a Olimpíada de 1972, na Alemanha.

Em razão do meu desempenho, minha convocação era certa. O treinador da seleção, na época, me procurou no Flamengo e me pediu que voltasse a jogar nos juniores para que pudesse estar em atividade, já que no profissional não estava jogando.

Ele, o treinador, me dizia que meu nome estava certo...

Eu então voltei a jogar, fui o artilheiro da competição e fomos campeões dos juniores.

Além disso, joguei o pré-olímpico, fiz inclusive o gol do Brasil sobre a Argentina, que nos classificou para a Copa na Alemanha, em Munique.

No dia que saiu a convocação, nem fiz questão de ouvir, pois, segundo o técnico “eu estava dentro”.

Só que para minha surpresa e decepção, não havia sido convocado.

A minha decepção foi grande porque estava muito confiante na convocação. Sabe quando você não escuta a convocação porque você já sabe que está convocado e, de repente sofre uma decepção?

Só não larguei tudo porque o Edu, meu irmão, esteve ao meu lado, me incentivando e me dando uma força enorme.

Quando soube que estava fora da competição, fui para casa desolado e o Edu, vendo minha tristeza, se chegou à mim e me deu alguns conselhos, me mostrando as alternativas possíveis, e principalmente, me fazendo ver a importância de perseverar no que era o meu sonho e a minha ambição.

Foi um acontecimento muito dolorido, mas graças aos meus familiares e amigos, superei esse momento.

Você fundou e administra o CFZ, uma escolinha de futebol no Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro. Você acredita que projetos como esse podem contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos jovens da nossa cidade?

Quando criei a escolinha de futebol, comecei sem muitas pretensões. Hoje a escola é uma opção na vida de muitas crianças e jovens.

Tanto no país quanto no Rio de Janeiro temos um enorme contingente de jovens que estão a espera de uma oportunidade para se agarrarem e, assim, construir seu futuro.

Pode ser uma oportunidade no esporte, nas artes, ou, infelizmente, no crime.

Hoje, nós fazemos nossa parte. Para você ter uma idéia, próximo ao clube, no Recreio dos Bandeirantes, existe uma comunidade carente onde 300 alunos treinam na escolinha. Além da oportunidade de desenvolverem a habilidade esportiva, que pode se tornar um alternativa na vida deles, esses jovens aprendem uma série de coisas que caminham ao lado de uma atividade esportiva, como por exemplo, a confiança, o companheirismo, o trabalho em equipe...

Como se não bastasse, esse bate bola aqui na escolinha, fez com que jovens e pais que não se falavam em sua comunidade, aqui se sentassem e torcessem juntos.

O que você diria para aquelas pessoas que desejam contribuir com a melhoria da sua comunidade, e que se miram na

sua iniciativa da escolinha, mas que desanimam porque não podem criar uma obra grandiosa como a que você criou?

As pessoas que querem podem fazer alguma coisa pelo bem da sua comunidade, ou da sua região.

Naturalmente, cada um com seu círculo de relacionamento que, de uma certa maneira, determina o grau do empreendimento. É provável que o meu nome, associado ao meu ciclo de relacionamento, tenha sido importante para chegar ao ponto que a escolinha chegou.

No entanto, cada um deve fazer de acordo com os seus limites, e se você não pode criar uma atividade social em uma área de 34 mil metros quadrados, com seis campos de futebol, e academia, pode, certamente, criar um centro deses em uma área menor, mais simples, mas que, de qualquer maneira, irá beneficiar a todos aqueles que lá chegarem.

Existem as grandes, as médias e as pequenas obras, e precisamos ter obreiros para tocar cada uma delas, sem comparar qual é maior ou melhor, pois todas são importantes.

Quando se tornou Beija-Flor?

Na minha juventude eu frequentava com uma certa regularidade os ensaios nas quadras de algumas escolas. Tinha uma seqüência programada: sexta-feira, na Mangueira, sábado na Portela e domingo, no Salgueiro. Isso de acordo com a minha disponibilidade de tempo, pois geralmente sábados e domingos eu estava envolvido em jogos pelo Flamengo.

Em 1974 o Flamengo havia sido campeão e eu, artilheiro do campeonato.

Em dezembro do mesmo ano, a Beija-Flor fez uma homenagem à mim na sua quadra, e o Cristovão, zagueiro do juniores, levou o recado de que o pessoal da Beija-Flor queria me homenagear, me entregar um troféu.

Fomos lá. Foi uma receptividade que eu não tive em lugar nenhum... Fui muito bem recebido não só pelo público de Nilópolis, mas também pelo Anizio e Nelsinho.

Foi uma festa muito bacana, e um acontecimento inesquecível para mim.

Passado esse acontecimento, no início da temporada de 1975, eu comecei a ver o desfile da Beija-Flor e, no dia da apuração, eu tinha treino na Gávea.

No início do treino coloquei um escudo da Beija-Flor no meio da camisa do Flamengo e treinei assim...

Alguns colegas diziam que eu tinha que ser Mangueira, porque Flamengo tem que ser Mangueira, mas você sabe como é: o que bateu foi a Beija-Flor. Eu frequentava a Mangueira, gostava muito do Bira, mas nunca bateu. Quando não bate, não adianta. Aí virei Beija-Flor. Logo depois a Beija-Flor foi campeã, e aí ficou melhor ainda.

De lá para cá, muitos momentos de emoção. Você pode citar alguns?

São vários, mas vou citar alguns.

Um momento de grande emoção para mim é quando vou ao barracão acompanhar os preparativos do desfile e vejo o pessoal trabalhando, transformando lixo em luxo, materializando idéias, transformando blocos de isopor em obras de arte.

São operários a serviço da arte brasileira.

Outro momento de grande emoção é o desfile, vendo o público delirar quando passa a escola pela avenida. Isso sem falar nas vitórias da escola.

Mas um dos momentos que muito me marcaram, foi no ano de 1999, quando, operado o joelho há mais ou menos uma semana antes do desfile, e após uma seqüência de anos desfilando pela escola, decidi não desfiler em razão das minhas dificuldades físicas na ocasião.

Estava triste, mas conformado em não desfiler.

Foi chegando a hora do desfile e o Anizio, ao saber que eu não iria desfiler por causa da cirurgia que eu havia feito no joelho, não deixou por menos: disse que eu iria desfiler em um carro alegórico.

Ele providenciou, então, um *smoking* de um carro que tinha um cassino e lá fui eu cruzando a Sapucaí, segurando a bengala de um lado e o corrimão do carro de outro.

Ali, eu vi como era querido pelo Anizio e pelo pessoal da escola. Foi um grande momento para mim.

E em relação ao Carnaval de 2003. Qual a sua expectativa?

Em relação ao Carnaval da Beija-Flor em 2003, achei muito significativo o fato do enredo abordar com uma antecedência, o que virá a ser a plataforma do atual governo federal, que se propõe a atacar com firmeza problemas antigos, como a fome com um forte trabalho social.

Significativo porque, além de tudo, a Beija-Flor faz esse trabalho em benefício da sua comunidade há muito tempo.

Levar essa mensagem para o Brasil, e para o mundo, é essencial. E não há melhor lugar do que o desfile das escolas de samba para falar sobre essas coisas. O país inteiro pára para assistir...

Em relação ao desfile, acredito que faremos um lindo e emocionante carnaval... E seremos campeões.

Como você mesmo disse, a Beija-Flor já faz um trabalho de assistência há muito tempo. Como você vê as atividades mantidas pela Beija-Flor, pelo Anizio e pela família Abrão David?

O que vejo como importante nas atividades mantidas pelo Anizio e pela Beija-Flor é o fato de você fazer com que 1.500 crianças e jovens participem de projetos que possam enriquecê-las como ser humano e como profissional, é fantástico.

É uma obra fantástica. Vamos ficar mais felizes quando sur-



Zico em seu escritório, durante entrevista

girem os resultados dessa iniciativa.

Todos devem aplaudir e incentivar a iniciativa e o pioneirismo do Anizio e da Beija-Flor.

Que mensagem você gostaria de deixar para nossos jovens leitores?

Quero agradecer a comunidade da Beija-Flor a oportunidade de poder falar para eles, que é a comunidade que eu amo, eu estimo, adoro, curto... e que da qual gostaria de estar mais próximo, mas por motivos profissionais não tem sido possível.

Que o pessoal continue acreditando na escola, nas obras sociais e educacionais que são promovidas. Continuem se dedicando e demonstrando na avenida aquilo que o público quer ver. Que se entreguem na avenida e dêem tudo de si, porque é ali que a gente mostra a grandiosidade e beleza da Beija-Flor.

Quero deixar uma mensagem de otimismo. Para que sejam aproveitadas as oportunidades que estão sendo dadas pela escola Beija-Flor a esses jovens para que eles conquistem o seu lugar ao sol seja em que atividade for.

E que todos tenham muita luz, muita paz e que consigam realizar seus objetivos.

Beija-Flor

em revista

Claudia Pinheiro

Criar uma revista de vanguarda, que fosse capaz de tratar o samba e o carnaval de uma maneira simples, inteligente, com um conteúdo jornalístico e com uma apresentação de qualidade sempre foi um sonho do patrono da Beija-Flor de Nilópolis, Anizio Abrão David.

Uma revista que fosse, ao mesmo tempo, um documento histórico da escola e um canal de informação para o grande público sobre a origem e os bastidores do carnaval.

Acostumado a ver a sua escola, a Beija-Flor de Nilópolis, ser considerada pela crítica especializada a escola de samba que inova, que mexe com conceitos e que dita as tendências estéticas dos desfiles de carnaval, Anizio queria que a revista refletisse o esplendor e a vanguarda que a sua escola do coração tão bem representa.

Para concretizar esse desafio, Anizio contou com a ajuda do acaso: Certa manhã, em sua resi-

dência, em companhia do amigo, jornalista e radialista Hilton Abi-Rihan, Anizio comentou seus projetos de revista para a Beija-Flor. Assim que ouviu as idéias de Anizio, Abi-Rihan se propôs a executar essas idéias. Foi então que, em parceria com seu amigo Ricardo Fonseca, empresário da comunicação, iniciou o projeto da revista.

Essa decisão, certamente, foi um dos grandes segredos do sucesso da revista, como destaca capitão Guimarães, presidente da Liesa: "a Beija-Flor está entre aquelas escolas de vanguarda: faz uma das melhores revistas do carnaval. E a grande cartada do Anizio foi contratar profissionais para sua produção".

Para lançar a primeira edição, em janeiro de 2002, a escola preparou uma festa, no Clube Monte Líbano, na qual compareceram nomes importantes do samba, como Leci Brandão, o presidente da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), Ailton Guimarães Jorge, o capitão Guimarães, o diretor cultural da Liga, Dr. Hiram Araújo, e também Elmo, da Mangueria, entre outros.



Anizio recebe e confere a qualidade das revistas.



Foto: Danilo Tavares



Foto: Robson Barreto

Durante lançamento: Abi-Rihan, Anizio, Fabiola, Gabriel e Laíla.

Para homenagear os amigos presentes ao encontro, e criar um ambiente descontraído e agradável, a Beija-Flor preparou algumas surpresas para a noite, entre elas as apresentações do casal de mestre-sala e porta-bandeira, Claudinho e Selminha, da comissão de frente, que encenou a transformação de Agotime, e da ala mirim, organizada pelo Edinho. Tudo isso ao som da bateria da escola sob a liderança dos mestres Paulinho e Plínio e com a inconfundível voz de Neguinho da Beija-Flor.

Os motivos para comemorar eram muitos. A presidência da escola não se contentou apenas em imprimir a história da Beija-Flor para não deixá-la se perder no tempo. Catalogou e imprimiu aos montes. Foram 60 mil exemplares distribuídos no sambódromo, nos dias de carnaval, e nos principais vôos da Varig no eixo Rio - São Paulo - Brasília. "A revista Beija-Flor - uma escola de vida é um marco na história do carnaval, pois nenhuma escola havia documentado suas origens e seus desfiles com uma revista de tiragem tão ambiciosa.", conta Hilton Abi-Rihan.

Tanto empenho rendeu fartos elogios, inclusive do ministro da cultura Francisco Weffort. O ator Anderson Muller, filho de Anizio e sempre atuante na escola, conta que "a qualidade jornalística e a forma de apresentação foram o que mais chamaram a atenção. É uma publicação que traz informação e cultura com clareza."

Edson Celulari diz: "Uma comunidade que se olha sabe da importância, não só do respeito a sua memória e ao seu passado, mas também a importância que essa tradição seja contada através da escrita. Devemos respeitar, reverenciar e retomar esse passado para ir adiante."

O escritor e pesquisador da história do carnaval, e responsável pelo departamento cultural da Liesa, Dr. Hiram Araújo, aplaude a idéia: "A iniciativa de fazer uma revista sobre as origens da Beija-Flor de Nilópolis, explicando um pouco das principais alas foi muito importante para a história do samba

e do carnaval brasileiro."

Dr. Hiram ainda destaca a seção "Beija-Flor de todos os tempos" que apresenta os desfiles da escola desde 1954: "A seção se transformou em um mapa da história da escola. Quem quiser obter essas informações da escola, bastará apenas consultar a revista. Fantástico!"

E conclui: "as escolas de samba já fazem parte da cultura brasileira. É preciso documentar suas histórias e mostrar suas origens para que permaneçam vivas como patrimônio cultural do país. Precisamos resgatar figuras emblemáticas e acontecimentos representativos do nosso carnaval. Cada informação que se consiga registrar para a posteridade é uma iniciativa importante para a manutenção de nossas raízes e perpetuação de nossa cultura. A revista foi muito feliz, nesse sentido. É por iniciativas como essa, entre inúmeras outras, que o Anizio hoje faz parte da vanguarda do carnaval. Sem ele, suas idéias e iniciativas, o carnaval seria mais pobre."

Hilton Abi Rihan reconhece que o trabalho foi duro, mas explica: "era a primeira vez que se fazia um trabalho dessa envergadura dentro da escola. Mas graças a Deus e à competência do pessoal da Designum deu tudo certo."

O sucesso dessa iniciativa orgulha a todos que participaram dela. Abi Rihan diz que a revista certamente será um legado de cultura para todas as gerações que se interessarem por carnaval. "Produzimos uma das mais belas revistas de samba e carnaval e quem não quiser ficar por fora do assunto, tem que ler a revista", completa.

E mais uma vez, Anizio dá a palavra final: "a revista ficou ótima. Nota dez!"



Hilton Abi-Rihan, Anizio Abrão David e Ricardo Fonseca



Distribuição da revista durante o Desfile do Grupo Especial



Ministro Weffort e Anizio Abrão David



Sorte e diversão todos os dias!

Petrópolis

Rua do Imperador, 734 — Centro — **Petrópolis** — Rio de Janeiro Tels.: (24) 2245-4162/2243-0620



CRISTAL

ELEITO O MELHOR SUPERMERCADO DO RIO

Junto com a Beija-Flor
Nesse Carnaval



NILÓPOLIS

RUA - ANTÔNIO JOSE BITTENCOURT, 429
CENTRO - NILÓPOLIS - RJ



EDSON PASSOS

ESTR. - PRESIDENTE CASTELO BRANCO
EDSON PASSOS - MESQUITA - RJ

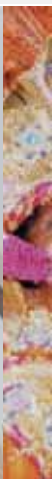
CARNAVAL 2002

O Desfile

de uma Campeã

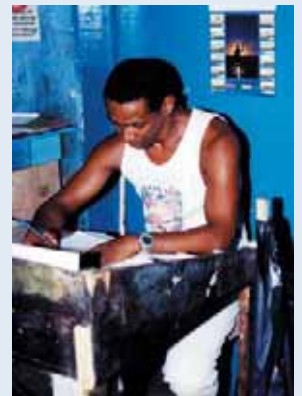


Fotos: Danilo Tavares





A Família Beija-Flor








itacril

Uma Questão de Qualidade !

Onde aplicar Itacril:

- 
- Telhas cerâmicas
 - Telhas em amianto
 - Pedras em geral
 - Pisos em granilite
 - Tijolos de barro
 - Cimento armado
 - Concreto aparente

Fale Conosco



Itacril Ind. Com. Resinas

Rua Vinte e Cinco de Dezembro s/nº Bairro Caxambu Velho

Caxambu - MG

Tels.: (35) 3341-5555 / (35) 3341-5864



O CAPITAL NACIONAL MOSTRANDO
O SEU VALOR.

